

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EM ESCOLAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

TIAGO PEREIRA GOMES
(Org.)



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EM ESCOLAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

TIAGO PEREIRA GOMES
(Org.)



Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra. Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: www.canva.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estágio supervisionado na Educação Infantil [livro eletrônico] : experiências da prática em escolas no interior do Amazonas / Tiago Pereira Gomes (organizador). -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-562-3

1. Educação infantil 2. Ensino Superior
3. Estágio Curricular Supervisionado 4. Prática de ensino 5. Prática pedagógica 6. Professores - Formação I. Gomes, Tiago Pereira.

25-307233. 1

CDD-370. 71

Índices para catálogo sistemático:

1. Estágios : Professores : Formação profissional : Educação 370.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

 **10.48209/978-65-5417-562-3**

Esta obra foi construída de forma coletiva, reunindo diferentes vozes, experiências e perspectivas. As opiniões expressas nos capítulos são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e não representam, necessariamente, a posição desta editora. Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



APRESENTAÇÃO

A formação de professores é um campo em constante disputa de narrativas e significados, no qual a relação entre teoria e prática frequentemente se apresenta como um desafio central. É com o propósito de lançar um olhar aprofundado e contextualizado sobre essa questão fundamental que apresento a obra “ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EM ESCOLAS NO INTERIOR DO AMAZONAS”. Organizado por Tiago Pereira Gomes, este e-book não é apenas uma coletânea de relatos, mas um rico mosaico de vivências, reflexões e investigações que emergem de um cenário singular e de imensa relevância para o debate educacional brasileiro: as escolas públicas no coração da Amazônia Brasileira, região do Médio Amazonas.

Fruto das experiências da primeira turma de Pedagogia do Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Itacoatiara, este livro oferece um sopro de renovação ao registrar as vozes de professoras em formação. Os autores, Tiago Pereira Gomes; Mirian Monteiro Torres; Silvania Victória Leal Batista; Geovanna Dias Mota; Marilena Amorim Cunha e Luana Almeida Cavalcante da Costa por meio de suas narrativas, desconstroem a visão do estágio supervisionado como um mero apêndice curricular ou um espaço de aplicação instrumental de teorias. Ao contrário, o que se revela nestas páginas é o estágio como *lócus* privilegiado da práxis, um campo de conhecimento onde a teoria é interpelada pela realidade, e a prática é iluminada pela reflexão crítica.

Ao percorrer os capítulos, o/a leitor/ra é convidado/da a uma imersão no cotidiano da Educação Infantil amazônida, acompanhando o percurso formativo das estagiárias desde a sua chegada à escola. A obra está estruturada de forma a espelhar essa jornada: inicia com a observação da gestão e da dinâmica escolar, passa pelo desafio do planejamento pedagógico, culmina na complexidade da regência em sala de aula e se aprofunda nos projetos de intervenção que nascem da análise crítica dessa mesma realidade.

Um dos grandes méritos deste trabalho é a honestidade intelectual com que aborda os desafios inerentes ao fazer docente. As autoras não se furtam a

discutir as limitações impostas pela carência de recursos materiais, pela inadequação dos espaços físicos e pelas complexas demandas de turmas heterogêneas, que incluem crianças com necessidades educacionais especiais. Contudo, essas dificuldades não paralisam; pelo contrário, mobilizam a criatividade, a flexibilidade e a resiliência, competências essenciais para a construção da profissionalidade docente.

A obra reafirma, com a força da experiência vivida, o estágio como um potente ato investigativo. As futuras pedagogas posicionam-se como pesquisadoras de suas próprias práticas, questionando o tradicionalismo, dialogando com as teorias aprendidas na universidade e buscando metodologias ativas e lúdicas que façam sentido para as crianças amazônidas. Nesse processo, a identidade docente vai sendo tecida, marcada pela superação de inseguranças, pela construção de uma autonomia reflexiva e pelo reconhecimento do papel social e transformador da educação.

“ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EM ESCOLAS NO INTERIOR DO AMAZONAS” é, assim, uma contribuição indispensável para múltiplos públicos. Para os licenciandos, oferece um espelho de suas próprias angústias e descobertas, fortalecendo a percepção do estágio como um momento de profunda aprendizagem. Para formadores/ras de professores/ras e pesquisadores/ras da área, fornece um material riquíssimo para a reflexão sobre os currículos de formação e sobre as especificidades da docência em contextos não hegemônicos. Para gestores/ras e professores/ras já em atuação, é um convite à renovação do olhar sobre a importância de acolher e dialogar com os/as estagiários/ras, reconhecendo a potência desse encontro de saberes.

Convido o/a leitor/ra a adentrar estas páginas e a se deixar inspirar pela seriedade e pela paixão com que estas futuras pedagogas se debruçaram sobre a tarefa de educar. Que suas narrativas nos provoquem a pensar em uma formação docente cada vez mais conectada com as escolas e comprometida com a construção de uma Educação Infantil que, de fato, cuide, eduque e emancipe as crianças amazônidas.

Prof. Dr. Fabrício Valentim da Silva-ICET/UFAM
Itacoatiara-AM, 5 de outubro de 2025.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....	9
ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS DA PRÁTICA FORMATIVA PARA O INÍCIO DA DOCÊNCIA.....	9

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-0

CAPÍTULO 2.....	46
ENTRE O DIZER E O FAZER: NARRATIVAS DA PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	46

Mirian Monteiro Torres

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-1

CAPÍTULO 3.....	70
INFÂNCIA, CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES EXPERIENCIADAS NA PRÁTICA DE ESTÁGIO.....	70

Silvania Victória Leal Batista

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-2

CAPÍTULO 4.....	91
DA UNIVERSIDADE A ESCOLA: EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO INTERIOR DO AMAZONAS-AM.....	91

Geovanna Dias Mota

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-4

CAPÍTULO 5.....112

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
(ENTRE)OLHARES DA TEORIA NA PRÁTICA COTIDIANA
DE UMA ESCOLA NO INTERIOR DO AMAZONAS (AM).....112**

Marilena Amorim Cunha

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-5

CAPÍTULO 6.....137

**VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FOCO.....137**

Luana Almeida Cavalcante da Costa

Tiago Pereira Gomes

doi: 10.48209/978-65-5417-562-6

SOBRE O ORGANIZADOR.....160

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES.....161

CAPÍTULO 1

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS DA PRÁTICA FORMATIVA PARA O INÍCIO DA DOCÊNCIA

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-0

DIÁLOGOS INICIAIS

Esta discussão parte das experiências práticas da disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, vivenciada pela primeira turma de pedagogia do Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia-ICET da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, em uma cidade do interior do Amazonas. Evidencia as narrativas das alunas estagiárias a partir de reflexões sobre esse processo formativo, de fundamental importância para a construção de saberes da prática para a docência, que constitui o ser professor nesta etapa de ensino. É um estudo que se apropria das bases epistêmicas da etnometodologia como teoria do social (Coulon, 2005) e da pesquisa qualitativa que “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy, 1995, p. 21), realizado no percurso da prática de estágio com vista a compreender a realidade escolar da Educação Infantil das escolas em foco.

O orientador e/ou supervisor de estágio como pesquisador, tem a oportunidade de refletir sobre “o campo buscando /captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno ” (Godoy, 1995, p. 21), neste caso, recorreu-se a análise etnometodológica interpretativa-compreensiva (Gomes, 2024) que é uma proposta de análise que auxilia na interpretação de

diferentes dispositivos e/ou técnicas de produção de dados qualitativos com vistas a compreender as práticas sociais realizadas pelos atores (participantes do estudo) nos espaços diversos de interação social, linguística e com a participação do pesquisador como membro afiliado. A análise preliminar (1), descrição dos dados (2), sistematização e/ou organização (3), interpretação (4) e compreensão dos dados (5) (Gomes, 2024), foram realizados a partir do acompanhamento das atividades de estágio e do questionário aplicado a cinco alunas, no entanto, aqui trazemos as narrativas de apenas quatro delas.

Estas discussões partem inicialmente dos diálogos iniciais em que apresento a contextualização deste estudo com a abordagem metodológica e as seções subsequentes que é: O curso de Licenciatura em Pedagogia do ICET/UFAM; O Estágio Supervisionado no Curso de Pedagogia do ICET/UFAM: a práxis educativa na formação docente; Observação como possibilidade de compreensão da realidade socioeducativa na Educação Infantil; O ato de planejar com intencionalidade pedagógica: reflexões para a prática docente; Prática Docente na Educação Infantil: a regência nos (entre)olhares de Professores experientes; O estágio supervisionado como processo investigativo do cotidiano escolar: experiências e desafios da prática vivida, seguido dos diálogos finais e das referências.

O CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA NO ICET/UFAM

O curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia-ICET da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, localizado na cidade de Itacoatiara-AM, foi criado no ano de 2021 conforme a resolução de nº 006, de 19 de março 2021 e autorizado pelo Ministério de Educação (MEC), por meio da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (SERES) com a portaria de nº 79, de 15 de março de 2024 (SERES/MEC).

Tem como objetivo central formar professores para atuarem na Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Gestão, demais modalidades e campos de atuação do pedagogo através de rigorosa fundamentação com exercício metodológico na investigação, atuação no campo educacional e pedagógico com modalidade presencial e funcionando notur-

namente. Sua forma de ingresso é por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e Processo Seletivo Contínuo (PSC) que é uma seleção específica do estado do Amazonas. O curso tem um regime de matrícula semestral pelo sistema de créditos com tempo de integralização mínima de 5 (cinco) anos e máxima de 10 (dez) anos, com carga horária de 3.640 horas/aulas. De acordo com o Projeto Político do Curso:

o egresso do Curso de Pedagogia do ICET configura-se pela apropriação e objetivação de domínios teóricos, pedagógicos e metodológicos, dinamizados no exercício teórico-prático do trabalho pedagógico em âmbito de instituições educacionais escolares e não-escolares. Nessa perspectiva, o perfil do Licenciado em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas deverá contemplar consistente formação teórica e metodológica, saberes e práticas, as quais devem ser articuladas organicamente ao longo do curso, por meio da apropriação crítica dos referenciais do campo pedagógico, imbricados a investigação educacional, à docência e aos processos escolares (PPC, 2021, p.29).

É um curso que oferece uma formação sólida, obedecendo as normativas legais para a atuação do pedagogo em espaços escolares e não escolares com disciplinas teóricas e práticas que favorece a construção de habilidades e competências para o desenvolvimento da profissão. A discussão que empreendo, parte das experiências vivenciadas pela primeira turma de pedagogia na disciplina de estágio supervisionado na Educação Infantil, realizada no segundo semestre de 2024 em 3 (três) escolas pertencentes a rede municipal de ensino de Itacoatiara-AM, cujo objetivo foi de desenvolver a articulação do processo de orientação teórico-metodológica com o eixo da prática pedagógica e sua intervenção crítica e criadora no sistema público de ensino na Educação Infantil.

Refletimos como campo teórico e prático, a ação docente numa perspectiva crítico-reflexiva, desde o diagnóstico, observação, acompanhamento e práticas da docência: educativa, pedagógica e docente, seguido das orientações de elaboração e desenvolvimento de planos de estágio, regência, projeto de intervenção, artigo (relatório) e socialização das vivências experienciadas na escola-campo em que as práticas de iniciação à docência de fato acontecem.

O estágio supervisionado no curso de Pedagogia, atende as normas legais e institucionais em consonância com as disposições da Resolução CNE/ Nº 2 de

20 de dezembro de 2019. É realizado em 3 (três) disciplinas com 150 h/a (cento e cinquenta horas), iniciando no 8º período na Educação Infantil, no 9º nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e posteriormente na Gestão Escolar no 10º período, com carga horária total de 450 (quatrocentas e cinquenta) horas. Os objetivos da disciplina, estabelecido no Projeto Pedagógico do Curso-PPC de Pedagogia do ICET/UFAM são:

Propiciar ao futuro professor o conhecimento de seu campo de trabalho, da realidade educacional e da complexidade do processo ensino-aprendizagem nos espaços escolares e não escolares; Desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes relativas à profissão docente, considerando o contato direto com o campo de estágio e a formação teórica proporcionada pelo curso; Vivenciar processos de ensino e pesquisa na escola-campo/centro de educação infantil/creches, ou em outros espaços previamente aprovados, para que os alunos desenvolvam condições e convicções favoráveis à continuidade da sua formação; Contribuir para o desenvolvimento de sua profissionalidade docente, de seus saberes e competências profissionais; Elaborar, desenvolver e avaliar projetos educativos, a partir do diagnóstico da realidade da Educação Infantil, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e na gestão, planejamento e organização escolar e não-escolares, construindo formas de atuação, com vistas à melhoria da educação de crianças, jovens e adultos; Produzir ao final do período de estágio um Relatório Final do Estágio Supervisionado ou artigo de relato de experiência, favorecendo a escrita sobre as vivências e reflexões dos alunos em formação (PPC, 2021, p. 54)

Os objetivos acima elencados, devem ser assegurados para o desenvolvimento profissional do futuro professor com atividades teóricas-epistemológicas e práticas que possibilite a formação integral docente, visando a construção de habilidades e competências para o exercício da profissão mobilizado pela reflexão na/da ação, a partir das observações vivenciadas no estágio supervisionado e em outras ações práticas direcionadas intencionalmente durante o processo de formação.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE PEDAGOGIA DO ICET/UFAM: A PRÁXIS EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE

Refletir sobre o estágio supervisionado na formação de professores é trilhar os caminhos formativos da profissão, compreendendo quais saberes são relevantes para o exercício da docência, já que se trata de um estatuto episte-

mológico indissociável da prática, por isso que ele é um “ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante”, conforme descreve a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 (Brasil, 2008), em seu artigo 2º, quando estabelece a normatização do estágio dos estudantes, concernente ao que é obrigatório e o não obrigatório.

Essa relação entre a universidade, os sistemas de ensino e o campo de estágio é realçado nesta lei como elemento imprescindível para a realização desse componente curricular, fortalecendo os vínculos institucionais e possibilitando com que os futuros professores desenvolvam as habilidades e competências para o exercício da profissão, aspecto este em que evidencia a importância da formalização dos documentos como o termo de compromisso, nesta conjuntura.

Os estudos de Rocha e Paixão (2018), apresentam o estágio supervisionado como um momento ímpar da formação, permitindo com que o futuro professor reflita sobre a prática docente estabelecida por professores experientes e os impactos desta na garantia dos direitos de aprendizagens de crianças, “sobretudo, traduz-se como um momento que oportuniza ao acadêmico compreender o sistema de ensino, as políticas educacionais, a escola e os alunos com os quais irá desenvolver e construir processos de aprendizagem” (Rocha e Paixão, 2018, p. 98). É na compreensão do cotidiano escolar como objeto de investigação para a prática docente que se tem uma visão sobre a profissão, retroalimentada pelos saberes pedagógicos, curriculares e disciplinares que abarcam a formação inicial.

Passerini (2007), em seus escritos coloca que o processo de formação do professor é contínuo e a construção de sua identidade começa antes da graduação, ou seja, “nas interações com os atores que fizeram e fazem parte de sua formação. E este processo sofre influência dos acontecimentos históricos, políticos, culturais, possibilitando novos modos de pensar e diferentes maneiras de agir perante a realidade que o professor está inserido” (Passerini, 2007, p. 18). Essas vivências experienciadas no campo de estágio possibilita a construção da identidade profissional docente, mobilizados pela trajetória de vida pessoal, formativa e da experiência com a prática de estágio.

É o momento em que o futuro professor tem a oportunidade de conhecer a realidade escolar e se deparar com os desafios na prática mobilizado pela observação do cotidiano e se tornando membro afiliado a partir dos diálogos compartilhados com os professores experientes. Assim, o estágio se apresenta como uma possibilidade de construção de conhecimentos necessários à docência, por isso é relevante que as atividades orientadoras sejam realizadas de forma organizada e estruturada didaticamente atendendo as especificidades da formação, de “tal forma que proporcione ao futuro professor um profundo conhecimento da realidade, para que este possa conhecer e compreender sua complexidade e posicionar-se criticamente perante os acontecimentos sociais e escolares” (Raymundo, 2013, p. 363).

Nessa direção, apresentamos as narrativas das alunas estagiárias sobre as vivências experienciadas na escola campo de estágio e a análise do percurso formativo. Assim, no que corresponde a importância da relação teoria e prática no desenvolvimento das atividades de estágio na Educação Infantil, e como perceberam esse processo da práxis em sua totalidade, elas declararam que:

Estagiária 1- Na Educação Infantil, a relação entre teoria e prática foi essencial no meu estágio. A teoria estudada em sala de aula me deu base para entender o desenvolvimento das crianças, planejar atividades e refletir sobre cada situação. Já a prática me mostrou que nem tudo acontece exatamente como a teoria apresenta, pois cada turma tem suas particularidades e surgem situações inesperadas que exigem criatividade e adaptação. Esse contato com a realidade me permitiu perceber o processo da práxis em sua totalidade: a teoria orienta, mas é na prática que surgem os maiores aprendizados e se desenvolve de fato a formação de um professor.

Estagiária 2- A relação entre teoria e prática foi essencial durante o estágio, pois possibilitou perceber que o conhecimento construído ao longo do curso se concretiza em algumas situações reais em sala de aula, em diversos momentos, aquilo que estudei se encaixava perfeitamente com o que estava vivenciando, ajudando a compreender como agir diante de determinadas situações. Além disso, a teoria serviu como base para a elaboração e organização dos planos de aula, oferecendo fundamentos pedagógicos para o desenvolvimento das atividades, por outro lado, a prática possibilitou refletir criticamente sobre os conteúdos teóricos, entendendo que nem sempre a realidade acontece exatamente como planejado.

Os relatos das estagiárias expressam a importância da indissociabilidade de teoria e da prática como elementos norteadores da prática docente e dos desafios da profissão. Ao mencionar que nem tudo ocorre como é proposto na teoria, coloca na centralidade da discussão a reflexão como componente essencial na compreensão dos fenômenos socioeducativos presentes no contexto da Educação Infantil que permite a (re)construção de saberes de forma criativa e adaptando as singularidades presentes na escola campo de estágio.

Revelam que a teoria orienta a prática condicionada a realidade cotidiana nas singularidades existentes no contexto da Educação Infantil. Explicam que os conhecimentos aprendidos nas disciplinas do curso foram essenciais para o desenvolvimento das atividades de estágio e para a produção de saberes críticos do momento vivido. Essas pontuações declaradas pelas estagiárias também são mencionadas nos estudos de Lima (2012) quando diz que o estágio é uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis, explicada como uma atitude teórica-prática humana, da transformação da natureza e da sociedade, ou seja, “não basta conhecer e interpretar o mundo (teórica), é preciso transformá-lo (prática). É no estágio que ocorre a práxis educativa, no momento de apropriação dos conteúdos já adquiridos e os conteúdos que serão transformados na prática” (Lima, 2012, p. 29). Essas ponderações, coadunam com os relatos das duas outras estagiárias quando expressam que:

Estagiária 3- A teoria nos ofereceu bases conceituais que nos guiaram na ação docente, enquanto a prática nos permitiu aplicar e vivenciar esses conceitos em situações reais no contexto da escola. Foi por meio dessa relação entre a teoria e prática que compreendemos o verdadeiro sentido da práxis pedagógica. As teorias estudadas ganharam sentido quando aplicadas no contexto real da sala de aula. Ao mesmo tempo, a prática revelou a necessidade constante de refletir e adaptar os conhecimentos teóricos à realidade dos alunos, como na escola onde atuei. Constantemente, vemos a importância dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, mas tudo depende de diversos fatores da escola, como por exemplo, a estrutura do espaço e recursos. Sem isso, é difícil promover atividades que desenvolvam os aspectos cognitivos, motores, sociais e emocionais dos alunos. Para isso, foi necessário pensar em atividades que atingissem o objetivo dos eixos estruturantes da Educação Infantil. A práxis, nesse sentido, foi percebida como um movimento contínuo entre agir e refletir, o que contribuiu muito para minha formação pessoal e profissional.

Estagiária 4- A relação da teoria e prática é fundamental durante o estágio supervisionado, pois, é o momento que o docente passa de observador para profissional reflexivo e atuante. Durante a atuação, é necessário articular todos os teóricos da educação, como Piaget, Vygotsky e Wallon, que são autores que falam sobre o biológico, interação e afeto. Exemplo a ser citado é o papel da interação social em que a criança aprende entre si e com outras crianças, e o professor como mediador. Na regência questões desafiadoras surgiram, e o docente em formação é forçado a questionar seus métodos e adaptar suas concepções com a realidade. A práxis é norteadora no estágio, pois não é apenas impor a teoria, mas usá-la como um instrumento investigativo a conhecer a realidade, e por meio do resultado, agir de forma consciente do que pode ser adaptado.

A relação da teoria e da prática como movimento dialético para a construção de saberes reflexivos para a constituição docente são expressados nas narrativas das estagiárias quando mencionam que essas experiências vividas colaboraram para a compreensão da práxis pedagógica. O sentido e significado da teoria da/na prática refletida pela realidade da escola de Educação Infantil colaboraram para a elaboração de atividades em que as interações e brincadeiras como eixos estruturantes foram direcionadas com uma intencionalidade de atender os direitos de aprendizagens das crianças.

Quando colocam que o estágio promove reflexões sobre a postura de aluno-observador a profissional reflexivo e atuante, evidenciam os movimentos da profissão docente que é contínua, plural, dinâmica e “traz as marcas da história vivida por seus atores, os traços de sua cultura, de seus pensamentos e construções pessoais, de seus contextos de trabalho, de suas experiências individuais, de seus talentos, de todos os embates de sucesso/insucesso já vividos existencialmente” (Pinto, 2001, p. 6). Elas, ainda pontuam que os saberes disciplinares contribuíram para o saber-fazer docente entre outros conhecimentos relevantes para o ser professor, refletindo que o ensinar crianças é um “*metiér*” complexo que requer a mobilização de saberes para o agir na urgência e decidir na incerteza como acentua Perrenoud (1996).

O trilhar formativo no campo de estágio, nessa perspectiva, é consolidado na relação dialógica e de parceria entre a universidade, o sistema de ensino e a escola com seus representantes legais. Por ser essencial no processo de construção de saberes da prática, o professor orientador, deve proporcionar

momentos de socialização entre estagiários, docentes e gestão escolar de forma que as vozes se inter cruzem na relação da teoria da/na prática vivenciada, de modo que o futuro professor tenha uma “fundamentação teórica, por meio da qual estabelecerá relações com o contexto real da sala de aula, permitindo-lhe interpretá-la e intervir de forma consciente e planejada” (Raymundo, 2013, p. 363). A docência, nesse sentido, exige o domínio técnico, científico e pedagógico com competência e/ou saberes teóricos- práticos para o seu exercício.

Observar o dia a dia da escola, desde o trabalho da gestão administrativa e pedagógica, bem como a prática docente no contexto da Educação Infantil com vistas a compreensão sobre o saber-fazer nesta etapa de ensino, contribui ao estagiário na elaboração de saberes e no rompimento de paradigmas idealizados no percurso da formação. As estagiárias 3 e 4 expressaram que:

Estagiária 3- O estágio supervisionado é fundamental para a construção de saberes docentes, é partir deste momento que nós desenvolvemos as competências e habilidades necessárias para ser professor/a, é onde iniciamos a carreira de docente e temos o primeiro contato com os diversos desafios do contexto escolar. Nesse sentido, o papel do professor orientador foi essencial nesse processo, a forma como nos mediu no estágio auxiliou para que tivéssemos uma regência proveitosa e repleta de conhecimentos. O professor aplicou teorias que se concretizaram na prática, o que foi fundamental para a nossa experiência. Além disso, com sua escuta atenta e orientações precisas, guiou o nosso olhar para aspectos importantes da prática pedagógica. O nosso estágio foi guiado da melhor forma possível, pois a experiência do orientador nos ajudou durante todo tempo, o que dava mais segurança para a realização do nosso estágio. As professoras experientes também contribuíram muito, pois compartilham seus saberes do cotidiano escolar, suas metodologias e estratégias, o que ampliou nossa compreensão sobre o que é ser professora na Educação Infantil, sem dúvidas, tivemos um vasto aprendizado com as professoras

Estagiária 4- O estágio supervisionado é essencial para a formação docente, pois é, através da prática docente que se obtém experiências, é possível adquirir os saberes da docência, já que é um passo importante para medir o processo de construção da identidade profissional dos professores, como o saber da experiência. O professor orientador além de ser o mediador do conhecimento acadêmico do professor iniciante, ele auxilia na definição dos objetivos do estágio, a escolher o campo de atuação e a elaboração do planejamento. Além do suporte teórico, prático e emocional, ajuda em relação dos desafios que surgem durante o processo do estágio. As professoras experientes contribuíram direta e indiretamente na identidade profissional do docente, com os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes da formação profissional e os saberes da experiência.

O estágio como prática reflexiva da profissionalidade docente é realçado pelas narrativas das estagiárias quando explicitam que suas vivências permitiram a construção de habilidades e competências para o cuidar e educar. Reconhecem o papel do professor orientador como mediador da prática e da importância dos fundamentos teóricos e epistemológicos que antecedem a ida a escola de Educação Infantil, bem como das professores experientes no exercício da prática.

É no estágio supervisionado que alunos se deparam com a realidade da prática escolar e percebem os desafios que envolve a profissão e o valor da formação inicial sólida nesse processo de construção do conhecimento. Os estagiários, tem a oportunidade se perceberem como professores em formação e pesquisadores iniciantes ao direcionar seus olhares a situações específicas da prática vivenciada com os professores experientes numa relação de diálogo constante e reflexivo. Pimenta e Lima (2012) em seus escritos sobre o *Estágio e Docência: diferentes concepções*, evidenciam questionamentos sobre a realidade e o sentido da aproximação, se esta seria uma observação minuciosa ou à distância. Elas explicitam que a aproximação da realidade deve partir do envolvimento, da intencionalidade, que está além das fichas de observação e outras ações burocráticas, apontando para a necessidade da compreensão do conceito de estágio e as atividades que são realizadas nessa trajetória de formação para a docência.

Assim, chamam a atenção sobre o papel dos professores orientadores, que devem assegurar no “coletivo, junto a seus pares e alunos, essa apropriação da realidade, para analisá-la e questioná-la criticamente, à luz de teorias. Essa caminhada conceitual certamente será uma trilha para a proposição de novas experiências” (Pimenta; Lima, 2005; 2006, p. 14). As orientações norteadoras do desenvolvimento do estágio supervisionado pelo professor-pesquisador responsável, tem que ser pautada numa epistemologia da prática que atenda as normativas legais, objetivos do curso, e as especificidades da formação de professores de modo que essas experiências tenham sentido e significado para a construção da identidade profissional docente.

Garantir com que os espaços de formação em processo, “a escola”, e os profissionais que dela fazem parte acolham, envolvam e possibilitem uma vivência positiva ao futuro professor, requer do professor-orientador uma organização sistemática da disciplina, dos documentos do campo de estágio, do diálogo entre os sistemas de educação, gestão escolar, professores experientes, e demais pessoas que fazem parte da equipe escolar, esclarecendo sobre cada etapa desenvolvida durante a realização desse processo formativo, assegurando as responsabilidades da formação e da profissão entre os pares.

Pimenta e Lima (2012, p. 6) acentuam ainda que “enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa”. Por ser uma prática socioeducativa, essa experiência formativa permite como que o futuro professor tenha uma compreensão da realidade escolar, espaço-lugar em que demarca a identidade de sua profissão.

Para Medeiros, Silva e Ghedin (2024, p. 37), “aprender a ser professor é um processo de desenvolvimento profissional ininterrupto, não se refere ao tempo processado, mas ao nível assumido de investimento reflexivo e crítico sobre nossas próprias bases, conceitos e trajetórias”. O ser professor tem sua conexão com a história de vida pessoal, vivenciada nas relações familiares e sociais, seguidas do processo de escolarização, da formação inicial que dão suporte a construção de saberes para a docência, mobilizado pela experiência do estágio supervisionado e demais disciplinas teórico-práticas relevantes para a profissão docente.

Nessa perspectiva, “o estágio, ao promover a presença do aluno estagiário no cotidiano da escola, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do professor na sociedade” (Pimenta; Lima, 2017, p. 55). Portanto, ao considerar essas vivências com um olhar crítico e sociológico sobre a prática de professores experientes, ancorados nas bases epistêmicas da pedagogia, o estagiário tem a oportunidade de colocar em prática os pressupostos teóricos aprendidos na formação, configurando em uma práxis em sua totalidade, numa

perspectiva de investigação do cotidiano escolar. As descrições nas linhas a seguir, apresentam o modo como a prática de estágio foi realizada pelas alunas do curso de Pedagogia acompanhadas pelo professor orientador.

OBSERVAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO DA REALIDADE SOCIOEDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para discutir sobre a observação como possibilidade de compreensão da realidade socioeducativa, é imprescindível situar a escola como espaço/lugar em que a aprendizagem da docência de fato é percebida, sentida, compreendida a partir das experiências vivenciadas pelos diálogos socializados entre todos que fazem parte dela. Esse lugar que vem se “[...] desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história [...]” (Carlos, 2007, p. 17), contribui significativamente para a construção de saberes da formação e da profissão docente.

A escola campo de estágio, é assim o lugar em que se materializa a prática profissional do futuro professor que são estabelecidas por “[...]relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é lugar da vida (Carlos, 2007, p. 29). Esse lugar, que ensina e (trans)forma é também um espaço em que os saberes são (re)construídos, (re)elaborados numa perspectiva do que é observado e refletido no encontro da teoria aprendida na universidade e da prática exercida na escola.

Observar o cotidiano docente é adentrar no espaço profissional e compreender a dinamicidade que envolve os processos de ensinar e aprender. Realizar essa ação como percurso formativo de atividade de estágio, requer do futuro professor uma postura ética, com uma escuta sensível e desprendimento de pré-conceitos, até porque o respeito ao trabalho do outro é uma atitude de empatia, aspecto este em que evidencia a observação como ação reflexiva crítica da prática.

Nessa direção, as estagiárias tiveram a oportunidade inicialmente de conhecer a realidade escolar de Educação Infantil, a partir da observação em duas

perspectivas: a primeira relacionada a gestão escolar e administrativa com vista a compreender o funcionamento da instituição de ensino, a organização pedagógica, administrativa e financeira permitindo perceber a rotina da escola de forma geral, e a segunda com enfoque a prática docente, direcionando olhares as ações das professoras. Em relação a observação da prática gestora, as estagiárias esclareceram que:

Estagiária 1- A observação da prática gestora foi muito relevante para mim. A gestora foi super receptiva, apresentou a escola, respondeu às minhas dúvidas conforme as fichas de acompanhamento e sempre vinha à sala me observar. Ela também se preocupava em saber se eu precisava de algo da escola, como materiais para elaborar minhas aulas. Apesar de estar passando por um processo de luto e, às vezes, justificar ausências, sua postura foi muito importante, pois pude perceber a organização da escola, o papel da gestão no dia a dia e como uma boa relação com a equipe contribui para o desenvolvimento das atividades.

Estagiária 2- Sim, considero a observação da prática gestora fundamental, antes de adentrar na sala de aula, é necessário compreender a escola como um todo e como ela se organiza. A gestão escolar atua como mediadora entre os professores, alunos, famílias e demais dimensões, sendo responsável pelo funcionamento da escola. Observar esse processo foi importante para compreender a complexidade da gestão e a escola como um todo.

As narrativas revelam as contribuições da observação da prática gestora para a compreensão do cotidiano escolar na Educação Infantil. A receptividade da gestão escolar e a prontidão nas respostas das indagações do questionário realizado pelas estagiárias colaboraram no entendimento de que o ser gestor está muito além das questões burocráticas da escola, e que colaborar com o processo formativo de professores é relevante no sentido de garantir uma relação de parceria. Chamam atenção de que o professor-gestor também é pessoa, e que mesmo pelo luto não se esquivou de suas responsabilidades.

Essas percepções, estão em consonância com os estudos de Pimenta e Lima (2012, p. 129), quando enfatizam que “[...] o estágio precisa ser, em seus fundamentos teóricos e práticos, esse espaço de diálogo e de lições, de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e construir um jeito de caminhar na educação [...]”. A observação, dessa maneira, auxilia no desenvolvimento das práticas de estágio por proporcionar ao futuro professor uma compreensão

sobre o cotidiano em que as atividades docentes são realizadas desde o planejamento, a rotina da escola e da sala de aula, bem como outras ações que fazem parte da profissão.

Por isso, é importante elucidar que durante o contato com a gestão e com os professores da escola campo de estágio, foi dialogado sobre a disciplina e as etapas de cada fase do momento formativo, desde a observação da prática gestora a docente pautado no planejamento, na realização da regência, bem como na elaboração e execução do projeto de intervenção e/ou pedagogia de projetos, entre outras orientações na relação de parceria entre a universidade e a escola. Ainda sobre esse primeiro momento de observação, as estagiárias declararam que:

Estagiária 3- Sim, considereei muito relevante. Observar a prática gestora me ajudou a entender como a organização da escola influencia diretamente o cotidiano escolar. A gestão que observei, era uma gestão participativa, a gestora estava no controle das situações, o ambiente era organizado, os alunos e as professoras tinham respeito pela gestora e vice-versa. Além disso, a gestão tinha o compromisso de criar um ambiente que fosse colaborativo e acolhedor para todos. A gestão tem um papel importante no diálogo com as famílias e na construção de uma proposta pedagógica alinhada às necessidades da comunidade escolar, como descrito no PPP da escola. No entanto, observei os desafios que a gestão apresenta como a comunicação de alguns profissionais e as conversas que causavam intrigas e desestruturava o clima organizacional da escola.

Estagiária 4- Com certeza foi relevante, pois durante a observação o gestor escolar esteve presente na escola desde o portão à cozinha, sempre buscando administrar o local. Durante a entrevista com a coordenação pedagógica, era notório controle dos setores. A escola possui uma gestão participativa, e ambos demonstravam clareza da situação, sem desavenças, sempre em busca de uma solução”.

Conhecer como é a dinâmica da escola a partir de um olhar da gestão e como a organização desta interfere no processo de desenvolvimento das ações educativas são refletidas nas narrativas acima descritas. Perceber o modelo de gestão, os modos de ser e agir no contexto da prática permitiram uma compreensão de como lidar com os desafios que emergem no contexto escolar, essas colocações coadunam com o que diz Paro (2001, p. 52), “[...] é possível afirmar que, para dar conta de seu papel, ela (a gestão escolar) precisa ser, pelo

menos, duplamente democrática. Por um lado, porque ela se situa no campo das relações sociais [...] torna-se ilegítimo o tipo de relação que não seja cooperação entre os envolvidos”. O diálogo com a gestão e os professores no acolhimento dos estagiários permitiram uma melhor integração e socialização das práticas da docência pelo compartilhamento de saberes experienciados durante esse processo.

Na observação da prática gestora, com o tempo destinado de 20h/a, os estudantes tiveram a oportunidade de obter informações sobre a situação física, pedagógica, administrativa e financeira, bem como a caracterização socioeconômica e cultural da comunidade escolar, seguido da organização no que corresponde as disciplinas, turmas que são atendidas, horário de aulas, encontro pedagógico e/ou reunião de pais e mestres, projetos desenvolvidos, dimensão da gestão escolar, a sistemática de avaliação, acompanhamento, monitoramento das aprendizagens e da frequência escolar. Altet (2017, p.1208) esclarece que “a observação é, entre outras, uma forma de estabelecer relação com o empírico, sendo a escolha inicial a de alcançar uma inteligibilidade das práticas de ensino tomando por base o que pode ser constatado em situação de ensino-aprendizagem”. Essas vivências experienciadas na escola campo de estágio permite ao futuro professor uma compreensão sobre a docência e os mecanismos necessários para a regência.

A observação da prática docente, foi realizada com carga horária de 20h/a nas turmas de Educação Infantil, divididas em 4 horas aulas diárias em cada turma nesta etapa de ensino de acordo com o cronograma definido coletivamente com o orientador do estágio supervisionado e considerando o quantitativo de turmas existentes na escola. Para as estagiárias a observação da prática docente, foi importante para compreender sobre o ser professor da Educação Infantil, assim, pontuaram que:

Estagiária 1- Observar a prática das professoras foi muito importante para eu entender de verdade o que é ser professora na Educação Infantil. Eu vi como elas planejam as atividades, mas também como precisam se adaptar quando as coisas não saem como o planejado. Percebi que é preciso ter muita paciência, criatividade e atenção para lidar com cada criança, respeitando o ritmo e as necessidades de cada uma. Esse contato me mostrou que ser professora não é só ensinar conteúdo, mas também cuidar, orientar e fazer a turma se sentir incluída e motivada no dia a dia .

Estagiária 2- Sim, essa observação foi essencial para compreender as múltiplas dimensões do ser professor na Educação Infantil. Percebi que a atuação docente vai muito além do planejamento de atividades, envolve a mediação de conflitos, o cuidado com as crianças, a afetividade e a criação de estratégias para manter o interesse e a participação ativa dos alunos. Observar a prática das professoras experientes me permitiu refletir sobre as diferentes posturas, metodologias e recursos utilizados, o que ampliou meu olhar sobre a profissão e me ajudou a construir referências para minha própria prática.

O contato com a prática docente numa perspectiva reflexiva proporcionou as estagiárias a construção de saberes sobre como é estabelecido a relação da teoria e da prática. Seus relatos mostram que elas reconhecem a importância de habilidades e competências para o cuidar e educar, bem como as múltiplas dimensões da docência desde o planejamento, as estratégias do saber-fazer profissional. As experiências vivenciadas nesse campo apresentadas nos relatos reforçam que é “através da observação e escuta atenta e cuidadosa às crianças, podemos encontrar uma forma de realmente enxergá-las e conhecê-las. Ao fazê-lo, tornamo-nos capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer” (Gandini; Goldhaber, 2002, p. 152).

Olhar para a prática docente é enxergar a criança em fase de desenvolvimento de suas potencialidades, até porque “sabemos que, para um observador atento, as crianças dizem muito, antes mesmo de desenvolver a fala. Já nesse estágio, a observação e a escuta são experiências recíprocas, pois, ao observarmos o que as crianças aprendem, nós mesmos aprendemos” (Gandini; Goldhaber, 2002, p. 152). A observação acessa uma inteligibilidade das práticas de ensino (Altet, 2017) e requer uma interpretação crítica e reflexiva da realidade. No entanto para se observar o cotidiano da escola, é preciso vivenciar a rotina, se tornar membro do grupo de modo a compreender os ditos e não ditos de professores exercidos no contexto da prática docente.

A descrição como etapa da observação no campo de estágio deve ser densa e contemplar as nuances subjetivas decorrentes da ação profissional, mobilizados pelas interações sociais, culturais e educativas de professores e de alunos. Mergulhar nas atividades diárias do saber-fazer profissional é a oportunidade que o futuro professor tem na escola de estágio de compreender as ações

cotidianas que envolve o ser professor, por isso que a observação participante é o elemento norteador desse processo, como esclarecem as estagiárias, ao dizerem que:

Estagiária 3- a partir da observação da prática docente das professoras titulares, refletir sobre que professora eu quero ser quando me formar. Porque ser professora da Educação Infantil vai muito além de ensinar, tem que cuidar e educar. Para isso é necessário ter paciência, sensibilidade e escuta ativa. Na sala, tem que usar o tom de voz correto, sem fazer a criança chorar, levar atividades que sejam ilustrativas para facilitar a aprendizagem dos alunos e realizar bastante leituras para instigar a imaginação da criança, além do mais, é fundamental ter um vínculo afetivo neste processo. Por isso, é essencial que cada ação do professor seja intencional e planejada com base em objetivos pedagógicos bem definidos, para que as aulas sejam interativas e divertidas”.

Estagiária 4- a observação permite que o estagiário compreenda o papel do professor de Educação Infantil, na maioria das vezes a teoria afirma uma coisa e na prática é totalmente diferente. A visão que acarretamos do ser professor se torna limitado, apenas entre quatro paredes, sendo que o mesmo é mediador de conflitos e entre outros, como se ser professor é algo fácil e monótono, mas que tem múltiplas competências.

A constituição da profissão docente é formada pelas experiências vivenciadas nos diferentes contextos: pessoal, formativo e profissional. No que corresponde ao estágio supervisionado os relatos enaltecem que esses momentos proporcionaram reflexões sobre que professoras desejam ser e que habilidades e competências são necessários para o exercício da profissão. As declarações delas, trazem a centralidade de discussão de Cipollone (1998, p. 122), ao afirmar que “[...] é exatamente na prática educacional que se colocaram em discussão teorias e formularam-se novas hipóteses”. Essas reflexões da teoria da/na prática provocam questionamentos múltiplos sobre a relação do cuidar e do educar na Educação Infantil e como estes devem ser assegurados de forma a cumprir com o que é exigido nos documentos legais, principalmente em relação aos campos de experiências e direitos de aprendizagens.

Nesse percurso, o uso do diário como elemento imprescindível para o registro do que foi observado se tornou o grande aliado para a sistematização das informações, considerando a ficha de acompanhamento da prática docente que orientou a observação nos seguintes eixos: (1) Planejamento da Prática docen-

te; (2) Prática docente na Educação Infantil; (3) Relação professor e aluno; (4) Procedimentos Metodológicos e/ou Situação didática; (5) Relação aluno-aluno; (6) Utilização de recursos didáticos e tecnológicos e; (7) Processo Avaliativo.

O registro“ tanto das vivências pessoais como das práticas profissionais, é essencial para que cada um adquira uma maior consciência de seu trabalho e da sua identidade como professor”. (Nóvoa, 2009, p. 182), nesse sentido, o descrever os pormenores da ação observada se tornou um elemento importante da compreensão da realidade escolar das crianças e dos professores. A seguir, apresento o planejamento como eixo orientador da prática docente vivenciado durante o estágio pelas alunas e como este foi organizado.

O ATO DE PLANEJAR COM INTENCIONALIDADE PEDAGÓGICA: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA DOCENTE

O ato de planejar mobilizado pelas orientações dos sistemas de educação por meio de programas de formação e principalmente pelo diálogo com as professoras experientes sobre as metodologias de ensino, os direitos de aprendizagens definidos pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC, os recursos didáticos pedagógicos considerando os alunos com necessidades educativas especiais, o processo de avaliação entre outras questões que envolve o ser professor são reflexões que proporcionam a construção de saberes para a docência.

Nesse sentido, a observação não pode ser vista como a reprodução da prática docente, ou seja, da conservação do modismo (Pimenta, 2001) dos hábitos, valores e comportamentos do que foi percebido, mais como um processo de reflexão investigativa da ação profissional em que o futuro professor tem a possibilidade de (re)elaborar novas práticas a partir dos pressupostos teórico-práticos da formação, aspectos este em que coloca o planejamento como ponto ápice para o desenvolvimento da regência e/ou prática docente. Em relação ao planejamento da regência, foi questionado sobre que aspectos foram positivos na elaboração dos planos e que contrapontos (negativos) pode ser considerados durante as atividades de estágio. As estudantes enfatizaram que:

Estagiária 1- O planejamento da regência foi um momento essencial para mim, principalmente porque foi feito logo após a observação da sala em que eu atuaria. Realizei o planejamento junto com as professoras e com meu orientador de estágio, o que foi muito positivo, pois pude receber sugestões, aprender estratégias e organizar melhor as atividades. Um ponto negativo foi que eu queria colocar várias atividades durante as aulas, mas nem sempre dava tempo de executar tudo como eu planejei. E, um dos meus maiores desafios foi tentar deixar de lado, durante a prática, o lado mais tradicional que ainda existe na escola, equilibrando métodos ativos e lúdicos com as exigências do cotidiano escolar. Essa experiência me fez perceber que ser professora exige planejar, se adaptar, respeitar o ritmo de cada criança.

Estagiária 2- Os aspectos positivos foram a possibilidade de planejar atividades diversificadas e alinhadas aos objetivos de aprendizagem, garantindo organização e clareza no processo pedagógico. Além disso, pude colocar em prática minha criatividade, elaborando propostas lúdicas e significativas. Porém, percebi que, por mais detalhado que fosse o planejamento, a prática algumas vezes exigia adaptações, seja por conta do tempo, seja pelo interesse ou comportamento das crianças.

O planejamento para a realização da regência relatados pelas estagiárias realçam a importância dessa construção de forma coletiva com a participação de professores experientes, do orientador de estágio como ação intencionalizada para o exercício da prática docente de maneira eficaz. O ato de planejar tem “[...] essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças” (Ostetto, 2000, p.177). No cenário da escola campo de estágio, a reflexão dessa experiência foi singular ao tempo em que cada estagiário teve a oportunidade de planejar, executar e redimensionar essa prática a partir do que foi vivenciado, por isso que esse encaminhamento “[...] é como um caminho para o aprimoramento da prática e a formação do professor, por ajudar a refazer o caminho trilhado, possibilitando descobrir erros e tentar construir novos rumos para a atuação quando necessário” (Mizukami, 2002, p.167).

O rompimento da ação mecânica de preenchimento de fichas de plano de aula, ou a reprodução de planejamentos enviados pelo sistema de educação são reflexões que abarcam o planejamento, haja vista que a formação docente deve

ser crítica e favorecer aos futuros professores o desenvolvimento de habilidades e competências de forma criativa com métodos de ensino e aprendizagens que atendam as singularidades das crianças na Educação Infantil. As pesquisas de Corsino (2009, p. 119), evidencia que o planejamento “é o momento de reflexão do professor, que, a partir das suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos e sequências de atividades, organiza o tempo e espaço da criança na Educação Infantil”. O reconhecimento do planejamento como atividade de formação para o estagiário, requer a revisitação dos saberes e fazeres adquiridos ao longo do processo de formação para o desenvolvimento da prática. Nessa direção, as demais estagiárias acrescentaram que:

Estagiária 3- O planejamento que realizamos para a regência foi o norte para as atividades que íamos fazer na sala, no plano contávamos detalhadamente o que realizaríamos no dia, de acordo com as habilidades e competências exigidas. Nesse sentido, os aspectos positivos foram a oportunidade de colocar em prática o que aprendemos na teoria, o desenvolvimento da criatividade e o exercício da autonomia docente. Planejar nos fez refletir sobre as necessidades reais das crianças e pensar em estratégias lúdicas e significativas. Como contraponto, às vezes sentimos dificuldades em prever todas as ações da sala de aula, pois nem sempre o que estava no papel funcionava perfeitamente na prática, o que me ensinou a importância da flexibilidade no fazer docente.

Estagiária 4- O planejamento é norteador para o processo de estágio, pois é ocasião em que a teoria e a prática se articulam, assim como planejar tem seus pontos positivos, o mesmo também vem acompanhado de pontos negativos. No aspecto positivo uma aula elaborada tem sua eficácia, já que o estagiário se esforça para pensar nas atividades e os meios para se obter resultados esperados, além de ter a autoconfiança para reger uma turma pela primeira vez. No entanto quando se trata do aspecto negativo o que vem na memória que os planos não funcionam como o esperado, sendo assim, é necessário adaptar o plano em tempo real”

Os relatos das estagiárias deixam claro a relevância do planejamento como eixo norteador da prática docente. As bases teóricas estudadas nas disciplinas do curso favoreceram o domínio dos elementos que compõem a prática na elaboração do plano de aula promovendo a autonomia e a reflexão crítica sobre a intencionalidade pedagógica e da flexibilidade como aspecto característico desse momento formativo.

Desse modo, o planejamento como instrumento de reflexão da prática, favoreceu ao futuro professor a construção da autonomia que é definida como “a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, é, nessa faixa etária, mais do que um objetivo a ser alcançado com as crianças, um princípio das ações educativas” (Brasil, 1998a, p.14). O planejamento das atividades de estágio para o exercício da docência foram realizadas após os momentos de observação. Foi destinado a carga horária de 16h/a para elaboração dos planos de aulas, dos recursos didáticos e outras ações que envolve a organização da prática docente na Educação Infantil sob a supervisão do professor de estágio.

É oportuno mencionar que durante as observações os estagiários tiveram a oportunidade de dialogar com as professoras experientes sobre o processo de desenvolvimento da docência que ocorreria nas datas previstas do cronograma de estágio. Os estagiários foram autorizados pela coordenação de Educação Infantil a participar do planejamento que faz parte das ações do Programa de Formação Continuada em Leitura e Escrita na Educação Infantil-Pro-LEEI do Ministério da Educação-MEC, pertencente ao Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Esse programa é estruturado em três eixos: (1) gestão e governança; (2) formação de profissionais da educação e; (3) reconhecimento e disseminação de práticas pedagógicas significativas para as crianças da pré-escola.

Com o objetivo de implementar ações de formação continuada focadas na ampliação e consolidação dos saberes profissionais da Educação Infantil, o Pro-LEEI visa o fortalecimento colaborativo entre a União, os estados, os municípios, o Distrito Federal e as Universidades Federais de Ensino Superior com o planejamento e implementação de práticas pedagógicas para o desenvolvimento de crianças no campo da linguagem oral, da leitura e da escrita. Nas linhas a seguir, discuto sobre a prática docente numa perspectiva reflexiva e crítica.

PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A REGÊNCIA NOS (ENTRE)OLHARES DE PROFESSORES EXPERIENTES

Um dos desafios da formação docente na prática de estágio é a regência, período em que o futuro professor tem a oportunidade de exercer a profissão sob a supervisão do professor titular da turma e do orientador de estágio supervisionado. A construção da autonomia no processo de desenvolvimento das práticas de estágio são consolidadas neste percurso em que o futuro professor passa a assumir a responsabilidade do cuidar, educar, estimular e socializar como ação constitutiva da prática docente na Educação Infantil.

A trajetória que antecipa essa fase que é a observação da prática gestora em que os estagiários têm a oportunidade de compreender a realidade socioeducativa das escolas que atendem as crianças e atividade docente como ação propositiva para garantir os direitos de aprendizagens colaboram para que estes façam os registros de como acontece de fato a rotina nesta etapa de ensino, permitindo um planejamento considerando as exigências do sistema e da escola propriamente dito.

É nessa direção, que a regência como ação formativa em que as habilidades e competências do ser professor são conectadas numa relação dialética da práxis pedagógica, ou seja, da unidade teoria e prática estabelecidas de forma reflexiva a medida em que o estagiário tem a oportunidade de exercer a docência e construir a sua identidade profissional mobilizado pelos conhecimentos advindo da formação universitária. É o espaço de aprendizagem da profissão, ou seja, é um “campo de conhecimento e a ele deve ser atribuído um estatuto epistemológico indissociável da prática, concebendo-o como práxis, o que o define como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção em questões educacionais” (Silva e Gaspar, 2018, p. 206).

O laboratório pedagógico do professor é a sala de aula, espaço em que o docente realiza suas práticas condicionadas aos saberes da profissão. Essa orientação reflexiva do saber-fazer na Educação Infantil vivenciada no campo de estágio permite ao estagiário uma interpretação compreensiva sobre os desafios relacionados ao ser professor, a partir das inquietações, descobertas,

certezas e incertezas da escolha profissional mediados pelas problematizações oriundas de um olhar crítico e atento as singularidades que envolve a prática docente com crianças no movimento dialético da reflexão-ação-reflexão (Schön, 2000). Sobre a prática docente, as estagiárias relataram que:

Estagiária 1- A experiência com a prática docente foi muito enriquecedora. Pude ver de perto como é o dia a dia na Educação Infantil, aprendendo a planejar atividades, lidar com imprevistos e atender às necessidades de cada criança. Também aprendi que nem sempre as coisas saem como planejado, e que cada aluno tem seu ritmo de aprendizagem; nem sempre os métodos garantem que ele aprenda o básico, porque existem outros fatores que interferem. Essa percepção me fez refletir bastante sobre a importância da paciência, da adaptação e da observação após o estágio.

Estagiária 2- A prática docente foi uma experiência transformadora e significativa, por ser minha primeira regência, marcou profundamente minha trajetória acadêmica e pessoal. Pude vivenciar de perto os desafios da sala de aula, compreender melhor a realidade escolar e refletir sobre meu papel como futura professora. Essa vivência me trouxe mais confiança, reforçou minha escolha profissional e ampliou meu olhar sobre a realidade da sala de aula.

A prática na sala de aula foi marcante para as alunas estagiárias, garantindo aprendizagens significativas. Com a compreensão da realidade da escola de Educação Infantil, elas tiveram a oportunidade de entender como de fato o cuidar e o educar como funções indissociáveis nesta etapa de ensino acontecem, desde o planejamento, a rotina, as atividades e os desafios que fazem parte do dia a dia da profissionalidade docente, como descrevem em suas narrativas. Perceberam que o ato de planejar não um fato isolado, mais social em que as crianças têm seu desenvolvimento integral e olhar para essas questões colaboram para a elaboração de estratégias metodológicas que considerem a interação e socialização entre as crianças como essenciais na sua formação integral.

Pimenta (2012), corrobora nessa discussão ao afirmar que o estágio como componente curricular, pode até não ser uma completa preparação para o exercício do magistério, considerando as necessidades formativas da profissão que são amplas e da carga horária definida no Projeto Pedagógico do Curso-PPC, no entanto, a autora coloca que é possível que nestes espaços,

professores, alunos, comunidade escolar e “universidade trabalharemos questões básicas de alicerce, a saber: o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos [...], dos professores nessas escolas, entre outras” (Pimenta, (2012, p. 100). Ter conhecimento e compreensão sobre essas percepções elucidada pela autora permite ao futuro professor a construção de saberes para o exercício da profissão. Nesse sentido, as estagiárias enfatizaram que:

Estagiária 3- A experiência na prática docente foi incrível, ao mesmo tempo desafiadora e transformadora. O estágio foi o meu primeiro contato assumindo a sala de aula, e foi uma explosão de sentimentos, tive medos e ao mesmo tive picos de felicidades. Tive muitos aprendizados, como entender que sala de aula vai muito além do conteúdo, é um espaço de escuta, acolhimento e construção coletiva. Ser professora é lidar com diferentes realidades, ritmos e histórias, exigindo sensibilidade e empatia. É ter dias exaustivos e que nem sempre é fácil, mas há também os momentos em que um simples olhar ou progresso de um aluno nos lembra por que escolhemos esse caminho. E senti que cresci não só como profissional, mas também como pessoa, a partir da experiência que tive na Educação Infantil.

Estagiária 4: A prática docente foi uma experiência maravilhosa e única, pois, colocar o interpessoal em ação é desafiador, mas nada do que articular os sabedores da docência no ambiente escolar. Na teoria tudo é harmonioso, mas quando vamos para realidade é outra percepção, e por esse motivo que a prática docente tem que ser vivida com determinação e persistência”.

O exercício da docência pelo futuro professor é considerado desafiante, inicialmente pelas incertezas se terão domínio de turma, das habilidades e competências observadas pelos professores titulares e pela insegurança do que esperam de si próprio, no sentido de autocobrança. Josso (2004, p. 39) colabora nessa discussão, quando diz que as experiências do estágio promove “[...] uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significações, técnica e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação [...]”. Portanto, as narrativas trazem reflexões relevantes desse tempo vivido na escola campo de estágio e colocam à tona a importância da experiência da prática docente como ação de (trans)formação e/ou transposição didática dos

conhecimentos teórico-práticos numa vertente da práxis pedagógica. É o momento em que se demarca a identidade da profissão pelo aluno-estagiário. A ouvirem na escola e fora dela as crianças e pais dizerem: “olha a professora”, reafirmam a relação da formação-profissão a partir da escola campo de estágio. Nas linhas a seguir, delineio o estágio como campo investigativo mobilizado pelas experiências e os desafios da prática vivenciada pelos estagiários.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO PROCESSO INVESTIGATIVO DO COTIDIANO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DA PRÁTICA VIVIDA

O estágio é o um campo de reflexão da prática e de investigação sobre a realidade escolar em que o professor desenvolve seus saberes e fazeres condicionados as exigências dos sistemas de ensino. É a oportunidade que os futuros professores tem de problematizar as diferentes situações observadas e experienciadas durante a sua permanência nas escolas de Educação Infantil ampliando a constituição de saberes e de práticas inovadoras em uma perspectiva dialética. Sobre o estágio ser uma prática de investigação (pesquisa), as estagiárias declararam que:

Estagiária 1- Sim, o estágio pode ser visto como uma prática de investigação, porque durante ele observamos o dia a dia da sala de aula, analisamos como as crianças aprendem, como as atividades funcionam e como os professores lidam com diferentes situações. Além disso, podemos registrar nossas observações, refletir sobre os resultados, comparar com a teoria estudada na faculdade e buscar soluções para melhorar a aprendizagem. É um momento de investigação prática, em que aprendemos a planejar, avaliar e adaptar estratégias conforme a realidade de cada turma, desenvolvendo nosso olhar crítico e nossa prática docente.

Estagiária 2- Sim, o estágio é também uma prática investigativa, pois possibilita observar, analisar e refletir sobre as situações do cotidiano escolar, compreendendo melhor o processo educativo e construindo conhecimentos a partir da realidade vivida.

Ao expressarem que o estágio é visto como uma prática de investigação, as estagiárias reafirmam que as atividades desse processo formativo ultrapassa a vertente técnica e burocrática, mas estabelece uma conexão com o dia a dia da escola, com olhares múltiplos para a prática docente e de como

esta é realizada. Essas declarações se assemelham com os escritos de Lima e Pimenta (2006, p. 14) ao acentuarem que “a pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. Ela pode ser também uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários”. A reflexão, análise, interpretação da realidade vivida e observada são concepções realçadas nos relatos colocando em evidência que o campo de estágio é movimento e que para compreendê-la é necessário considerar o espaço/tempo e os contextos sociais, culturais, econômicos, formativos entre outros.

Essas vivências experienciadas no percurso da observação a prática docente na escola campo de estágio numa perspectiva investigativa e problematizadora, possibilitou as estagiárias a elaboração dos projetos de intervenção (Pedagogia de Projetos), atendendo as necessidades percebidas no contexto da sala de aula e melhorando a qualidade educacional das crianças. As estagiárias 3 e 4, relataram que:

Estagiária 3- O estágio é uma prática investigativa a todo momento, desde o momento que entramos na escola e realizamos nossa regência, porque nos convida o tempo todo a observar, refletir, questionar e buscar respostas para os desafios encontrados na prática. É um processo de pesquisa constante, onde cada situação vivida na escola se transforma em objeto de análise. Foi por meio desta prática que encontrei o problema e intervir no meu projeto de intervenção. Por meio do estágio, investiguei a realidade da escola, avaliei estratégias e construí saberes com base na experiência

Estagiária 4: Considero o estágio como uma prática de investigação (pesquisa), pois, não é apenas aplicar uma verdade absoluta no campo de atuação, é necessário ser flexível a realidade para compreender o ambiente. Portanto, no estágio existe a observação, sendo assim, o estagiário busca entender a dinâmica da sala de aula, as relações dos profissionais da educação, suas metodologias e as atitudes dos alunos. Durante o período do estágio muitos desafios aparecerem, e com isso, surgem as indagações e reflexões, desta forma as hipóteses são levantadas em busca de uma resposta. Além, de ser um campo de atuação, dá a oportunidade de construir a identidade profissional do docente.

Destaco das narrativas descritas a importância da pesquisa como eixo de investigação do cotidiano escolar. Entre as etapas do estágio, a observação a partir da problematização foi necessário para a pedagogia de projetos com o

intuito de intervir e contribuir com o cuidar e educar na Educação Infantil. A mudança de paradigma e as percepções sobre as estratégias didáticas pedagógicas de ensino e o processo avaliativo das crianças contemplando o seu desenvolvimento integral representam elementos de pesquisa e de construção do ideário da docência, nesta etapa de ensino.

O estágio como componente curricular na formação inicial de professores deve assegurar aos estudantes saberes necessários para o exercício da docência e principalmente na compreensão da escola como instituição de ensino que cumpra a sua função de cuidar e educar as crianças de modo a desenvolver suas potencialidades de forma integral. Assim, cabe a universidade garantir uma formação sólida, ética e responsável de modo “que o profissional que trabalha com Educação Infantil esteja em um patamar teórico metodológico suficientemente capaz de ressignificar o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil”(Zabini, Rodrigues e Oliveira, 2015, p.02).

Nesse caminho que o estágio proporciona ao futuro professor a “oportunidade de relacionarmos teoria e prática, constatando que as mesmas são indissociáveis, principalmente no que tange ao processo de mediação do conhecimento junto ao trabalho pedagógico na escola infantil” (Zabini, Rodrigues e Oliveira, 2015, p.02). Em relação de como as estagiárias conceituam a experiência do estágio supervisionado no contexto da prática e o papel do professor orientador, e das professoras experientes para a construção de saberes docentes, as mesmas responderam que:

Estagiária 1: Para mim, o estágio supervisionado na Educação Infantil foi uma experiência muito importante, porque me ajudou a ver de perto como é a prática dentro da sala de aula. Pude aprender não só observando, mas também participando das atividades com as crianças. O professor orientador teve um papel essencial, pois foi quem me ajudou a refletir sobre cada momento, trazendo ideias e apontando caminhos. Já as professoras da escola, com toda a experiência que elas têm, compartilharam comigo estratégias e jeitos de lidar com situações do dia a dia que só quem está em sala mesmo conhece. Acho que essa troca foi fundamental para eu ir construindo meu jeito de ser professora.

Estagiária 2: A experiência do Estágio Supervisionado foi extremamente enriquecedora, pois possibilitou vivenciar a prática docente de maneira concreta e aplicar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação. O

professor orientador teve um papel essencial, atuando como guia e apoiador em todas as etapas, oferecendo segurança, esclarecendo dúvidas e direcionando todo o processo. Sua presença foi fundamental para que eu não me sentisse perdida diante das incertezas do primeiro estágio. Já as professoras experientes que acompanharam minha regência também contribuíram, elas intervieram em momentos necessários, auxiliaram na mediação com os alunos, compartilharam experiências e dicas valiosas e proporcionaram uma troca constante, baseada no diálogo e no apoio, essa interação fortaleceu ainda mais minha formação.

As narrativas das estagiárias elucidam a importância do estágio supervisionado no desenvolvimento de habilidades e competências para atuarem na Educação Infantil a partir do acompanhamento e participação ativa das ações da gestão escolar e da prática docente propiciado pelas observações, pelo diálogo mútuo e socialização de saberes entre os professores experientes e em formação. Colocam ainda, a relevância do orientador no auxílio das atividades propostas favorecendo reflexões múltiplas sobre o processo de ensinar e aprender apontando caminhos e direcionando saberes teóricos práticos da/na realidade escolar em que as aprendizagens docentes são consolidadas numa perspectiva crítica da teoria na prática.

O estágio, desse modo, por ser um “[...] lócus onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida; volta-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica e, por isso, deve ser planejado gradativo e sistematicamente com essa finalidade [...]” (Buriolla, 1999, p.13). Assim, as vivências experienciadas na escola campo de estágio se torna um momento propício para a constituição do ser professor, conforme é expressado pela estagiária ao mencionar que essas interações socializadoras garantiram a construção de sua identidade ou como a definiu “meu jeito de ser professora”.

As estagiárias ao mencionarem a respeito das trocas de experiência com as professoras, reforçam o que diz Lima (2001), ao realçar que essa vivência é um ato valioso de crescimento profissional para os futuros professores em que a integração “do docente, que tem os mesmos interesses e as mesmas preocupações pedagógicas pode se construir de um espaço de construção coletiva, onde cada um aprende com o outro e procura compreender a experiência do seu

companheiro dentro do seu contexto e da sua realidade (Lima, 2001, p. 29). Ao questionar sobre que e/ou quais situações marcaram essa experiência vivida, as mesmas afirmaram que:

Estagiária 1- Algumas situações marcaram bastante minha experiência no estágio. Um dos momentos mais importantes foi perceber a ludicidade com as crianças: ver que elas se envolviam nas atividades, aprendiam e participavam juntas foi muito gratificante. Também trabalhei a questão da inclusão, garantindo que todas as crianças, independentemente de suas necessidades, pudessem participar das atividades. Outro ponto essencial foi a troca de conhecimento com duas professoras da sala, que me orientaram, compartilharam estratégias e experiências, e me ajudaram a entender melhor o dia a dia da Educação Infantil. Além disso, vivenciar os desafios e imprevistos da rotina escolar me fez aprender a ser mais flexível, criativa e paciente no meu processo de formação.

Estagiária 2- Entre os momentos mais marcantes, destaco o desenvolvimento das crianças ao longo do estágio, principalmente quando percebi avanços em suas aprendizagens e habilidades. Também foi marcante o vínculo afetivo que construímos, pois essa relação de confiança e carinho tornou o ambiente de ensino mais leve e prazeroso. Além disso, cada desafio superado, como lidar com situações de indisciplina ou adaptar atividades que não estavam saindo como o planejado, marcou meu crescimento.

São muitas as experiências vivenciadas pelas estagiárias na escola campo de estágio na Educação Infantil que fortaleceram os laços da profissão docente, desde as atividades lúdicas e de inclusão desenvolvidas com as crianças garantindo os direitos de aprendizagens ao compartilhamento de saberes socializados ao longo do processo de diálogo mútuo com as professoras experientes estabelecendo o vínculos pessoais e profissionais permitindo uma melhor autonomia do saber-fazer docente.

Esses momentos demarcam de certa forma o estagiário-estudante e o estagiário-professor em formação desencadeando reflexões críticas sobre a postura e saberes necessários para o exercício da profissão, até porque esse saber dos professor “ [...]é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc. (Tardif, 2002, p. 11). São nas relações dialógicas e nos compartilhamentos de experiências sobre a prática que os futuros

professores tem a oportunidade de orientar o seu saber fazer como é descrito nos relatos a seguir:

Estagiária 3- Uma das situações que mais me marcaram foi o acolhimento que eu tive com todos da escola, sem exceção. Desde a gestão aos profissionais ASG, fui bem recebida. Na sala de aula, tive professoras que ensinaram, ajudaram e acolheram sobre a prática docente, isso foi marcante na minha experiência, porque hoje lembro cada conselho. Outro momento que me marcou foi o envolvimento das crianças com as atividades que propus, o que reforçou minha crença no valor do planejamento pedagógico bem estruturado. Além disso, ser chamada de professora e ser amada pelas crianças não tem preço, cada momento com eles se tornaram especiais.

Estagiária 4- O campo de atuação em que realizei meu estágio está inserido em uma área periférica, então, pelo simples fato de a criança estar presente no ambiente escolar é algo marcante. Durante a observação, era notório alegria no rosto de cada uma, a vontade de aprender e o entusiasmo de participar das atividades também, o que me fez refletir sobre a realidade delas, quantos “sonhos interrompidos?” por negligência familiar ou outros fatores, de certa forma a criança não tem culpa, mas que está inserida naquele ambiente, então existe uma sobrecarga, professor nenhum vais querer perder um aluno para coisas ilícitas. No que tiver ao meu alcance como profissional da educação irei fazer, não posso mudar a realidade de 30, mas se de 99% conseguir, já estarei realizada na minha profissão.

O acolhimento da gestão escolar e dos professores com as estagiárias foi bastante significativo conforme expressam em suas narrativas, fortalecendo a relação de parceria entre a universidade e a escola. Destacam o valor do planejamento como essencial no desenvolvimento da prática que é percebida e sentida a partir da participação das crianças. Quando mencionam a emoção que é escutarem ser chamadas de professoras, evidenciam características que demarcam a sua identidade profissional docente considerando essas experiências iniciais.

O Conselho Nacional de Educação, nesse sentido, coloca que o Estágio Curricular constitui as condições para a concretização da formação como licenciado para “o exercício profissional na medida em que é considerado o momento de efetivar, sob a supervisão de um professor experiente, um processo de ensino-aprendizagem em que se tornará concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário” (Brasil, 2001, p. 10). Entre as múltiplas aprendizagens do estágio para a docência o reconhecimento deste como es-

sencial no desenvolvimento das potencialidade do futuro professor mobilizado pelas reflexões das atividades realizadas, coloca na centralidade da discussão o comprometimento deste processo formativo por parte das instituições: Universidade, sistema de ensino e escola, bem como dos estagiários no sentido de cumprir com as normativas estabelecidas para a docência.

Atenuam ainda, a escola como campo da prática e essa percepção citada nos relatos na qual uma das estagiárias problematiza sobre a importância da escola na vida das crianças e de se pensar em garantir esse direito de modo a evitar a interrupção do cuidar e educar, enaltece o compromisso como futura professora de (trans)formar a realidade por meio da educação. Sobre os desafios e/ou dificuldades que enfrentarem durante o processo de constituição do estágio Supervisionado, as estagiárias informaram que:

Estagiária 1- Durante o estágio supervisionado, enfrentei alguns desafios, principalmente na adaptação com as crianças . Foi preciso planejar bem a dinâmica das atividades para que as crianças não ficassem desanimadas ou cansadas, mantendo o interesse e a participação de todos. Também precisei fazer adaptações para crianças autistas, mas consegui me organizar, porque já havia estudado sobre educação inclusiva em uma disciplina da faculdade. O planejamento me ajudou bastante a superar esses desafios, embora nem sempre fosse possível executar todo o plano de aula, por causa de imprevistos como falta de luz, saída antecipada . Um dos meus maiores desafios foi tentar deixar de lado, durante a prática, o lado mais tradicional que ainda existe na escola, equilibrando métodos ativos e lúdicos com as exigências do cotidiano escolar. Apesar disso, cada experiência de desafios e dificuldades contribuíram para melhorar minha prática, aprender a lidar com situações inesperadas e ganhar mais segurança como futura professora.

Estagiária 2- Os principais desafios foram relacionados à insegurança e ao nervosismo diante do novo, no início, havia o receio de que as crianças não compreendessem as atividades propostas ou de que eu não conseguisse manter o controle da turma.

Adaptar o campo de estágio como elucidado pelas estagiárias é um dos desafios desse processo, até porque se tornar membro afiliado ao contexto escolar precisa de tempo, aspecto este que justifica a observação da prática gestora e docente como pontos relevantes para integração entre todos que fazem parte da escola. Merece atenção as práticas inclusivas no processo de planejamento

das ações e sua execução considerando as especificidades da sala de aula e da contribuição dos conceitos teóricos da Educação Inclusiva como saber disciplinar, “isto inclui assegurar que todos os alunos participem o máximo possível, da aula, que tenham oportunidades para interagir com o professor e entre si e que alcancem o sucesso” (Mittler, 2003, p. 170).

Desse modo, as imprevisibilidades fazem parte da realidade da escola e assegurou as estagiárias a compreensão de como a instituição lida com essas situações desde a falta de energia, entre outras situações pontuais. O exercício da docência com práticas inovadoras de modo a romper as visões tradicionais foram marcas registradas neste percurso formativo pelas estagiárias. O medo e a insegurança no início do estágio se transformam em satisfação, autonomia e reconhecimento das atividades que fazem parte da profissão docente. Nesse sentido, as estagiárias 3 e 4, relataram que:

Estagiária 3- Durante o estágio, enfrentei alguns desafios, principalmente relacionados a gestão do tempo, apesar da organização nos planos de aula, o tempo passava muito rápido e alguns alunos não eram ágeis, e tudo o que planejávamos aquele dia não se concretizava. As atividades tinham que ser lúdicas e xerocadas, tínhamos que organizar os tempos para realizar as duas, o que dificultava a noção do tempo. Outro ponto, é a falta de recursos desses materiais, que tirei do nosso bolso para que tivéssemos uma experiência completa. Também foi um desafio, a insegurança inicial, por estar em uma posição nova, também foi algo que precisei superar com o tempo e com a ajuda das professoras da sala. E por fim, o espaço da sala, como a sala era muito pequena, tinha dificuldades de realizar brincadeiras interativas e de socialização, para que pudéssemos fazer algumas atividades tínhamos que ficar bem juntinhos ou tirávamos algumas mesas e cadeiras para que pudéssemos concretizar as brincadeiras, até porque o espaço da escola era pequeno e não possuía quadra. Ficava difícil levar crianças do 2º período para brincar as 9h, sem cobertura.

Estagiária 4- Durante o processo de constituição do estágio supervisionado me deparei com inúmeros desafios, além do planejamento das aulas, como também os recursos pedagógicos e impressões, pois, cada material tem um custo, e como professora em formação sem emprego ou bolsa da universidade, tive que usar da criatividade e utilizar materiais recicláveis para aplicação das aulas, outro fator importante a ser citado é a questão da inclusão das crianças atípicas, as quais precisam da atenção dobrada e recursos pedagógicos adaptados também.

As narrativas acima, colocam à tona os desafios experienciados na escola campo de estágio, desde a adaptação com as crianças no sentido de se tornar membro afiliado, ao processo de elaboração do planejamento didático, considerando a realidade socioeducativa da turma, principalmente quanto a garantia dos direitos de aprendizagens a todas as crianças a partir de atividades específicas. Explicitam ainda sobre a importância dos saberes disciplinares da Educação Inclusiva para a prática da docência, reconhecendo que estes conhecimentos favoreceram um direcionamento do ensinar e aprender de maneira inclusiva.

Ao mencionarem os imprevistos do cotidiano escolar, tais como: a falta de luz, as interrupções das aulas por conta de outras situação bem como o rompimento da reprodução de práticas tradicionais observadas durante as atividade no campo de estágio, permitiram a (re)elaboração de estratégias metodológicas, até porque “[...] a educação é uma prática, mas uma prática intencionada pela teoria. Decorre dessa condição a atribuição de um lugar central ao estágio, no processo de formação do professor” (Oliveira, 2013, p.14). Nesse sentido, as estagiárias ao aprenderem a lidar com diferentes situações, inclusive aquelas em que não foram experienciadas durante a observação possibilitou a aquisição de segurança sobre as situações “inesperadas” que ocorrem na escola, garantindo a construção da autonomia no desenvolvimento de sua prática docente.

DIÁLOGOS FINAIS

O estágio supervisionado na Educação Infantil é uma disciplina teórica-prática que tem muitas contribuições no processo formativo do futuro professor. Inicialmente permite aos estagiários uma compreensão teórica sobre seus conceitos e bases legais no que corresponde aos seus aspectos teóricos e assegura a docência como elemento norteador da prática constituindo a identidade profissional docente a partir da observação da gestão, do saber-fazer do professor no contexto da sala de aula, ao planejamento das situações didáticas, bem como da problematização para a investigação e intervenção com a Pedagogia de Projetos.

As trilhas de construção de saberes para o exercício da docência foram permeadas numa perspectiva dialógica-crítica e de relação mútua entre a Universidade, Sistema de Ensino e a escola, conjuntamente com o professor supervisor e estagiários em que tiveram a oportunidade de perceber a partir das ações estabelecidas no plano de ensino todo o percurso de realização da mesma.

As experiências vivenciadas ao longo desse processo permitiu reflexões múltiplas sobre o que é ser professor? Que saberes são necessários para o exercício da docência? Como desenvolver as potencialidades das crianças e garantir os direitos de aprendizagens, considerando o cuidar e educar como elementos indissociáveis? Qual a importância da observação para a construção do pensamento científico investigativo a partir da escola campo de estágio no sentido de problematizar para compreender a realidade escolar? Que estratégias metodológicas devem ser realizadas de forma inovadora? Que/ quais conhecimentos acadêmicos foram preciso serem retomados para a prática na escola campo de estágio? Essas e outras indagações se fazem presente nesse caminho da formação que o estágio possibilita.

O trabalho coletivo numa perspectiva de colaboração em que as ideias socializadoras dão origem as práticas inovadoras para a promoção de uma ação docente eficaz são características que demarcam o tempo vivido na escola campo de estágio, estabelecendo uma relação mútua entre professores experientes e futuros profissionais da educação. Esse momentos fortalecem os vínculos e marcam positivamente o início da docência ou da identidade profissional.

Portanto, o estágio é o espaço em que o futuro professor tem a oportunidade de se (trans)formar, de construir sua autonomia, desenvolver habilidades e competências necessárias para o exercício da docência na Educação Infantil. É o momento em que as dúvidas e incertezas sobre a sua profissão passam a ser (des)construídas no movimento dialético sobre o que se foi antes e o que se tornou agora a partir da experiência vivida.

REFERÊNCIAS

ALTET, M.. (2017). A observação das práticas de ensino efetivas em sala de aula: pesquisa e formação. **Cadernos De Pesquisa**, 47(166), 1196–1223. <https://doi.org/10.1590/198053144321>. Acesso em 25 de abril de 2025.

BRASIL. **Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 3-4, 26 set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, (Vol. I, II, III).

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP 28/2001**. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2001

BURIOLLA, M. A. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 1999.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CIPOLLONE, Laura. A atualização permanente nas creches. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna (org.). **Manual de educação infantil de 0 a 3 anos**. 9. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 121-139.

CORSINO, P (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas: Autores Associados, 2009.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne. Duas reflexões sobre documentação pedagógica. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150-169.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, p. 20-29, 1995.

GOMES, Tiago Pereira. Processos Constitutivos da Docência: trilhas formativas, saberes e práticas no Ensino Superior no Amazonas. **Tese de Doutorado em Educação**. Teresina, 2024. 375f. Disponível em <http://repositorio.ufpi.br:8080/handle/123456789/3863>. Acesso em 22 de agosto de 2025.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **A hora da prática: Reflexões sobre o Estágio Supervisionado e ação docente** – 2ª Ed. Ver. Aum. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. Londrina: UEL, 2007.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**/ Peter Mittler; Porto Alegre; Artmed, 2003.

MEDEIROS, Josué Cordovil; SILVA, Thaiany Guedes da; GHEDIN, Evandro. O Estágio de Docência e sua contribuição à aprendizagem e formação: um relato de experiência. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 33, n. 74, p. 35-50, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/20335>. Acesso em: 23 set. . 2025.

MIZUKAMI, M. da G. N. et al. **Escola e Aprendizagem da Docência: processos da Investigação e Formação**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Ed. Porto, 1992. NÓVOA, A. **Professores: imagens do futuro presente**. Porto: Ed. Porto, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção Docência em formação. Série Educação Infantil).

OSTETTO, Luciana E. (Org.) **Encontros e encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP. Papirus, 2000.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PASSERINI, Gislaine Alexandre. **O estágio supervisionado na formação inicial do professor de Matemática na ótica de estudantes do curso de licenciatura em Matemática da UEL**. 2007.

PERRENOUD, PH. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1996.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. – 7 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

RAYMUNDO, G.M.C. A prática de ensino e o estágio supervisionado na construção dos saberes necessários à docência. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 357-374, 2013. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/4730> . Acesso em 22 de agost. 2025.

ROCHA, M.T. S; PAIXÃO, J.A. Estágio Curricular Supervisionado e suas contribuições formativas na construção da profissionalidade docente: uma análise a partir da percepção discente. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. 21, n. 01, p. 97-111, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/37468> .Acesso em 18 de agost. 2025.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SILVA, H. I.; GASPAR, M.. Estágio supervisionado: a relação teoria e prática reflexiva na formação de professores do curso de Licenciatura em Pedagogia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 205–221, jan. 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002

ZABINI, Franciele Oliveira; RODRIGUES, Gabriela Ribeiro; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. **Relatos de Experiências a partir do Estágio Supervisionado em Educação Infantil da Universidade Estadual de Londrina**. XVI Semana da Educação. VI 63 Simpósio de Pesquisa e pós-graduação em Educação. Desafios atuais para a Educação. 2015.

CAPÍTULO 2

ENTRE O DIZER E O FAZER: NARRATIVAS DA PRÁTICA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mirian Monteiro Torres

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-1

NARRATIVAS INICIAIS

O presente capítulo, fruto das experiências de estágio, integra as discussões realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (Campus Itacoatiara). Seu objetivo principal é discutir as relações entre as expectativas e a realidade da prática pedagógica e docente no processo formativo de professores, tomando como base as vivências na escola campo de estágio. Dessa forma, a compreensão do estágio como um campo de conhecimento atribui a ele um estatuto epistemológico que transcende sua tradicional concepção como uma atividade prática de caráter meramente instrumental.

Pimenta e Lima (2005; 2006) destacam que o estágio se concretiza na interação entre os cursos de formação e o campo social onde se desenvolvem as práticas educativas. Essa perspectiva amplia a função do estágio, permitindo que ele seja também uma atividade de pesquisa, na qual o futuro docente investiga, reflete e ressignifica suas experiências, articulando teoria e prática de forma crítica e intencional.

O Estágio Supervisionado desempenha um papel central na formação docente, funcionando como um espaço privilegiado para a construção de significados sobre a profissão e para o desenvolvimento de aprendizagens que transcendem a sala de aula. De acordo com Aguiar, Pereira e Viella (2017), essa prática curricular permite que os futuros professores compreendam o contexto

escolar em sua totalidade, incluindo aspectos como o projeto político-pedagógico, as relações interpessoais, as histórias de vida dos docentes, e as práticas de ensino e aprendizagem. Além disso, o estágio possibilita uma análise mais aprofundada das atividades educativas, desafiando o senso comum e promovendo a percepção de elementos muitas vezes invisíveis a um olhar inicial. Assim, essa vivência contribui para que os estagiários desenvolvam uma visão ampliada sobre as múltiplas dimensões da docência, incluindo o vínculo com os alunos, as interações com a comunidade escolar e a forma como o conhecimento é tratado e produzido. Isso reforça a importância do estágio como uma etapa essencial na formação crítica e reflexiva do professor.

No contexto da Educação Infantil, especificamente na turma de 1º período, desenvolvemos diversas ações relacionadas à docência que compõem o trabalho pedagógico de um professor dessa etapa de ensino. Entre essas atividades, destacam-se: a compreensão da realidade socioeducativa mobilizada pelo trabalho da gestão escolar, administrativa e financeira, o contato direto com crianças de 4 a 5 anos; a vivência da rotina escolar; o planejamento de aulas; a organização do espaço físico; as observações sistemáticas; e a realização de um projeto de intervenção na turma.

Desta forma, o texto é estruturado em cinco momentos que abordam de forma sequencial e reflexiva o estágio supervisionado na Educação Infantil. Inicia-se com o embasamento teórico e legal que fundamenta o estágio, seguido pela descrição da escola campo de estágio, destacando as observações sobre a ação gestora. Relatos das práticas de regência e experiências pedagógicas que compõem a narrativa central, acompanhados pela discussão dos desafios enfrentados e estratégias de superação, seguido das reflexões críticas sobre a relação entre teoria e prática que enriquecem o conteúdo, culminando na conclusão, que sintetiza os aprendizados e reforça a importância do estágio na formação docente integral.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS

No Brasil, o estágio supervisionado é regulamentado pela Lei nº 11.788/2008, conhecida como a Lei do Estágio, que estabelece as diretrizes para a realização dessa prática, fundamental para a formação acadêmica e profissional. Essa legislação busca assegurar que o estágio seja um processo educativo que articule teoria e prática, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento das competências necessárias para o futuro profissional. Além disso, outras normativas, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), reforçam a importância de atividades formativas que respeitem os direitos das crianças e a qualidade da educação.

O estágio supervisionado em cursos relacionados à Educação, como na licenciatura em Pedagogia, possui um papel estratégico, especialmente no âmbito da Educação Infantil e do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Nesse contexto, as normativas determinam que a prática docente deve ser planejada e orientada, garantindo o pleno desenvolvimento das crianças, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei nº 8.069/1990). O ECA assegura que todas as atividades educacionais respeitem os direitos fundamentais das crianças, como o direito à educação de qualidade e à proteção integral.

A Educação Infantil é regulamentada por um conjunto de marcos legais que buscam assegurar o direito ao desenvolvimento integral da criança em seus primeiros anos de vida. Esses documentos oferecem diretrizes fundamentais para a organização das práticas pedagógicas e para a formação docente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, destinada às crianças de zero a cinco anos. Ela define que esse nível de ensino deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos, em um ambiente que complemente a ação da família e da comunidade (Art. 29). Ela, assegura que o atendimento em creches e pré-escolas seja realizado por profissionais qualificados, reconhecendo a formação docente como um elemento essencial para a qualidade do ensino.

Outro marco fundamental é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que organiza a Educação Infantil em torno de direitos de aprendizagem e campos de experiência. Esses direitos incluem conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, reforçando a ideia de que a criança é um ser ativo na construção de seu conhecimento e desenvolvimento. A BNCC estrutura os objetivos de aprendizagem em cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Esses campos visam garantir uma abordagem integral e integrada ao desenvolvimento infantil, valorizando as múltiplas dimensões do aprendizado.

Nessa direção, o Estágio Supervisionado deve ser estruturado para promover a valorização do profissional em formação e assegurar que o processo pedagógico seja desenvolvido de maneira ética, inclusiva e alinhada às diretrizes curriculares nacionais. Para isso, é essencial que instituições de Ensino Superior, escolas e estagiários atuem em parceria, garantindo que as crianças sejam beneficiadas por práticas pedagógicas e docentes significativas e transformadoras.

NARRATIVAS DA PRÁTICA DE ESTÁGIO: DESCRIÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

A escola campo de estágio, apresenta um perfil que reflete os desafios e esforços comuns as instituições de ensino localizadas em áreas periféricas. Inaugurada em 2005, atende atualmente 624 alunos da Educação Infantil 1º e 2º período e do 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, distribuídos entre os turnos matutino e vespertino. A instituição busca proporcionar um ambiente educacional organizado e funcional, enfrentando limitações estruturais, pedagógicas e de gestão.

A estrutura física da escola passou por diversas adaptações ao longo dos anos, algumas motivadas por exigências de segurança, como a reforma realizada após a vistoria do Corpo de Bombeiros em 2009. Apesar de melhorias, como a ampliação das saídas de emergência, problemas como a falta de

ventilação adequada persistem, tornando os ambientes internos desconfortáveis, especialmente em períodos de calor intenso. O mobiliário das salas de aula é composto por mesas e cadeiras, substituindo carteiras tradicionais, com capacidade para 30 a 35 alunos por sala.

Monteiro e Silva (2015, p. 28) são enfáticos ao dizer que: “se não há uma boa sala de aula que ofereça as mínimas condições de comodidade, tanto para o aluno quanto para o professor, esse processo será defasado”, ou seja, são necessários outros elementos tais como as “[...] instalações e materiais de qualidade, pois o processo de ensino aprendizagem é muito complexo e requer mais do que estrutura, ele requer competência e habilidade” (Monteiro e Silva, 2015, p. 28). Nesse sentido, a escola conta com banheiros adequados para alunos e professores, incluindo instalações para pessoas com deficiência. No entanto, a carência de equipamentos tecnológicos é evidente, com apenas dois projetores disponíveis, dos quais apenas um está funcionando. A ausência de uma biblioteca projetada adequadamente é destacada como um ponto crítico, limitando o acesso dos alunos a recursos essenciais para o incentivo à leitura e à pesquisa.

O equilíbrio entre métodos tradicionais e lúdicos é debatido entre os professores, refletindo uma preocupação em oferecer um ensino diversificado e eficaz. O planejamento docente é realizado semanalmente, permitindo ajustes conforme as demandas de cada turma. Contudo, os desafios permanecem, incluindo a formação contínua dos professores e o enfrentamento das dificuldades sociais e emocionais dos alunos.

Miranda et al (2016, p. 2) expressa que é preciso que as escolas tenham uma estrutura física adequada para um trabalho pedagógico eficaz “pois, além da questão visual, da aparência da sala de aula, há a questão de disponibilização de recursos didáticos” para que as práticas da docência de fato aconteçam. Assim, embora a escola apresente avanços em sua organização e práticas pedagógicas, as limitações de infraestrutura e recursos continuam sendo barreiras significativas. A necessidade de uma biblioteca funcional, maior ventilação nas salas e acesso ampliado a tecnologias são prioridades.

Ademais, o fortalecimento da parceria com a comunidade e a formação de professores para lidar com a diversidade e os problemas sociais dos alunos são fundamentais para a evolução do ambiente escolar. Portanto, a escola reflete dificuldades enfrentadas pela educação pública no Brasil, ao mesmo tempo em que evidencia o esforço do gestor, pedagoga e docentes em criar um espaço de aprendizado que busca superar suas limitações para atender às necessidades de seus alunos.

DA OBSERVAÇÃO À REFLEXÃO DA AÇÃO GESTORA

O Estágio Supervisionado é um momento de extrema importância na formação dos futuros profissionais da educação, possibilitando a articulação entre teoria e prática. Durante a experiência em campo, a observação do cotidiano escolar e das ações gestoras forneceu uma compreensão das dinâmicas organizacionais, pedagógicas e administrativas que sustentam o funcionamento da escola. Nesse contexto, a participação da comunidade escolar e o papel ativo do gestor são elementos centrais que moldam um ambiente de aprendizado e convivência.

Na escola estagiada, foi perceptível a integração entre os diversos atores da comunidade escolar. Professores, gestores, secretários, pedagogos, funcionários de serviços gerais e vigilantes que participam ativamente das decisões e das atividades promovidas pela instituição. Esse envolvimento coletivo reflete uma gestão participativa, essencial para a construção de um ambiente escolar acolhedor e funcional. Um exemplo dessa integração foi a organização do evento para o Dia das Crianças, que contou com a colaboração de todos, incluindo estagiários. A ação mostrou que a responsabilidade pelo bem-estar dos alunos transcende o trabalho individual dos professores, exigindo o comprometimento de todos os membros da comunidade escolar. Para Luck (2019, p. 13):

compete ao diretor escolar, [...] adotar uma orientação voltada para o desempenho das competências desse trabalho. O primeiro passo, portanto, diz respeito a ter uma visão abrangente do seu trabalho e do conjunto das competências necessárias para o seu desempenho. Em seguida, deve estabelecer um programa para o desenvolvimento das competências necessárias para fazer frente aos seus desafios em cada uma das dimensões. No caso

de já estar atuando, cabe-lhe definir uma lista específica de competências para poder avaliar diariamente o seu desempenho, como uma estratégia de automonitoramento e avaliação.

É nessa direção, que a ação gestora se destacou como um elemento chave para o bom desempenho das práticas escolares. Durante o estágio, foi observado que o gestor participava da rotina da escola, desde a supervisão da merenda escolar até o acompanhamento das aulas e intervalos. Essa postura evidencia uma liderança comprometida não apenas com a gestão administrativa, mas também com as práticas pedagógicas e docentes. Um gestor presente, que observa e orienta continuamente, demonstra preocupação com a qualidade do ensino e com o desenvolvimento integral dos alunos, ao mesmo tempo em que assegura o cumprimento das normas e diretrizes educacionais.

Além das ações cotidianas, a gestão administrativa da escola revelou-se transparente e democrática, especialmente no que diz respeito ao uso dos recursos financeiros provenientes do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Esse programa, que fornece apoio financeiro às instituições de ensino, é gerido de forma coletiva, com a participação de professores e funcionários na definição de prioridades de investimento. As decisões, registradas em ata, garantiram a aquisição de materiais indispensáveis, como um freezer e uma máquina, sempre priorizando a necessidade da comunidade escolar e a melhoria das condições de ensino.

Embora houvesse, em alguns momentos, discordâncias entre docentes e a equipe gestora, o diálogo e o foco no bem-estar dos alunos prevaleceram. Essas divergências, naturais em ambientes democráticos, foram superadas pela busca por soluções que beneficiassem o coletivo, assegurando um ambiente acolhedor e de oportunidades. Entendemos esses encaminhamentos como ação de uma gestão democrática que deve implicar necessariamente a participação da comunidade na tomada de decisão (Paro, 2006).

O estágio revelou, portanto, que a escola é um espaço complexo e dinâmico, onde as relações interpessoais e a gestão de recursos são fundamentais para o sucesso do processo educativo. A observação e a reflexão sobre a ação gestora mostraram que a integração da comunidade escolar e a liderança ativa

do gestor são fatores determinantes para proporcionar uma educação de qualidade e um ambiente propício ao aprendizado. Assim, o estágio não apenas forma futuros profissionais, mas também reafirma a importância de uma gestão participativa e humanizada no contexto escolar.

PLANEJAMENTO DA REGÊNCIA: O SABER-FAZER EM FOCO

O planejamento das atividades pedagógicas na Educação Infantil transcende a simples escrita de planos em papel. Ele se inicia com uma análise atenta e crítica do contexto em que as crianças estão inseridas, considerando suas necessidades, interesses e potencialidades. Para que esse planejamento seja efetivo, é fundamental que o espaço educativo funcione não apenas como um local decorativo ou de exposição de trabalhos padronizados, mas como um ambiente dinâmico que reflita os conteúdos abordados e as formas como estão sendo explorados. Nesse sentido, Magalhães e Lazaretti (2019) destacam que o espaço deve ser concebido como um meio de ampliação e diversificação da realidade social das crianças, promovendo situações de ensino que contribuam para seu pleno desenvolvimento.

A prática do planejamento vai além da aplicação de conhecimentos teóricos, constitui também um campo de produção de saberes. Ostetto (2000) enfatiza que, para planejar adequadamente, é indispensável observar criticamente o ambiente e as interações das crianças. Essa observação permite ao educador identificar demandas específicas e criar espaços intencionais que favoreçam o acesso das crianças aos materiais e estimulem sua participação ativa. Nesse processo, o professor assume o papel de pesquisador, analisando continuamente o contexto escolar e ajustando suas práticas de acordo com as necessidades identificadas.

Outro aspecto essencial do planejamento pedagógico é a organização do espaço de aprendizagem. Bauru (2022) ressalta que essa organização deve ser pensada a partir das necessidades das crianças, e não para atender à conveniência dos professores. Um ambiente bem planejado permite que os materiais estejam ao alcance das crianças, promovendo sua autonomia e engaja-

mento. Além disso, ações intencionais planejadas pelo professor são cruciais para que os alunos experimentem avanços qualitativos em seu desenvolvimento.

Como docentes, é fundamental conhecer o contexto geral da escola. Isso inclui compreender como funciona a gestão, o ambiente escolar, a alimentação e outras dinâmicas institucionais. Esse contato inicial possibilita entender a identidade da escola, o que é essencial para interpretar e atuar no contexto da sala de aula. Dentro da sala de aula, as práticas e atividades desenvolvidas refletem diretamente o contexto geral da escola. O planejamento pedagógico, alinhado ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) e às condições da escola, tem impacto direto no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Assim, um planejamento bem estruturado, associado as atividades significativas, contribui para o bom desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

Libâneo (1994, p. 221), explica que “o planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação”. Nesse sentido, para assumir a regência, o professor precisa cultivar um olhar pesquisador, investigando o contexto em que está inserido. Esse enxergar permite identificar as necessidades específicas da turma, compreender suas características e dificuldades, e reconhecer as demandas reais da prática pedagógica. É importante destacar que não basta aplicar metodologias que pareçam interessantes ou que funcionaram em outros contextos.

A realidade de cada turma é única e requer estratégias adaptadas às suas necessidades específicas. O professor precisa conhecer a identidade da turma, fazer sondagens sobre o nível de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, e planejar metodologias eficazes para aquele grupo. Mais do que saber qual metodologia utilizar, o essencial é compreender o que pode ser feito com os recursos e contextos disponíveis. O olhar pesquisador, a compreensão da realidade e a adaptação são elementos chave para uma prática pedagógica reflexiva e eficaz.

O estágio iniciou-se com a observação do ambiente escolar, incluindo entrevistas com a pedagoga, análise da carga horária e diálogos com os

professores. Esse momento foi fundamental para compreender a dinâmica da escola, a rotina pedagógica e o contexto das crianças. A interação com as turmas e os registros realizados enriqueceram a compreensão do processo educativo, permitindo uma visão ampla do funcionamento da instituição.

Assim, houve um diálogo sobre as propostas pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), especialmente sobre como trabalhar a literatura infantil e as concepções dos professores. Essa etapa incluiu a elaboração de planejamentos que respeitassem o contexto da escola e as especificidades das crianças, com foco em promover o desenvolvimento integral por meio de atividades criativas e alinhadas aos objetivos pedagógicos e às propostas da SEMED.

Antes de escrever o planejamento, foi realizada uma observação do contexto da turma. A partir desse processo, começamos a refletir sobre como planejar de acordo com as condições da turma, em que nível elas estavam. O planejamento inicial partia da base do plano de aula das professoras titulares, que trabalhavam em dupla para elaborar o planejamento a cada 15 dias. Elas realizavam essa etapa juntas, discutindo e estruturando o plano de aula de acordo com as necessidades da turma e as orientações pedagógicas. Como estagiárias, acompanhávamos esse processo, observando como organizavam e construíam o plano, mas sem poder opinar diretamente, apenas dialogando para compreender a estrutura e a dinâmica.

Após elaborado, o plano de aula era entregue à pedagoga, que analisava se estava alinhado às propostas da SEMED e à BNCC. Ao final dessa análise, o plano era repassado a nós, estagiárias. Nesse momento, cada estagiária tinha a responsabilidade de elaborar seu próprio planejamento individual, considerando que cada uma ficava em uma turma específica de Educação Infantil. Assim, mesmo partindo da base do plano de aula das professoras titulares, o planejamento de cada estagiária precisava ser contextualizado para a turma em que atuava.

Esse planejamento individual permitia criar atividades adequadas às condições da turma e alinhadas ao contexto de sala de aula, garantindo que

as propostas estivessem em sintonia com o plano das professoras titulares, as necessidades dos alunos e as orientações pedagógicas da SEMED. O processo também respeitava a criatividade e a autonomia de cada estagiária, que adaptava as atividades ao perfil de sua turma, sempre mantendo o foco no desenvolvimento integral das crianças sob a orientação do professor de estágio. Oliveira (2007, p.21), contribui em seus estudos ao colocar que:

[...] o ato de planejar exige aspectos básicos a serem considerados. Um primeiro aspecto é o conhecimento da realidade daquilo que se deseja planejar, quais as principais necessidades que precisam ser trabalhadas; para que o planejador as evidencie faz-se necessário fazer primeiro um trabalho de sondagem da realidade daquilo que ele pretende planejar, para assim, traçar finalidades, metas ou objetivos daquilo que está mais urgente de se trabalhar.

Portanto, o planejamento pedagógico exige um olhar investigativo e reflexivo, que vai além da mera execução de tarefas previamente definidas. Ele envolve a compreensão profunda dos processos de aprendizagem infantil, a adaptação às singularidades e a intencionalidade em cada decisão. Dessa forma, o planejamento se torna uma ferramenta fundamental para criar experiências de ensino significativas, que promovam não apenas o aprendizado, mas também o desenvolvimento integral das crianças.

REGÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O COTIDIANO EXPERIENCIADO NA PRÁTICA

A regência desempenha um papel fundamental na formação de professores, pois proporciona uma vivência onde teoria e prática se complementam. Essa experiência permite ao futuro docente inserir-se em um ambiente educativo real, munido de uma base teórica que o capacita a observar e intervir de maneira reflexiva, garantindo o que exigido no parecer CNE/CP n. 27 (2001) em que destaca que é preciso que se tenham uma organização de estágio bem estruturado, planejado e realizado em parceria “ pela escola de formação inicial e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos siste-

mas de ensino” (Brasil, 2001, p. 1). Essa relação de parceria, nesse sentido, favoreceram a construção de saberes relevantes para a formação da identidade profissional docente.

Durante as atividades realizadas em sala de aula no primeiro período da Educação Infantil, aspectos como o acolhimento revelam-se essenciais para criar um ambiente seguro e afetivo. Esses momentos iniciais, marcados por rotinas como oração, chamada e músicas infantis, ajudaram a estabelecer vínculos e preparar as crianças para o dia escolar. Além disso, rodas de conversa sobre temas como o Dia das Crianças e o papel dos professores promovem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, ampliando a reflexão e a interação entre os alunos. Em relação a rotina na Educação Infantil, Bilória e Metzner (2013), explicam que para a criança, é importante que tenha uma rotina no sentido de possibilitar o desenvolvimento de sua formação integral, sentindo-se segura, autônoma de modo que se tenha um controle das atividades diárias. Assim, é preciso percebê-la como um sujeito histórico e social, capaz de desenvolver suas curiosidades, afetos, sentimentos, amizades e sua identidade cultural.

As atividades planejadas ao longo do estágio abordaram diversas temáticas voltadas para a imaginação, criatividade e empatia. Histórias como *A Semana Mágica do Dia das Crianças* e *A Caixa Viajante* estimularam o pensamento criativo e abordaram valores como organização, respeito mútuo e a partilha. Recursos pedagógicos utilizando personagens, como o filme *Divertida Mente*, enriqueceram as aulas, ajudando as crianças a identificar e expressar emoções, destacando a importância de um currículo que valorize as necessidades emocionais dos alunos. Essas estratégias reforçam como a ludicidade pode integrar aprendizado e diversão, tornando a experiência educacional mais significativa e prazerosa. Para Lobato Lobato, (2013, p. 12):

a escola infantil deve ser norteadas por princípios curriculares que a comunidade escolar viva de fato, os elementos constitutivos da rotina tais como a organização do ambiente; os usos do tempo; seleção e propostas de atividades; a seleção e oferta de materiais, devem servir para incentivar um novo olhar à rotina, não apenas como ritual de atividades significativas e

desgastantes, mas como instrumento que irá possibilitar o educador abrir caminhos, jogar as primeiras sementes, dando um novo sentido à prática da rotina na Educação Infantil.

A abordagem de temas como diversidade e individualidade também foi uma parte central das práticas pedagógicas, contribuindo para uma educação inclusiva. Atividades interativas, como o uso de fantoches e histórias como “Inclusão no Coração”, incentivaram reflexões sobre as diferenças e o respeito ao próximo. Os exercícios simbólicos, como o uso de caixa com espelho, ajudaram as crianças a reconhecer e valorizar suas singularidades, assim, essas práticas, ao promoverem a inclusão, criam um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso.

O desenvolvimento de habilidades acadêmicas e motoras também foi tratado de maneira integrada e lúdica. Conceitos matemáticos, como os numerais 14 e 15, foram apresentados através de atividades práticas, incluindo o uso de palitos de picolé e brincadeiras com bambolês numerados, facilitando a compreensão de forma interativa. Rosamilha (1979, p.77) nos chama a atenção ao mencionar que a criança, “é, antes de tudo, um ser feito para brincar. O jogo, eis aí um artifício que a natureza encontrou para levar a criança a empregar uma atividade útil ao seu desenvolvimento físico e mental. Usemos um pouco mais esse artifício, coloquemos o ensino mais ao nível da criança [...]”. Nesse sentido, a alfabetização, a introdução de letras e histórias conectou o aprendizado formal ao universo imaginativo infantil. Atividades como modelagem com massinha e brincadeiras motoras, como a amarelinha, reforçaram o desenvolvimento cognitivo e físico, mostrando que o aprendizado pode ser dinâmico e prazeroso.

Assim, a regência não é apenas uma oportunidade de aplicar conhecimentos adquiridos, mas também um espaço de produção de saberes e experimentação. Por meio de práticas planejadas e intencionais, é possível criar um ambiente de aprendizagem que valorize a individualidade, promova a inclusão e contribua para o desenvolvimento integral dos educandos.

PROJETO DE INTERVENÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DO 1º E 2º PERÍODO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento integral das crianças, especialmente no que diz respeito às habilidades psicomotoras. Um ambiente escolar bem estruturado, como apontado por Harms, Clifford e Cryer (2013), deve oferecer recursos físicos, materiais e pedagógicos que favoreçam o crescimento motor, cognitivo e emocional. Contudo, muitas instituições de Educação Infantil enfrentam desafios como espaços físicos limitados, turmas numerosas e escassez de recursos para atividades práticas

Durante o estágio na Educação Infantil, identificamos a relevância de práticas pedagógicas que considerem a psicomotricidade como um eixo essencial para o desenvolvimento infantil. Observamos dificuldades específicas em algumas crianças, especialmente relacionadas à coordenação motora fina e ampla, orientação espacial e equilíbrio. Esses desafios ressaltaram a necessidade de criar ambientes educativos mais adequados e intervenções estruturadas que potencializem o aprendizado motor, proporcionando às crianças um desenvolvimento pleno.

Nesse contexto, foi desenvolvido e aplicado um projeto de intervenção voltado para a promoção de habilidades psicomotoras em crianças do 1º e 2º períodos da Educação Infantil, com idades entre 4 e 5 anos. O projeto teve como foco três áreas principais: coordenação motora fina e ampla, orientação espacial e equilíbrio. A implementação contou com a parceria de professores titulares do turno matutino, garantindo um trabalho colaborativo e alinhado às necessidades dos alunos.

A psicomotricidade é uma área fundamental para o desenvolvimento infantil, pois integra funções motoras e cognitivas, promovendo a compreensão e o controle do corpo. Segundo Fonseca (2012), o domínio das habilidades motoras é o alicerce para o autocontrole e o desenvolvimento comportamental. Barreto (2000) destaca que a educação psicomotora, ao valorizar o aprendizado por meio do movimento, desempenha um papel preventivo, auxiliando na su-

peração de dificuldades de aprendizagem, como a confusão de letras e sílabas, e contribuindo para o sucesso nas fases iniciais da alfabetização

Atividades que envolvem a coordenação motora, a orientação espacial e o equilíbrio são essenciais para desenvolver competências como concentração, atenção e organização espacial. Kambas et al. (2010) reforçam que ambientes estimulantes e atividades direcionadas são fundamentais para a construção de habilidades motoras e psicomotoras, promovendo uma interação mais rica entre as crianças e o meio em que estão inseridas.

Sendo assim, no primeiro momento da atividade, realizamos um exercício atendendo às especificidades infantis, incentivando-as a se movimentarem para aquecer o corpo e desenvolver a percepção corporal. Durante essa etapa, trabalhamos com movimentos simples, como levantar os braços, abaixar-se, girar o corpo e saltar, estimulando-as a perceber as direções e preparar o corpo para as atividades principais.

Após o exercício, apresentamos a “Lata Musical”, onde colocamos fichas contendo diferentes músicas infantis que envolviam movimentos variados e noções de orientação espacial. Explicamos às crianças que, a cada ficha retirada da lata, uma nova música seria apresentada, com movimentos específicos que praticavam conceitos como “frente”, “atrás”, “direita” e “esquerda” de forma lúdica e interativa. Essa dinâmica permitiu que as crianças, ao cantarem e se movimentarem com as músicas, aprendessem e se familiarizassem com noções espaciais de maneira divertida e educativa.

A coordenação motora fina e ampla foi desenvolvida por meio da atividade lúdica com bambolês, bolinhas e o trabalho em duplas. As crianças formaram duplas, estimulando a interação entre elas e o trabalho em equipe, alinhando-se às palavras de Berger (2016, p. 149): “enquanto uma criança tem a possibilidade de brincar em um espaço adequado e ter os colegas e estruturas apropriadas para brincar, as habilidades motoras grossas desenvolvem-se tão rapidamente quanto ao permitem o amadurecimento, o tamanho do corpo e a capacidade inata”. Esse direcionamento norteou o momento da brincadeira em sala, que contou com o auxílio das professoras regentes. As duplas utilizaram apenas um bambolê ao redor, enquanto outros quatro foram dispostos no chão,

a uma distância de um metro e meio da caixa de bolinhas. As crianças percorreram o caminho até esvaziarem a caixa, promovendo o fortalecimento das habilidades motoras.

Para trabalhar o equilíbrio, adaptamos o local para garantir que as crianças se sentissem à vontade para participar, com o tempo calculado para que todas tivessem sua vez. Com as cadeiras organizadas nas laterais, deixamos uma abertura para a atividade. Colocamos uma fita no chão formando um caminho, e cada criança, em sua vez, realizou o percurso equilibrando bolas com as duas mãos – uma do lado direito e outra do lado esquerdo – até finalizar.

Apesar de ser um processo contínuo, a aplicação do projeto trouxe resultados significativos para o desenvolvimento psicomotor das crianças. No que diz respeito à orientação espacial, as atividades musicais despertaram o interesse e a participação ativa dos alunos, que começaram a identificar direções e melhorar sua percepção do espaço. Já as atividades de coordenação motora fina e ampla permitiram um progresso notável em habilidades como agarrar e movimentar-se de forma mais controlada.

O caminho do equilíbrio, por sua vez, foi particularmente eficaz para estimular a autoconfiança e a postura corporal das crianças. Muitas demonstraram avanços na capacidade de manter o equilíbrio em diferentes superfícies, o que reforçou a importância de práticas que promovam desafios adequados às necessidades infantis. O projeto de intervenção demonstrou que atividades práticas e lúdicas são ferramentas fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. Ao integrar teoria e prática, foi possível proporcionar um ambiente estimulante e acolhedor, onde os alunos puderam explorar e desenvolver suas habilidades psicomotoras de forma significativa.

DESAFIOS E SUPERAÇÕES NO CONTEXTO NA SALA DE AULA

São muitos os desafios para o exercício da prática docente no contexto do estágio supervisionado. É o momento em que os conhecimentos aprendidos na universidade são colocados em prática no desenvolvimento das atividades da docência na qual o futuro professor “[...]começa a sentir este mundo da qual fará parte no primeiro contato: o promovido durante a prática de estágio. [...]

E, tudo isso, demanda um profissional da educação diferente, com uma prática reflexiva e o estágio poderá dar essa primeira noção do mundo no meio educacional. (Scalabrin e Molinari, 2013, p. 3). Durante a regência, enfrentamos diversas dificuldades, que vão desde a carência de recursos materiais até as demandas específicas de uma sala de aula heterogênea. Contudo, foi por meio de um planejamento estratégico e do apoio dos professores que as adversidades foram superadas, resultando em práticas pedagógicas para o desenvolvimento das crianças.

Um dos principais desafios enfrentados foi a falta de recursos materiais, um problema recorrente em muitas escolas públicas no Brasil, como afirma Martins e Paz (2023, p. 117) em seus estudos ao mencionar que as escolas apresentam carências estruturais dependendo de sua realidade local, ou seja, “são problemas recorrentes e históricos que compreendem grandes desafios nos quais apresentam carência na alimentação, transporte, insumos, materiais didáticos e infraestrutura escolar adequada, entre eles, banheiros, bebedouros, cantinas, água, entre outros”. Essa limitação exigiu criatividade e iniciativa por parte dos estagiários, que, sem possuir recursos próprios, precisaram providenciar materiais pedagógicos que tornassem as aulas mais dinâmicas e atrativas. O objetivo era proporcionar experiências significativas que ultrapassassem o uso tradicional da folha A4, incentivando a participação ativa dos alunos por meio de atividades interativas e lúdicas. Apesar da falta de estrutura, o esforço de criar materiais inovadores contribuiu para promover um aprendizado mais envolvente, adaptado às realidades e necessidades dos estudantes.

Outro desafio importante foi a presença de alunos com necessidades especiais, especialmente crianças com autismo. Em minha turma, havia dois alunos com autismo e outros três em investigação. A ausência do laudo dificultava a obtenção de um auxiliar de vida para acompanhar esses estudantes, o que exigiu uma abordagem inclusiva que considerasse as diferentes habilidades e níveis de desenvolvimento presentes na sala.

Sabe-se que “independentemente do gênero, classe social ou outras características individuais e / ou sociais, a inclusão é um direito fundamental de todas as crianças” (Brandão; Ferreira, 2013, p. 487). Garantir esses direitos são

imprescindíveis para o cumprimento da função de cuidar e educar na Educação Infantil, até porque a inclusão permite “que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, acessem a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas” (Brandão; Ferreira, 2013, p. 487). Nesse sentido, para atender todos os alunos de maneira equitativa, foi necessário desenvolver atividades adaptadas, que garantissem a participação de todos, sem excluir aqueles com necessidades específicas. Esse processo demandou um olhar atento, observador e crítico, além de estratégias pedagógicas criativas que respeitassem as individualidades.

Adicionalmente, o espaço físico limitado da sala de aula representou outra barreira significativa. Com uma turma de 29 alunos, o ambiente restrito dificultava a interação entre as crianças e limitava a realização de atividades mais dinâmicas. A falta de espaço muitas vezes resultava em agitação e desorganização, exigindo constantes ajustes na organização da sala. A reorganização do espaço tornou-se essencial para garantir a segurança e o conforto dos alunos, promovendo um ambiente favorável ao aprendizado.

Apesar dos desafios, as superações foram possíveis graças ao planejamento e ao apoio das professoras titulares. O planejamento tornou-se uma ferramenta indispensável para lidar com as adversidades, permitindo que as aulas fossem estruturadas de forma a atender às necessidades dos alunos e do contexto escolar. Além disso, o apoio das professoras foi fundamental, especialmente na orientação sobre como organizar a sala, lidar com crianças pequenas e incluir alunos com necessidades especiais nas atividades de forma equitativa. Essa colaboração evidenciou a importância do trabalho em equipe no ambiente escolar, reforçando que a troca de experiências e conhecimentos é essencial para superar as dificuldades e alcançar uma educação de qualidade.

Portanto, a regência revelou os desafios e as superações presentes no contexto da sala de aula, destacando a importância do planejamento, da criatividade e do trabalho colaborativo. A experiência proporcionou não apenas aprendizados pedagógicos, mas também um entendimento mais profundo sobre as realidades da educação pública no Brasil. Superar as adversidades com resiliência e dedicação foi um passo importante para garantir um ensino significativo e inclusivo, contribuindo para o desenvolvimento integral.

NARRATIVAS FINAIS: REFLEXÕES CRÍTICAS ENTRE O DIZER E O FAZER

O estágio supervisionado em Educação Infantil revelou a complexidade do ambiente escolar, destacando desafios como falta de recursos, turmas heterogêneas e limitações físicas. Essas dificuldades foram superadas por meio de planejamento, criatividade e colaboração, com soluções como a criação de materiais pedagógicos, adaptação de atividades para alunos com necessidades especiais e reorganização do espaço. O apoio das professoras titulares e o trabalho em equipe reforçaram a importância da construção coletiva e do comprometimento para promover uma educação de qualidade.

A experiência como docente durante esse processo foi um momento de confronto entre as expectativas criada durante a formação inicial e a realidade prática da sala de aula. Durante a graduação, as teorias apresentadas foram fundamentais para a construção do entendimento sobre o processo educativo, fornecendo ferramentas e perspectivas sobre como planejar e atuar no ambiente escolar. No entanto, ao vivenciar a prática, percebeu-se que o contexto real é muito mais complexo e dinâmico do que as abordagens teóricas puderam antecipar.

Um dos aspectos mais desafiadores foi a aplicação das metodologias e estratégias que havia planejado. Na teoria, tudo parecia organizado e previsível, mas, na prática, me deparei com a imprevisibilidade e as particularidades de cada aluno. As necessidades das crianças, suas características individuais, o nível de desenvolvimento e até as condições materiais da escola exigiram uma flexibilidade que não era plenamente contemplada na formação teórica. Essa adaptação foi um aprendizado essencial, pois me mostrou que, mais do que aplicar uma metodologia, é necessário compreender o contexto e trabalhar com os recursos disponíveis de forma criativa e significativa.

Outro ponto que marcou esse processo foi o entendimento da importância de cultivar um “olhar pesquisador” como professora. Ao observar, investigar e dialogar com o ambiente escolar, consegui compreender as dinâmicas da escola e as especificidades da turma antes de implementar qualquer planejamento.

Esse processo foi fundamental para identificar necessidades, dificuldades e potencialidades, moldando as minhas ações pedagógicas. Percebi que, na formação inicial, o foco muitas vezes recai sobre o domínio de técnicas e conteúdos, enquanto a prática revelou que o olhar reflexivo e investigativo é indispensável para lidar com a realidade da sala de aula.

O Projeto Político Pedagógico-PPP, é apresentado como um documento estruturante, mas, na prática, vi como a sua implementação pode ser limitada por questões como falta de recursos, resistência as mudanças ou mesmo por condições que destoam das propostas planejadas. Isso me levou a perceber que o planejamento pedagógico precisa ser flexível, adaptando-se às condições reais da escola e sempre buscando criar atividades significativas para as crianças, mesmo diante de adversidades.

Além disso, compreendeu-se que o papel de professor vai muito além de transmitir conteúdo. Acolher, escutar e criar um ambiente seguro e estimulante são ações que impactam diretamente o desenvolvimento integral das crianças. Momentos como rodas de conversa, brincadeiras e atividades lúdicas me ensinaram que a aprendizagem não é apenas cognitiva, mas também socioemocional. Cada atividade planejada e realizada durante o estágio reforçou a ideia de que o professor é um mediador que promove não só o aprendizado, mas também a construção de valores, habilidades sociais e autoestima.

Essa vivência moldou profundamente a visão sobre o papel docente. Percebe-se que o professor não é apenas alguém que executa planejamentos, mas um agente transformador que precisa estar em constante aprendizado. As dificuldades enfrentadas não foram obstáculos, mas sim oportunidades de reflexão e crescimento, ajudando a desenvolver sensibilidade pedagógica e criatividade. O confronto entre o que esperava e o que realmente aconteceu na prática reforçou a certeza de que a formação docente não termina na graduação. É preciso estar sempre aberto a aprender com a experiência e a adaptar-se às necessidades em cada contexto escolar.

Refletindo sobre a relação entre teoria e prática, ficou evidente que a formação inicial fornece as bases para a atuação docente, mas a prática real exige flexibilidade, observação crítica e adaptação contínua. O confronto entre

o planejamento idealizado e a realidade da sala de aula reforçou a necessidade de um “olhar pesquisador,” que permite compreender as dinâmicas escolares e promover ações pedagógicas alinhadas às especificidades de cada contexto.

Essa vivência também ampliou a compreensão sobre o papel do professor, que vai além da transmissão de conteúdo. Acolher, escutar e criar um ambiente seguro e estimulante são ações fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças. A prática pedagógica, nesse sentido, não se limita ao cognitivo, mas abrange aspectos socioemocionais e formativos, fortalecendo valores, habilidades sociais e autoestima. Portanto, esse processo, embora desafiadora, foi extremamente instrutiva. Sendo assim, compreendo que ser professor é estar em um processo contínuo de construção, onde teoria e prática se complementam e me impulsionam a buscar uma prática pedagógica cada vez mais reflexiva, significativa e adaptada à realidade das crianças e da escola.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. A.; PEREIRA, G. A.; VIELLA, M. A. L. **O uso da metodologia dos Projetos Criativos Ecoformadores (PCE) no estágio curricular supervisionado de um curso de licenciatura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) câmpus São José.** *Revista Professare*, Caçador, v. 6, n. 2, p. 123-140, 2017.

BARRETO, S. J. *Psicomotricidade: educação e reeducação*. Blumenau: Acadêmica, 2000.

BAURU (Município). **Secretaria Municipal de Educação. Sistema Municipal de Ensino. Currículo Comum: Educação Infantil.** Brasília, 2022.

BERGER, Kathleen Stassen. *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2026. 570 p.

BILORIA, J. F; METZNER, A. C. A importância da rotina na Educação Infantil. **Revista Fafibe On-line**, v. 6, n. 6, p. 1-7, 2013.

BRANDÃO, M. T., & FERREIRA, M..Inclusão de crianças com necessidades educativas especiais na educação infantil. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 19(4), 487–502, 2013). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/RdYKyf485LtXLGjN6n5yKtn/>. Acesso: 05 de agosto de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução do Conselho Pleno do Conselho Nacional de Educação n. 27, aprovado em 2 de outubro de 2001.** Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 9/2001, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em Cursos de Nível Superior. Brasília. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_027.pdf?query=FORMA%C3%87%C3%83O. Acesso em: 05 ago. 2025.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. **Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT; e dá outras providências.** *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BRASIL. Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013. **Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.** *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 5 abr. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. Acesso em: 4 ago. 2025.

BROERING, A. **Quando a creche e a universidade se encontram: histórias de estágio.** In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). *Educação infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. Campinas: Papirus, 2008. p. 107-126.

DA FONSECA, Vitor. *Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Vitor. *Psychomotor Observation Manual: psiconeurológica meaning of psychomotor factors*. 2. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.

HARMS, T.; CLIFFORD, R. M.; CRYER, D. *ECERS-R: Escala de avaliação do ambiente em educação de infância*. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/70979/2/91681.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

LAZARETTI, L. M.; MAGALHÃES, C. **Acolher, explorar, brincar e conhecer: reflexões sobre o espaço como potencializador das aprendizagens de bebês e crianças na Educação Infantil.** In: MAGALHÃES, C.; EIDT, N. M. (Org.). *Apropriações teóricas e suas implicações na Educação Infantil*. Curitiba: CRV, 2019. p. 1-274.

LIBANEO, José Carlos. O planejamento escolar. In: **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOBATO, Maria José Silva. “Aspectos gerais da rotina escolar na pré-escola”. ISSN 1984-3879, SABERES, Natal – RN, v. 1, n.8, ago. 2013, 73-85.

LUCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2007.

MARTINS, A. R. R.; PAZ, F. S. O estágio supervisionado e o ensino de física: a formação docente no curso de educação do campo em tempos de pandemia. **Revista Insignare Scientia**, v. 6, n. 1, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36661/25954520.2023v6n1.13155>. Acesso em: 05 agosto 2025.

MIRANDA, P. V; PEREIRA, A. dos R; RISSETTI, G. A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem de escolas técnicas. In: **II Fórum Internacional de Educação**. Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918>. Acessado em: 05 de agosto de 2025.

MONTEIRO, G de S; SILVA, D. P. da. A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 19, n.3 , set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/14315>. Acessado em: 05 de agosto de 2025.

OLIVEIRA, D. de A. **Gestão Democrática da Educação: Desafios Contemporâneos**. 7ª edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006b.

PASQUALINI, J. C. **Periodização do desenvolvimento psíquico à luz da escola de Vigotski: a teoria histórico-cultural do desenvolvimento infantil e suas implicações pedagógicas**. In: MARSIGLIA, Ana C. G. (Org.). *Infância e pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2013. p. 71-97.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência: diferentes concepções.** *Revista Poíesis*, Goiás, v. 3, n. 3/4, p. 5-24, 2005/2006.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil.** São Paulo: Pioneira, 1979.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista Unar**, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2013.

CAPÍTULO 3

INFÂNCIA, CRIANÇA E EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES EXPERIENCIADAS NA PRÁTICA DE ESTÁGIO

Silvania Victória Leal Batista

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-2

DIÁLOGOS INTRODUTÓRIOS

O presente texto intitulado “Infância, Criança e Educação Infantil: concepções experienciadas na prática de estágio”, tem como objetivo relatar as experiências vivenciadas no período do Estágio Supervisionado em uma turma do segundo período de Educação Infantil, destacando as práticas realizadas, e os desafios encontrados durante o processo. De acordo com o Artigo 1º da Lei nº 11.788/2008, conhecida como Lei do Estágio, esse componente curricular:

é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Nesse sentido, o estágio supervisionado constitui uma oportunidade essencial para a formação do futuro professor, permitindo o desenvolvimento de competências que irão ajudar na sua atuação profissional, articulando os conhecimentos teóricos adquiridos na formação acadêmica com a vivência no ambiente escolar. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI, 1998), a criança é um ser social, psicológico e histórico, sua formação ocorre por meio das interações com o meio em que vive, com outras crianças e com os adultos que os cercam. Essa concepção reconhece a

criança como protagonista de seu desenvolvimento, com direitos assegurados e o acesso a experiências que respeitem suas particularidades.

A infância é uma etapa fundamental no desenvolvimento, marcada por descobertas, aprendizagens e interações que contribuem para a formação integral, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos” (Brasil, 1990, Art. 2º), em vista disso a infância é uma fase na qual as crianças vivenciam experiências que impactam profundamente sua construção social, emocional e cognitiva, por isso, é imprescindível que ela seja reconhecida e valorizada como uma fase única de cuidado e oportunidades que promovam seu pleno desenvolvimento.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como objetivo principal o desenvolvimento integral das crianças, por meio de práticas pedagógicas planejadas e de um ambiente que favoreça as interações e o brincar. Busca-se proporcionar vivências significativas, que contribuam para a construção de aprendizagens futuras, assim, a Educação Infantil é essencial para garantir que cada criança seja respeitada em seu ritmo, acolhida e estimulada ao desenvolvimento.

A abordagem metodológica deste texto foi de cunho qualitativo, fundamentando-se na observação das práticas realizadas durante o estágio supervisionado. Além disso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica como suporte teórico, permitindo uma compreensão mais ampla sobre os conceitos e fundamentos da Educação Infantil. Segundo Marconi e Lakatos (2005, p.185), “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”, o que possibilitou enriquecer as reflexões acerca das experiências vivenciadas e dos desafios enfrentados no contexto escolar.

A partir desses conceitos, este texto apresenta uma análise das experiências vivenciadas no estágio, abordando a importância de compreender a infância e a criança no contexto educacional, os objetivos da Educação Infantil, as práticas pedagógicas e docentes realizadas, bem como os desafios enfrentados, buscando-se, assim, refletir sobre como essas vivências contribuem para a formação docente.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS DA PRÁTICA VIVIDA

O estágio supervisionado é uma etapa imprescindível na formação de futuro educadores, por ser uma fase de vivências, experiências práticas, de interligação das teorias aprendidas ao longo do curso com a prática. É o momento em que a teoria e a prática se conectam de forma reflexiva e crítica considerando a realidade escolar em que as práticas docentes são de fato realizado, ou seja, “é o lugar por excelência para trazermos à tona estas questões e aprofundar os nossos conhecimentos e discussões sobre elas. É o momento de revermos os nossos conceitos sobre o que é ser professor, para compreendermos o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade” (Lima, 2003, p. 8).

Mais do que componente obrigatório do curso, o estágio não deve ser compreendido apenas como um espaço de observação, mas sim como um momento que possibilita uma análise crítica das práticas da docência e uma construção da identidade profissional docente, alinhando as experiências práticas aos fundamentos estudados, promovendo uma reflexão sobre o papel como futuro profissional da educação.

Conforme o Art. 29 da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a Educação Infantil tem como “finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 1996). Por ser a primeira etapa da Educação Básica, é imprescindível que os profissionais que nela atuam tenham a formação sólida para garantir os direitos de aprendizagens necessário a formação integral das crianças, colocando o estágio supervisionado como campo de construção de saberes para a docência. Diante deste cenário, as experiências vividas no estágio, possibilitou observar como ocorre esse desenvolvimento, a participação e as práticas utilizadas pelos professores, compreendendo o papel do educador na fase inicial para as crianças, sendo importante para seu desenvolvimento, por ser o começo de tudo, onde cada descoberta é nova e significativa.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos documentos norteadores da Educação básica, destaca que na Educação Infantil, deve assegurar condições para o desenvolvimento integral das crianças, sendo seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Brasil, 2018). Esses direitos refletem a importância de proporcionar um ambiente e um ensino de qualidade para os alunos, que respeitem as especificidades de cada idade, promovendo assim uma aprendizagem e um melhor desenvolvimento para as crianças. O estágio supervisionado, nesse contexto, oportunizou possibilidades para articular os fundamentos teóricos com as vivências práticas, permitindo compreender como esses direitos são assegurados no cotidiano da Educação Infantil.

A ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: OBSERVAÇÃO SOB AS LENTES DA AÇÃO GESTORA

O estágio foi realizado no Centro Educacional Jamel Amed, situado na Avenida Parque em Itacoatiara-AM, proporcionou a oportunidade de uma observação e reflexão sobre a gestão escolar. O estágio não se limitou apenas no ambiente de sala de aula, pois antes do principal ponto de observação que é a sala de aula, deve-se conhecer um pouco da rotina, como funciona a escola, tendo assim uma visão ampliada do cotidiano escolar. Com isso, permitiu compreender a relação entre os aspectos físicos, pedagógicos e administrativos que estruturam o funcionamento da instituição.

Silva e Silva (2019, p. 3806) destaca que cada escola tem sua “peculiaridade por possuir uma forma de organização própria, pois segue uma rotina e desenvolve atividades que caracteriza tal espaço. Além disso, conhecer o espaço escolar em que o estagiário vai atuar é fundamental no desenvolvimento das atividades docentes”. É nesse sentido, que o campo de estágio deve ser compreendido em sua totalidade, considerando todos os aspectos: gestão pedagógica, administrativa, financeira ao encontro da prática docente e de outros elementos que circundam esse momento de observação e da regência.

No período de estágio, foi possível identificar como as salas de aulas são organizadas, áreas de recreação e espaços administrativos, e como influenciam

diretamente no desenvolvimento das atividades pedagógicas e na rotina da comunidade escolar. Ao observar as práticas gestoras, foi notado a importância da comunicação e do acolhimento na integração de alunos, famílias e professores.

A gestão escolar adota estratégias para promover um ambiente mais democrático e participativo, utilizando reuniões em alguns momentos, comunicados e diálogos como ferramentas para uma melhor comunicação com a comunidade. Nesse sentido, “para adoção de uma gestão democrática, é necessária a descentralização administrativa, além de se promover participação, flexibilidade, transparência e autonomia” (Almeida, 2022, p. 483), o que evidencia que a gestão democrática e participativa se complementa e se fortalece por meio dessas ações, sendo essas práticas fundamentais para a mediação e resolução de conflitos, para o fortalecimento do vínculo entre a escola e as famílias, bem como para o alcance dos objetivos educacionais propostos.

Entre os desafios diversos existentes no contexto escolar, ainda se percebe a necessidade de um trabalho com as famílias das crianças que não participam ativamente das ações e/ou atividades desenvolvidas pela escola, requerendo da gestão uma busca ativa por esses familiares principalmente quando esses alunos faltam as aulas. Isso se justifica, pois, como afirma Maciel (2016, p. 1334):

a participação dos familiares na vida escolar da criança e também como se dá às relações dentro de casa fazem muita diferença na vida escolar da criança. Sendo assim, quanto mais empenhada a família está na educação dos pequenos, melhor será a convivência e o aprendizado dentro das instituições de ensino.

Essa parceria entre família e escola é essencial para o fortalecimento do processo educativo, quando a escola e a família caminham juntas é possível identificar com mais rapidez as questões emocionais, as necessidades específicas e principalmente as dificuldades de aprendizagem, permitindo então intervenções mais precisas e significativas para os alunos. Atualmente, a escola possui 815 alunos, sendo 53 alunos com necessidades especiais, mas conta com apenas 22 auxiliares de vida, que é o nome dado aos profissionais que acompanham esses alunos na sala de aula. Esse desequilíbrio entre a quantidade de alunos e o número de profissionais disponíveis, dificulta o

atendimento adequado e demanda um esforço significativo de planejamento e organização por parte da gestão.

Além disso, a escola dispõe de apenas duas salas dedicadas ao atendimento desses alunos: uma sala multifuncional e outra para musicoterapia, embora essas salas sejam fundamentais para promover atividades específicas e individualizadas, o espaço limitado é desafiador para atender a todos os alunos. A escola utiliza o sistema de contraturno: os alunos que estudam no turno da manhã frequentam as atividades no período da tarde e vice-versa, essa estratégia, embora funcione, exige um planejamento bem estruturado para que todos sejam atendidos.

De acordo com Souza e Bringel (2023, p. 463) “na educação inclusiva, algumas das principais dificuldades encontradas no processo de ensino e aprendizagem incluem a falta de recursos adequados para atender às necessidades específicas dos alunos”, na escola campo de estágio, não foi diferente do que foi mencionado por esses autores, os recursos que são essenciais para desenvolver as atividades com as crianças que têm deficiência física, estão em falta, alguns já são antigos, outros custam a chegar, sendo preciso os próprios responsáveis por esse atendimento educacional especializado, confeccionar os materiais.

Outro ponto em destaque é a relação entre a escola e a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em que a gestão da escola mantém um diálogo constante com a SEMED, buscando atender às demandas específicas da escola, como melhorias na infraestrutura e aquisição de materiais pedagógicos, no entanto os desafios persistem, como a necessidade de ampliação dos recursos tecnológicos, os financeiros, que impactam diretamente na qualidade do ensino oferecido.

A experiência no campo revelou os desafios enfrentados pela equipe gestora, mas também destacou práticas positivas que inspiram a reflexão acadêmica e profissional. Projetos como eventos culturais e momentos pedagógicos contribuem para fortalecimento do vínculo da comunidade escolar, alunos e professores. Essa vivência não apenas ampliou a compreensão sobre a complexidade da gestão escolar, mas também reforçou a importância de um olhar sensível e reflexivo para as tomadas de decisões, contribuindo significativamente para a formação docente.

PRÁTICAS DA DOCÊNCIA: O COTIDIANO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática docente na Educação Infantil, envolve um conjunto de ações planejadas realizadas no dia a dia na sala de aula, são trabalhados os campos de experiências, definidos pela Base Nacional Comum Curricular-BNCC, que incluem: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (Brasil, 2018). São por meio deles que os docentes organizam suas aulas para atender esses campos, promovendo então o desenvolvimento integral das crianças.

Na semana de observação na sala do segundo período, na qual foi realizado o estágio, constatou-se a presença de duas professoras para atender uma turma composta por 21 alunos, dos quais três possuem Transtorno do Espectro Autista (TEA) e contam com o suporte de auxiliares de vida. Durante as observações, ficou evidente o compromisso das docentes em criar um ambiente acolhedor e inclusivo, que favoreça a aprendizagem. As práticas docentes foram cuidadosamente planejadas para garantir que todos participassem das atividades propostas.

A rotina da sala de Educação Infantil é essencial, por ser um meio das crianças desenvolverem segurança, autonomia e o entendimento do que ocorre no ambiente escolar, essa organização proporciona para a criança a construção de hábitos, permitindo que os alunos aprendam a realizar e organizar as atividades sozinhos. Os estudos de Lima (2022, p. 133), contribui nessa discussão ao expressar que:

a Educação Infantil se organiza coletivamente a partir de um planejamento que vai desde a entrada das crianças na escola até o momento da saída, quando seus pais e/ou responsáveis buscam as crianças. Dessa forma, a rotina escolar significa aperfeiçoar as tarefas diárias por meio de horários, espaços, atividades pré-definidas e atividades habituais da melhor maneira possível nas instituições de ensino. [...] Para a criança, é essencial que haja uma rotina para que ela desenvolva sua autonomia, assim como, ter o domínio das atividades que virão acontecer de uma forma clara e compreensível para que as crianças tenham segurança.

Na rotina observada na sala do estágio, as atividades iniciam com um momento de acolhimento, em que a professora faz uma oração, depois canta músicas que incentiva as crianças a movimentarem o corpo, promovendo um ambiente descontraído e preparado para as aprendizagens. A chamada é realizada de forma interativa, cada criança deve pegar o cartão com seu nome para ser colocado em um cartaz na parede, reforçando o reconhecimento do nome.

Posteriormente, a professora conduz atividades com o calendário, questionando os alunos sobre o dia, mês e ano, além de realizar a contagem das crianças presentes, selecionando duas crianças para segurar o número representativo e fixa em um cartaz chamado “Quantos somos?”. Após essas ações, há um momento dedicado à higiene antes do início das atividades, essa organização demonstra uma rotina planejada para envolver os alunos de maneira significativa no processo de aprendizagem e criar esses momentos para que não fique algo improvisado e de bagunça.

Essas ações didáticas e pedagógicas são fundamentais por estimularem as crianças a criarem hábitos saudáveis, nessa faixa etária é interessante oferecer atividades ligadas a ludicidade e o aprendizado, pois as crianças aprendem enquanto brincam. Além disso, por serem atividades concretas acabam ajudando ainda mais as crianças a entender o que a professora deseja transmitir naquele momento, pois nesse período a criança ainda tem dificuldades em compreender conceitos abstratos.

As professoras demonstram um forte compromisso com a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Inicialmente, elas introduzem o conteúdo a ser estudado, utilizando os recursos disponíveis na sala, como figuras do alfabeto, numerais e representações de quantidades, revisam o alfabeto de forma interativa, questionando as crianças sobre letras específicas, como “Que letra é essa?” ou “Aponte para mim a letra D”. Demonstra no quadro como realizar o traçado das letras ou números, incentivando a participação ativa dos alunos, além de propor atividades manuais impressas e momentos lúdicos, como brincadeiras com massinhas de modelar e contação de histórias. Silva (2013, p. 9) destaca que:

através do ato de brincar, as crianças ultrapassam a realidade, transformando-a por meio da imaginação, expressando, assim, o que teriam dificuldades em realizar através do uso de palavras. Sendo assim, o brincar não é só uma atividade de lazer, mas uma forma de estabelecer relações, de produzir conhecimentos e construir explicações.

Ao integrar, portanto, esses momentos lúdicos com atividades pedagógicas, as professoras criam um ambiente mais estimulante, mais prazeroso para as crianças e conseqüentemente torna-se mais significativo a aprendizagem. Diante desse enfoque, momentos como esses despertam o interesse e a participação ativa dos alunos, favorecendo o desenvolvimento integral assim, brincar e aprender se tornam experiências complementares no cotidiano escolar.

Apesar de seus esforços para tornar as aulas mais dinâmicas e que todos fiquem envolvidos, as limitações de recursos disponíveis na escola dificultam uma abordagem mais lúdica. A falta de materiais didáticos atualizados e equipamentos adequados restringe as possibilidades de ensino, especialmente no que diz respeito as práticas que poderiam ter mais tecnologias. Essa realidade exige das docentes uma grande criatividade para adaptar os recursos existentes às necessidades da turma, mesmo assim, fica evidente que, com maior suporte de recursos didáticos as práticas poderiam ser bem mais sucedidas.

PLANEJAMENTO: DA AÇÃO TEÓRICA A PRÁTICA REFLEXIVA NO CAMPO DE ESTÁGIO

O planejamento é uma ferramenta essencial para a organização do trabalho pedagógico, é através do planejamento que se define o que vai ser trabalhado na escola e quais são as metodologias que serão utilizadas para alcançar os objetivos propostos. O planejamento vai incluir uma previsão do que vai ser trabalhado, mas é claro que ele está sujeito a mudança, por isso deve ser flexível, considerando que a escola é um espaço dinâmico, sujeito a mudanças. Libâneo (1994, p.221) acentua que o:

planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

As colocações do autor, apresenta que o planejamento não se limita a organização docente, mas também funciona como um meio de reflexão sobre a prática pedagógica, ou seja, ao planejar o professor analisa, avalia e ajusta suas ações, garantindo que elas atendam as necessidades dos alunos e contribuam para o processo de ensino aprendizagem. Na Educação Infantil, as atividades devem ser cuidadosamente estruturadas para atender às necessidades e interesses das crianças.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o planejamento deve considerar os campos de experiências e os direitos de aprendizagem, promovendo práticas que favoreçam o desenvolvimento integral. Assim, o planejamento não é apenas um guia para as aulas, mas um elemento que garante intencionalidade pedagógica, articulando teoria e prática. A importância do planejamento na Educação Infantil vai além da organização de atividades. Ele é fundamental para garantir que as práticas estejam alinhadas a idade de cada criança, promovendo atividades que sejam para o desenvolvimento dessa idade. Por meio do planejamento, os professores podem prever desafios, adaptar metodologias que melhorem suas formas de ensino. De acordo com a Resolução CNE/CEB 5/2009 em seu art. 4º:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Nesse sentido, podemos inferir que o planejamento na Educação Infantil não deve apenas ser tratado como um simples meio de organizar os conteúdos, mas como uma ferramenta essencial que considera a criança como protagonista no processo de ensino aprendizagem, é por meio dessas interações e brincadeiras que as crianças pequenas constroem significados e se desenvolvem.

Na escola onde foi realizado o estágio, o planejamento é elaborado quinzenalmente pelos professores e submetido à coordenação pedagógica para avaliação e possíveis ajustes. Esse processo segue o regimento interno da ins-

tituição, assegurando que o planejamento esteja de acordo com os objetivos pedagógicos e a proposta curricular da escola. Durante as reuniões de planejamento, os docentes, no caso as duas professoras que dividem a sala, compartilham experiências, discutem práticas e buscam soluções e tomadas de decisões no que ensinar aos alunos.

Um desafio em relação ao planejamento visto no estágio, é que foi perceptível que, na Educação Infantil, o tempo destinado ao planejamento nem sempre era utilizado de forma esperada, já que, frequentemente, surgiam outras demandas, como reuniões, que acabavam tomando o tempo reservado para essa atividade. Essa situação impacta diretamente na qualidade do planejamento, uma vez que as professoras precisam reorganizar suas ideias em períodos reduzidos, comprometendo a reflexão e o detalhamento do plano.

PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REGÊNCIA

O estágio supervisionado é uma disciplina de fundamental importância na formação dos futuros professores, é um meio em que o docente tem de vivenciar a realidade educacional, refletir sobre seu caminho profissional, questionando até mesmo “*que tipo de professor eu quero ser?*” entre outras indagações que percorrem na relação da teoria na/da prática. Lima (2003, p.8), em seus estudos destaca que “o estágio supervisionado é o lugar por excelência para trazermos à tona estas questões e aprofundar os nossos conhecimentos e discussões sobre elas. É o momento de revermos os nossos conceitos sobre o que é ser professor, para compreendermos o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade”. É a oportunidade de colocar em prática os saberes da formação e refletir sobre o fazer no contexto da prática.

Esse momento, vai além da aplicação de atividades pedagógicas, ou seja, é um espaço para a análise crítica da realidade escolar, é o momento em que se vivencia os desafios e a rotina, refletindo sobre os aspectos que envolvem a docência: planejamento, a gestão na sala, a inclusão, entre outros. O estágio “não é a hora da prática! É a hora de começar a pensar na condição de professor na perspectiva de eterno aprendiz. É a hora de começar a vislumbrar a forma-

ção contínua, como elemento de realimentação dessa reflexão” (Lima, 2003, p.8). Essa experiência, nessa perspectiva, é fundamental para a construção da identidade profissional docente e prepara para enfrentar as complexidades do contexto educacional de maneira crítica e reflexiva.

É o momento de aplicar os conhecimentos abordados ao longo do curso, unindo então teoria no contexto prática em sala de aula. É uma etapa em que o futuro professor tem de vivenciar as experiências cotidianas do ambiente escolar, observando como os fundamentos da educação podem ser encaixados em suas aulas. Essas experiências não permitem apenas verificar e aplicar essas teorias, mas adaptá-las de acordo com a realidade que se tem na sala de aula, local em que está se fazendo o estágio.

Pimenta (2011), diz que a educação é compreendida como uma prática social, ou seja, são as interações e ações realizadas no contexto do ambiente escolar. Elas não devem ser analisadas isoladamente, deve ser sempre relacionada a teoria para sua compreensão, nesse sentido, a pedagogia enquanto ciência, investiga a educação como prática social, fornece os fundamentos, para que haja o aprendizado e a intervenção nesse contexto escolar.

A relação estabelecida com os alunos durante o estágio foi marcada por interação comunicativa e natural, desenvolvida ao longo do período de observação, essa convivência permitiu que as crianças se acostumassem com a presença, facilitando a criação de um vínculo durante as práticas da regência. Os alunos demonstraram receptividade as aulas e participaram das atividades propostas, apesar de momentos de agitação, na qual exigiram a intervenção das professoras titulares para chamar a atenção da turma, a adaptação às práticas ocorreu de maneira positiva.

A turma contava com três alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e observar esses alunos interagindo, participando das atividades e realizando as propostas foi algo importante e positivo de que as práticas estavam no caminho certo. Havia um receio inicial de que as atividades planejadas não fossem adequadas ou atrativas para eles, mas a participação demonstrou a importância de se planejar para fazer algo que atenda a todos, sendo assim, esse resultado reforçou o impacto positivo.

Durante o estágio supervisionado, os planejamentos das aulas seguiram um cronograma quinzenal, elaborado em conformidade com os eixos estruturantes da BNCC, buscando atender as competências e habilidades estabelecidas para a Educação Infantil. Embora os planos de aulas fossem inicialmente desenvolvidos pelas professoras titulares, houve a oportunidade de adaptá-los e propor atividades que estivessem alinhadas com metodologias e conceitos que foi aprendido ao longo do curso, então esse momento foi fundamental. Esse processo foi enriquecedor pela constante comunicação com as professoras, que avaliavam as propostas, garantindo assim, que estivessem adequadas as necessidades da turma, mas sempre respeitavam e gostavam do que era abordado, as metodologias que foram apresentadas durante as aulas.

Ao longo do estágio, foram desenvolvidos doze planos de aula, cada um pensado para proporcionar experiências significativas e atender as necessidades dos alunos. Houve também momentos que demandaram flexibilidade e criatividade, principalmente para lidar com imprevistos que surgiam no cotidiano escolar, momento em que o professor responsável pela disciplina de estágio dava o suporte necessário com as orientações para suprir essas necessidades.

EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS DA REGÊNCIA

A experiência é o vivido no presente com sentido e significado do que foi experienciado, favorecendo a construção de saberes numa relação reflexiva a partir da prática profissional de professores experientes. Nesse sentido, a regência no estágio supervisionado pode ser compreendida como um o momento de assumir a responsabilidade no processo de ensino aprendizagem, aplicando metodologias e estratégias didáticas pedagógicas aprendidas durante o curso. É nesse contexto que a teoria se encontra com a prática, permitindo vivências significativas que enriquecem a formação docente. Os escritos de Costa, Fernandes e Bizerra (2018, p.1), esclarece que:

É por meio do estágio curricular supervisionado que se pretende oferecer ao futuro licenciado, conhecimento que o possibilite vivenciar a real situação desta profissão, ou seja, é preciso pôr em prática competências e habilidades para desenvolver e exercer a docência. É um momento que possibilita aprimorar conhecimentos quanto a aspectos pedagógicos que somente em termos teóricos não são possíveis de serem vivenciados.

A regência, nessa direção, é um período de aprendizagem, de construção da identidade profissional docente a partir do cotidiano escolar, ou seja, da realidade socioeducativa. É a oportunidade que o futuro professor tem de vivenciar os desafios e a rotina da escola campo de estágio, permitindo o aprimoramento das capacidades de planejar, executar e avaliar as atividades desenvolvidas na prática, sempre levando em consideração que o centro do processo de ensino são as crianças.

A regência, nesse sentido, foi realizada em uma turma de Educação Infantil, especificamente no segundo período, composta por 21 alunos, com idades de 4 a 5 anos. As crianças eram bem participativas, apesar de que tinham algumas que eram mais tímidas, no entanto, todas tinham interesses e se envolviam nas atividades propostas, o que contribuía com o objetivo planejado em cada aula.

As aulas da regência, seguiam o objetivo da Educação Infantil que são as interações e brincadeiras, pois as crianças aprendem e se desenvolvem a partir do brincar com atividades lúdicas. O brincar não é apenas um momento de descontração ou lazer, mas é um meio delas se desenvolverem, de explorar e compreender os conceitos para seu crescimento, possibilitando então um aprendizado significativo. Para Varoneli (2007, p. 5)

a brincadeira favorece ainda o desenvolvimento da autoestima, da criatividade e da psique infantil, ocasionando mudanças qualitativas em suas estruturas mentais. Através das brincadeiras, as crianças desenvolvem também algumas noções de grande importância para a vida em sociedade, como a noção das regras e também dos papéis sociais.

As atividades do estágio foram planejadas para integrar o brincar ao aprendizado, promovendo um ambiente que estimulava a curiosidade e o prazer em aprender. Com isso possibilitou as crianças não apenas novos conhecimentos, mas também o desenvolvimento de competências essenciais para a sua formação integral. Visavam estimular as habilidades cognitivas e motoras das crianças, alinhadas aos eixos estruturantes da BNCC.

Uma das aulas teve como objetivo trabalhar o numeral 12 de forma lúdica e que chamasse a atenção das crianças. A proposta envolveu a orga-

nização de copos numerados de 1 a 12, que estavam espalhados pela sala. Os alunos tinham que alinhá-los na sequência correta, compreendendo o conhecimento dos números por meio da interação e do brincar. Os escritos de Sampaio (2023, p. 4), coloca que “a criança progride na construção do conhecimento lógico-matemático pela coordenação das relações simples que ela criou entre os objetos. Portanto, esse conhecimento consiste na coordenação de relações”. Nesse sentido, essa atividade, além de reforçar a aprendizagem do numeral 12, contribuiu para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da concentração e da coordenação motora, aspectos essenciais para as crianças.

Seguindo as atividades realizadas durante a regência, a letra J foi explorada em diversos momentos, com propostas que iam além do reconhecimento e escrita da letra. Com destaque temos a atividade de caminhar sobre o traçado da letra J, que, além de reforçar a identificação do formato, contribuiu para o desenvolvimento do equilíbrio, um aspecto essencial na Educação Infantil. Outra proposta envolveu o estímulo sensorial, com as crianças traçando a letra J com o dedo sobre a tigela de trigo, permitindo uma experiência tátil. Assim, as atividades não se limitaram ao aprendizado da letra em si, mas abrangeram outros elementos fundamentais para o desenvolvimento integral, como habilidades motoras, sensoriais e cognitivas.

As atividades que desenvolvem a coordenação motora, são fundamentais na Educação Infantil, pois contribuem para o domínio corporal e o aprimoramento de habilidades motoras finas e grossas. Andrade, Barbosa e Bessa (2017, p. 2) ressalta que “a coordenação é responsável pela harmonia dos movimentos e seu desenvolvimento ocorre de acordo com a maturação do sistema nervoso, sendo subdivida em global ou geral; viso manual ou fina; e visual”. Durante as práticas da regência foi trabalhado em sala o conceito do numeral 13 por meio de uma proposta lúdica: a dança das cadeiras com o numeral 13.

Durante a atividade, as crianças caminhavam ao som da música em torno das cadeiras, quando a música parava, aquelas que se sentavam nas cadeiras com o número 13 realizavam desafios relacionados a esse numeral, como pular 13 vezes, bater palmas 13 vezes, contar até 13 em voz alta ou dar 13 abraços entre colegas. Essa proposta reforçou o reconhecimento do numeral 13, além

de promover a interação, o trabalho em equipe e o desenvolvimento motor e atenção das crianças.

Além das atividades regulares da regência, também foi desenvolvido um projeto de intervenção, voltado à sensibilização “alimentação saudável” na Educação Infantil, diante da observação de que muitas crianças consumiam com frequência alimentos ultraprocessados, como refrigerantes e salgadinhos, durante o horário do lanche, isso motivou a elaboração do projeto de intervenção para que abordasse a alimentação saudável de forma lúdica.

O projeto teve como tema “A importância da Alimentação Saudável na Educação Infantil” e foi realizado na turma do primeiro período, composta por crianças de 4 a 5 anos. O objetivo foi sensibilizar as crianças quanto aos benefícios de uma boa alimentação, incentivando hábitos que favorecessem o crescimento e o bem-estar. As atividades desenvolvidas foram as “caixas de alimentos saudáveis e não saudáveis”, na qual as crianças identificavam e classificavam figuras de alimentos, e a atividade “monte seu prato saudável”, em que, em duplas, criavam pratos equilibrados com figuras de frutas, legumes e outros alimentos.

Para finalizar o projeto, foi realizado o “Piquenique das Frutas”, um momento de grande envolvimento e alegria, as crianças se divertiram e foi deixado livre para que se servissem das frutas, o que proporcionou um ambiente acolhedor. Durante o piquenique, também foi realizada uma brincadeira sensorial cada criança era vendada e convidada a identificar, pelo paladar e pelo cheiro, qual era a fruta que estava experimentando. A atividade despertou a curiosidade e o interesse dos alunos, tornando o momento ainda mais divertido e participativo. Algumas crianças que inicialmente não demonstravam interesse em experimentar acabaram comendo ao observar as colegas. Apenas uma criança não consumiu frutas, mas teve sua escolha respeitada, as demais se serviram de forma autônoma, o que estimulou a independência, a coordenação motora e a capacidade de escolha.

Essa experiência evidenciou que por meio de vivências significativas e prazerosas, é possível promover atitudes positivas em relação a alimentação saudável entre as crianças, especialmente em um contexto em que se sabe que

muitas delas preferem alimentos como doces e salgadinhos, momentos como esse ficam marcados na infância e contribuem para a construção de memórias, fazendo com que a criança, desde pequena, cresça tendo bons hábitos e compreendendo a importância de se alimentar de forma saudável.

A Educação Infantil, muitas vezes subestimada por ser vista apenas como um espaço de brincadeiras e passatempo, mas é na verdade, uma etapa fundamental para o desenvolvimento integral, essa fase vai além do lúdico, pois promove aprendizagens e habilidades essenciais que serão utilizadas ao longo de toda a vida. Por isso, durante a regência, é indispensável planejar e executar atividades de forma intencional, assumindo a responsabilidade de contribuir de maneira significativa para o processo de ensino e aprendizagem, respeitando o desenvolvimento de cada criança.

DIÁLOGOS FINAIS

O Estágio Supervisionado, foi um período de desafios, que foram fundamentais para o crescimento pessoal e profissional, pois um desafio não significa limitações ou impedir de realizar as atividades, mas sim levam a refletir e adaptar as necessidades para lidar com as situações encontradas. Um dos primeiros desafios foi a adaptação ao ambiente escolar, pois exigiu a compreensão das dinâmicas de sala de aula as rotinas, como cada aluno agia e interagiu. Esse momento serviu para estabelecer uma conexão, confiança e se adaptar com a rotina da turma na qual foi feita o estágio. O nervosismo foi uma barreira no primeiro dia, a ansiedade de fazer um bom trabalho e desenvolver uma aula que atendesse a todas as crianças, logo o nervosismo se fez presente no primeiro dia, após isso, foi ganhando confiança e superado.

O gerenciamento de tempo foi outro desafio, das aulas, que envolvia a preocupação em cumprir os objetivos definidos nos planos de aula. Havia a constante dúvida: seria possível abordar todos os conteúdos e atividades planejadas dentro do período disponível? Isso demandou ajustes e prioridades para que os objetivos fossem alcançados. Além disso, a elaboração de recursos didáticos representou outro desafio, pois a maioria dos materiais tinham que ter

recursos financeiros, o que demandou criatividade para adaptar materiais que atendesse todos os alunos e esse recurso ajudar na elaboração da aula para se tornar algo mais prazeroso e criativo.

Manter a atenção das crianças foi um dos aspectos mais desafiadores durante o estágio, especialmente porque, nessa faixa etária, algumas coisas podem distrai-las facilmente. Além disso, criar aulas que fossem interessantes e envolventes era essencial, mas, em alguns momentos, as crianças se mostravam agitadas, isso demandou adaptações no decorrer das atividades. De acordo com Silva e Pedreira (2020, p. 123) “após o estágio muitos sentimentos são superados, outros não e muitos novos surgirão, mas esse processo de encontro e reflexão é fundamental para a construção da identidade do licenciando como docente”. Nesse sentido os desafios sempre irão surgir, muitos vão ser superados, outros permanecerão como aprendizado e reflexão, é por meio de experiências como essas que o estagiário desenvolve sua identidade e fortalece seu papel como futuro professor, compreendendo melhor seu papel.

Reafirmamos que o estágio supervisionado foi um momento marcante para o processo formativo, assim como a Educação Infantil é uma etapa fundamental para o desenvolvimento da criança, o estágio representou o início da trajetória no ambiente escolar. Foi a oportunidade de vivenciar o processo de planejamento de aulas, a construção de metodologias e, principalmente, de compreender a dinâmica de uma sala de aula.

Durante a regência, tivemos uma noção mais clara do que é esperado de um professor titular da sala, o que contribuiu para a consolidação do papel como futura profissional da educação. Essa experiência proporcionou uma visão prática e profunda sobre a importância da Educação Infantil, reforçando a necessidade de um ensino que respeite o desenvolvimento integral das crianças e as prepare para os desafios futuros. Portanto, o estágio foi fundamental para aprimorar as habilidades pedagógicas e para entender melhor o cotidiano escolar, que exigem flexibilidade, criatividade e, acima de tudo, um olhar crítico e atento às necessidades de cada aluno.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ana Stheplane; BARBOSA, Carla; BESSA, Sônia. A importância do estímulo ao desenvolvimento da coordenação motora global e fina. In: **Anais do Congresso de Iniciação Científica, Estágio e Docência do Campus Formosa (ISSN 2594-9691)**. 2017.

BRASIL. **Lei Federal n. 8069**, de 13 de julho de 1990. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm . Acesso em: 29 nov. 2024.

_____. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. **Estabelece as diretrizes e normas para o estágio de estudantes**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 set. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 01 dez. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez. 2009, Seção 1, p. 18.

COSTA, Carlos Lenilson et al.. A importância do estágio de regência no processo formativo docente: um relato de experiência. **Anais V CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45917>. Acesso em: 06. dez. 2024.

DE ALMEIDA, Gabriela Vieira. Gestão escolar: democrática e participativa na prática. **Eventos Pedagógicos**, v. 13, n. 3, p. 481-491, 2022.

DE SOUZA, Damiana Calixto; BRINGEL, Maricélia Felix Andrade. Educação Inclusiva: Principais Dificuldades no Processo de Ensino e Aprendizagem no Ambiente Escolar. **ID on line. Revista de Psicologia**, v. 17, n. 68, p. 460-472, 2023.

LAKATOS, E, M.; MARCONI, M, A.; **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005. 315 p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente**. 4. ed. revista e ampliada. Fortaleza: EdUECE, 2003.

LIMA, N. F. Rotina, crianças e educação: desenvolvimento das crianças a partir das rotinas aplicadas na educação básica. **In: INTEGRANDO SABERES & FAZERES NA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Editora Científica Digital, 2022. p. 131-136.

MACIEL, Tairine Schorr. A família no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno. **Eventos Pedagógicos**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 1333–1347, 2016. DOI: 10.30681/rep.v7i3.9911. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/9911> . Acesso em: 22 abr. 2025.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAMPAIO, Ana Patrícia Lima. Construção do conhecimento lógico-matemático pela criança na Educação Infantil. **In: A criança e o conhecimento do mundo matemático: textos para estudo**. Amazonas, 2023. Apostila.

SILVA, Delano Moody Simões da; PEDREIRA, Ana Júlia. Expectativas e meios de professores em formação: o papel do estágio supervisionado de ensino. *Ensino em Re-Vista*, v. 27, n. 1, p. 118-137, 2020.

SILVA, Gerusa Martins; DA SILVA, Jéssica Martins. PLANEJAR E CONHECER: A IMPORTÂNCIA DAS VIVÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR NO PERÍODO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 3802-3810, 2019.

SILVA, Kénia Jaciene da. **Os benefícios do brincar para o desenvolvimento intelectual e social da criança**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Itabaiana, PB, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4246/1/KJS26032014.pdf> . Acesso em: 26 nov. 2024.

VARONELI, M.L. **A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Graduando do curso de Pedagogia, da Faculdade de Ciências Humanas da Associação Cultural e Educacional de Garça, SP, p. 1-5, 2007.

CAPÍTULO 4

DA UNIVERSIDADE A ESCOLA: EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO INTERIOR DO AMAZONAS-AM

Geovanna Dias Mota

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-4

REFLEXÕES INICIAIS

O presente texto, é uma reflexão sobre as experiências de estágio na Educação Infantil em conexão com as discussões realizadas na disciplina de Estágio Supervisionado I com as estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (ICET-UFAM). Destacamos que o Estágio Supervisionado na Educação Infantil é um componente curricular obrigatório do curso, e o objetivo desse componente são os alunos conhecerem o espaço escolar, relacionar a teoria e prática e refletir sobre sua identidade como docente.

O estágio é uma atividade educativa supervisionada que permite que os estagiários apliquem os conhecimentos teóricos assimilados no curso na área profissional. É por meio do estágio que os alunos desenvolvem suas habilidades e competências. De acordo com a Lei nº 11.788, Art. 1º § 1º “O estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de estudantes. O estágio integra o itinerário formativo do estudante e faz parte do projeto pedagógico do curso” (Brasil, 2008). O estágio supervisionado na Educação Infantil é fundamental para os professores em formação, é por meio dessa experiência que os alunos fazem a conexão entre a teoria e prática, desenvolvem suas habilidades e competências que são essenciais para a docência, além disso os estudantes vivem de forma real a prática docente.

O estágio é de extrema importância para a formação da identidade do professor, pois caracteriza-se como momento de experimentar metodologias didáticos-pedagógicas e discutir/debater a respeito dos processos de ensino aprendizagem, com base em leituras e práticas adotadas durante os componentes curriculares do Estágio Curricular Supervisionado (Pimenta; Lima, 2005). Dessa forma, o estágio na Educação Infantil é importante para o futuro professor desenvolver uma visão ampla sobre as dimensões da docência, refletir sobre sua prática pedagógica e vivenciar a dinâmica do ambiente escolar, compreendendo os desafios que ocorre no cotidiano da escola. Seu objetivo é desenvolver a articulação do processo de orientação teórico metodológica com o eixo das práticas da docência e sua intervenção crítica e criadora no sistema público de ensino da Educação Infantil.

Esses momentos favorecem reflexões sobre o desenvolvimento profissional docente, mediado pela rotina como uma categoria pedagógica que deve ter intencionalidade e ser planejada, entendendo que o espaço da escola e da sala precisa ser planejado e organizado para se tornar um ambiente de aprendizagem. Visa ainda, o reconhecimento dos saberes curriculares e pedagógicos sobre a seleção de materiais e propostas de atividades considerando as características das crianças da Educação Infantil e conhecer o trabalho com projetos na Educação Infantil compreendendo o processo de definição do problema.

Este estudo teórico-reflexivo da prática de estágio, tem uma abordagem de cunho qualitativa, na qual descreve a experiência da docência no Estágio Supervisionado da Educação Infantil em uma escola localizado no interior do Amazonas. Gill (1999) explica que a pesquisa qualitativa é subjetiva ao objeto de estudo, ergue-se sobre a dinâmica e abordagem do problema pesquisado e visa descrever e decodificar de forma interpretativa os componentes de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a mensuração dos fenômenos, pois permeia a compreensão do contexto na qual ocorre o fenômeno.

O primeiro estágio na Educação Infantil, nessa perspectiva, é muito importante, pois de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. Portanto, o Estágio Supervisionado

representa uma ação que busca a interlocução dos docentes com as creches e pré-escolas, que atende crianças de 0 a 5 anos.

É o primeiro contato dos futuros educadores com a realidade, oportunizando o exercício docente. Assim, apresentamos a seguir as ações desenvolvidas na escola campo de estágio, especificamente em uma turma de 2º período, na qual desenvolvemos várias atividades tais como: conhecer a realidade socioeducativa da gestão escolar; vivenciar a dinâmica da escola; observar a prática das professoras titulares; realizar o planejamento das aulas; exercer a docência como processo de construção da identidade docente e realizar a elaboração e aplicação do projeto de intervenção.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS

No Brasil, o Estágio Supervisionado é regulamentado por um conjunto de legislações que asseguram o desenvolvimento pleno das crianças e a valorização do profissional. As normativas regidas por lei visam garantir que o processo formativo seja realizado de acordo com os direitos das crianças. Nesse sentido, a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica abrange o atendimento de crianças de 0 a 5 anos de idade como um direito fundamental garantido na Constituição Federal de 1988, que diz que a educação é um direito de todos, como destaca em seu art. 205 ao estabelecer que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Como princípio que tornou a Educação Infantil obrigatória, temos o Art.208, que em seu inciso IV dispõe a “Educação Infantil, em creche e pré-escola, às crianças de até 5 (cinco) anos de Idade.” (Brasil, 2006). Ele apresenta que é dever do estado oferecer esse serviço, mas é importante que as famílias tenham a responsabilidade de matricular seus filhos na escola, acompanhá-los e fazer parte dessa integração da família com a escola. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é um outro aspecto legal

que estabelece normas gerais sobre a educação. Ela define a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação, e tem como finalidade conforme é rígido no Art. 29: o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Brasil, 2013). Na Educação Infantil as atividades devem ser escolhidas buscando favorecer os aspectos físico, emocional, social e cognitivo da criança, ou seja, o seu desenvolvimento integral, mas respeitando as características e as necessidades das crianças.

Na LDB no Art.30, inciso II as “pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade” (Brasil, 2013), deve garantir o atendimento dessas crianças pequenas, com profissionais qualificados, já que essa etapa consiste no primeiro contato dela na escola, ou seja, fora do vínculo primário: a família. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nesse sentido, é um marco fundamental para a organização dos currículos da educação básica, principalmente nos aspectos legais que regem a Educação Infantil. Reafirma que a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, deve ser oferecida para criança de 0 a 5 anos, com foco no desenvolvimento integral das crianças, orientando que é nela que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças são ancorados nos eixos estruturantes das interações e a das brincadeiras, assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

Nessa direção, a organização curricular da Educação Infantil está estruturada em cinco campos de experiências (Brasil, 2018, p.40), descrita na Base Nacional Comum Curricular-BNCC, sendo os campos: “O eu, outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações”. Esses campos orientam as práticas pedagógicas de ensino nas escolas de Educação Infantil. O presente documento aborda os importantes aspectos que a criança precisa desenvolver nessa fase, sendo a interação social com as crianças e professoras, a comunicação, a expressão corporal e a criatividade. Além disso, destaca que os jogos e brincadeiras precisam ter uma intencionalidade, e que desenvolvam nas crianças a interação social, empatia, imaginação e a autonomia.

É importante destacar, que dentre os cinco documentos legais que abordam sobre a Educação Infantil, selecionamos três que discutem a Educação Infantil como uma etapa regulamentada por um conjunto de leis que garantem que as crianças tenham o direito a educação desde seus primeiros anos de vida. Além disso, a Constituição Federal 1988 e LDB, são importantes documentos que marcam a construção de uma educação acessível a todas as crianças, e a BNCC como um documento legal e pedagógico para a Educação Infantil que visa orientar o planejamento e as ações pedagógicas para o desenvolvimento dos múltiplos aspectos da criança, sendo físico, emocional, social e cognitivo, garantido o desenvolvimento integral das crianças.

CAMPO DE ESTÁGIO: DA OBSERVAÇÃO, REFLEXÃO DA AÇÃO GESTORA A PRÁTICA DOCENTE

O estágio foi realizado na Escola Municipal Dom Paulo Mc Hugh que fica situado na Avenida Mário Andreazza, bairro São Jorge, na cidade de Itacoatiara, localizado a 269km da capital Manaus, ou seja, no interior do Amazonas. A escola é administrada de forma democrática, sendo a gestão vinculada à Secretaria Municipal de Educação, Conselho Escolar e Associação de Pais, Mestres e Comunitários- APMC.

Como aspectos físicos, o prédio é constituído de 10 Salas de aulas, 01 Biblioteca, 01 sala de Recursos Multifuncional, 01 de Projetos, 01 sala de Gestão, 01 Secretaria, 01 sala de arquivo conjugada com a supervisão pedagógica, 01 Sala de Planejamento/professores, 01 sala de informática, 01 sala “Cantinho da Leitura”, 01 Cozinha, 01 depósito de Merenda, 01 depósito de materiais de limpeza e expediente, 01 depósito de materiais pedagógicos, 09 banheiros, 01 horta, 01 Área coberta/refeitório e 01 pátio descoberto com área verde e jardim. Além disso, tem projetores de imagens, televisor, microfones, caixas amplificadas, computadores, aparelho de micro-ondas, geladeiras, mesas, impressoras e armários, mesas, cadeiras, bancos, roçadeira, e lavadora de alta pressão.

Na secretaria tem 03 armários, 03 mesas, 03 computadores, 01 notebook e 01 impressora para uso geral na expedição e/ou impressão de documentos

diversos e avaliações escolares. As salas de aulas possuem quadros assim como mesas e cadeiras escolares, e apenas uma sala de aula possui 01 armário e todas tem ar-condicionado. No aspecto financeiro, destacamos a verba anual via bancária da APMC e do Programa Professor Alfabetizador, e alguns recursos materiais existentes na escola que são doação ou de recursos angariados com ações promovidas pela escola. Como recursos humanos a instituição é composta por professores, auxiliares, agentes de portaria, merendeiras etc., que conforme suas funções, essas pessoas prestam seus serviços contribuindo para o melhor andamento da escola e consequentemente com o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem das crianças desta instituição.

A escola, como campo de estágio nos proporcionou uma dimensão ampla do contexto escolar, tivemos a oportunidade de vivenciar o contexto educacional, mas também de observar a gestão escolar e refletir sobre a ação gestora e a prática docente. Esses momentos nos possibilitaram conhecer o ambiente da escola como um todo, antes de irmos para a sala de aula. Pimenta e Lima (2004, p. 6), contribui nessa direção ao afirmar que “enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”. Nesse sentido, conhecer o campo de estágio foi fundamental para entendermos como funciona a rotina da escola nos aspectos físicos, pedagógicos e administrativos, além disso observamos os desafios e as especificidades do contexto escolar.

Os estudos Marques (2006), coloca em realce que quanto mais complexa, isto é, plural e diferenciada, for a sociedade, mais se exige das aprendizagens sob a forma escolar, distinta das modalidades próprias de outros contextos sociais e âmbitos linguísticos. Podemos então dizer, que compreender o cotidiano escolar em sua pluralidade e movimento constante proporcionou aprendizagens significativas sobre como é constituído os processos de desenvolvimento das habilidades e competências de crianças da Educação Infantil, ou seja, a garantia de seus direitos de aprendizagens. No período do estágio, observamos as práticas pedagógicas e docentes, a organização do

espaço da escola, a interação entre os professores e alunos com a gestora e os principais recursos utilizados na escola.

A instituição tem uma gestão participativa, onde todos os colaboradores participam das tomadas de decisões e desempenham suas funções com o intuito de promover uma educação de qualidade. Segundo Luck (2000, apud Buss, p. 22), “o conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias e na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos”. Na observação, notamos que as salas são organizadas, assim com o a cantina, bem como a área de espaço interativo e as salas administrativas e pedagógicas da escola, sendo um fator primordial para apresentar como a cultura organizacional da escola é estruturada, além de ajudar a estabelecer os valores fundamentais da escola.

A partir da rotina escolar, presenciamos que a gestão tem um papel importante na organização e gerenciamento da escola, sendo a responsável por toda coordenação das atividades pedagógicas, gestão de recursos e pela realização de um ambiente eficiente e respeitoso, ou seja, “os gestores escolares, atuando como líderes, são responsáveis pela sobrevivência e pelo sucesso de suas organizações”. (Luck, 2005, p.33). Suas ações dentro da escola influenciam o clima escolar e o desempenho dos alunos e professores. Desta forma, observamos que a gestão tem uma comunicação clara e objetiva com todos os colaboradores da escolar, é ativa nas suas práticas alternativas e é flexível quando precisa lidar com esses conflitos, além disso tem empatia e respeito por todos que chegam na escola.

Durante o estágio identificamos os desafios enfrentados pela gestão da escola e as alternativas que eles buscam para superá-los. Podemos citar, a participação dos pais que é fundamental na vida pessoal e escolar da criança, mas o que acontece é que muito dos pais não participam das reuniões ou não buscam compreender sobre a vida escolar dos seus filhos, e isso é desafiador para gestão que precisa administrar uma escola e ao mesmo tempo ter a responsabilidade por problemas externos a instituição.

A integração da família e escola é importantíssimo, quanto mais os pais e a escola estiverem envolvidos, se tornado verdadeiros parceiros, ainda mais ambos se sentirão dispostos a colaborar na educação escolar de seus filhos, pois quando os pais são mais participativos, há uma maior competência para o desenvolvimento de diversas habilidades por parte dos alunos (Chechia; Andrade, 2005).

Apesar da escola ter um projeto que envolve essa parceria, promovendo o encontro entre a escola e a família a participação de pais ainda não atingiu o esperado. Outro ponto, é a interação dos professores na hora do recreio, eles se espalham em outros ambientes da sala de aula, refeitório e sala dos professores, e isso é desafiador, pois dificulta a comunicação com todos de uma vez só, até porque a gestora deve ser a maior incentivadora para as professoras. Os momentos que esses professores apresentam estar reunidos é o planejamento das aulas ou em confraternizações da escola.

Apesar dos desafios, a escola promove projetos que integram os alunos para o desenvolvimento integral, a reflexão sobre a realidade e o desenvolvimento da autonomia. Nesse sentido, essa vivência proporcionou um aprendizado sobre a realidade da escola, levando-nos a refletir e compreender a complexidade da gestão escolar diante as suas particularidades do cotidiano escolar. Portanto, entender esse contexto é fundamental para a nossa formação como futuras professoras e pedagogas.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

A formação inicial de professores é um processo fundamental para o desenvolvimento intelectual e profissional, sendo este um conjunto de conhecimentos e habilidades que o aluno adquire ao longo da sua carreira acadêmica na universidade. Para a construção de uma carreira efetiva é necessário que o aluno tenha a construção de um embasamento teórico para atuar com competência na sua profissão.

É a partir da prática no Estágio Supervisionado que o professor em formação aplicará a teoria aprendida nos anos de universidade, sendo este um

momento crucial para compreender as complexidades da rotina no contexto escolar. De acordo com Saviani (2019, p. 73) “[...] quanto mais sólida for a teoria que orienta a prática, tanto mais consciente e eficaz é a atividade prática” ou seja a prática é orientada pela teoria, e ambas são fundamentais para o processo educacional, pois são bases indissociáveis e orientadoras para ação dos futuros professores.

A universidade como instituição de ensino é essencial para a formação inicial dos futuros docentes da Educação Infantil, sendo o primeiro campo que os alunos têm os conhecimentos teóricos que ajudam na sua prática docente na escola. Sendo assim, as atividades que os alunos devem realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho, “[...] por isso costuma-se denominá-lo a “parte mais prática” do curso, em contraposição às demais disciplinas consideradas como a “parte mais teórica” (Pimenta, 2002, p. 21). Durante a formação, o aluno é apresentado as múltiplas disciplinas como filosofia da educação, psicologia, currículos, conteúdos e metodologias de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, entre outras. Essas disciplinas agregam de forma significativa na formação do aluno, é partir delas que sabemos lidar com o contexto que estaremos inseridos.

Nesse sentido, o estágio supervisionado na Educação Infantil é o momento que se tem a oportunidade de relacionar a teoria e a prática no ato educativo, até porque “a educação é uma prática, mas uma prática intencionada pela teoria. Disso decorre atribuímos importância ao estágio no processo de formação de professor” (Oliveira, 2007, p. 17). Essa associação é fundamental para o aluno vivenciar a realidade das escolas diariamente, observando como a escola trabalha a gestão da rotina e o relacionamento interpessoal entre os professores e os demais profissionais, além disso, a experiência é fundamental para o desenvolvimento da formação docente.

É no estágio supervisionado que se constroem a identidade profissional, é observando a realidade da sala de aula, as práticas das professoras e suas as relações interpessoais com os alunos, estagiários favorecendo a construção de conceitos e a própria visão sobre a Educação Infantil e sobre o papel como professor. Diante disso, “é preciso entender o conceito de identidade

docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida” (Garcia, 2009, p. 112). Dessa forma, a identidade é uma construção constante na vida do educador, que requer adaptação, reflexão e aprendizado.

Portanto, a indissociabilidade da teoria e da prática no contexto da formação e da ação profissional entre professores iniciantes e experientes se torna uma parceria de colaboração e construção de saberes a partir da reflexão crítica advindas das múltiplas experiências vivenciadas no percurso do estágio supervisionado e na socialização e compartilhamento de saberes oriundos dos momentos diálogos e reflexivos com todos que fazem parte da escola campo de estágio.

EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO CAMPO DE ESTÁGIO: REFLEXÕES NA/DA PRÁTICA

O estágio supervisionado na Educação Infantil foi um momento fundamental para a nossa formação acadêmica, vivenciamos toda a prática docente e as especificidades do cotidiano escolar e da sala de aula. As palavras de Pimenta (2008) contribuem nesta discussão ao enfatizar que é importante no processo formativo que aconteça a mediação do conhecimento, entre o indivíduo e a prática social, para que assim, ele compreenda a cultura objetivada nas práticas escolares.

Nesse sentido, a experiência nos proporcionou um vasto aprendizado acerca da observação e da prática do cotidiano da Educação Infantil em que as ações didáticas pedagógicas de fato aconteçam, oportunizando o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais para o ser professor, aproximando das particularidades e desafios que são encontrados no contexto da escola. Nesse sentido, apresentamos nas linhas a seguir todo o percurso experienciado ao longo da prática de estágio desde o planejamento, a regência e a realização do projeto de intervenção.

PLANEJAMENTO

O planejamento é uma ferramenta indispensável para a preparação, organização e estruturação das aulas na Educação Infantil. É uma das principais atividades pedagógicas que os professores em formação desenvolvem no campo de estágio. Nesse planejamento, os professores precisam prever as atividades que serão aplicadas na sala de aula e desenvolver objetivos para o processo de ensino aprendizagem. De acordo com Santana (1995), o planejamento educacional é caracterizado como “processo contínuo que se preocupa para onde ir e quais maneiras de chegar lá, tendo em vista a situação presente e possibilidades futuras, que atenda às necessidades da sociedade”. É fundamental a elaboração de propostas que estimule o interesse das crianças no processo educativo, mas também que promovam um aprendizado lúdico e prazeroso.

Neste sentido, o planejamento realizado para as atividades na regência foi baseado no cronograma e/ou roteiro norteador dos direitos de aprendizagens das crianças disponibilizadas pelas professoras titulares, seguindo o estabelecido pelo sistema municipal de ensino e pelo olhar que tivemos em torno da sala de aula nos momentos de observações, nas várias situações em que experienciamos. Somente a partir do conhecimento da realidade da classe, o professor pode desenvolver as atividades capazes de despertar em seus alunos o desejo pelo conhecimento, por isso o planejamento passa ser “uma espécie de garantia dos resultados” (Schimitz, 2000, p.101). Diante das observações em sala aula, selecionamos as atividades que mais chamavam a atenção dos alunos e possibilitavam que eles desenvolvessem a interação, raciocínio, imaginação e autonomia.

Nos baseamos nos planejamentos das professoras que são realizados de 15 em 15 dias, onde consta os objetivos de aprendizagem, os campos de experiências, as atividades que possivelmente serão realizadas, quais competências e habilidades que estas desenvolvem na criança e avaliação baseada na BNCC, mobilizado pela orientação do professor de estágio. Para Libâneo (1992), os meios de ensino são estruturados pelos professores em sua prática pedagógi-

ca e carregam consigo as estruturas necessárias para destacar os objetivos do método educativo. Dessa forma, ao planejarmos as aulas das crianças de forma dinâmica, visamos proporcionar o interesse pelo conteúdo proposto, oportunizando que elas entendam o assunto proposto e tenham uma aprendizagem significativa.

O planejamento das aulas para a regência foi realizado na terceira semana de estágio supervisionado na Educação Infantil, ao total desenvolvemos 12 planos de aula com base no contexto da sala e no planejamento das professoras. As observações e práticas acerca das professoras titulares da sala de aula foram fundamentais para aprendermos sobre a docência e para refletimos sobre a nossa identidade como futuras docentes. As professoras tinham uma metodologia de ensino que atendia as especificidades das crianças, com método participativo.

A escola não tem um espaço adequado e os recursos para promover as atividades são escassos, dificultando ações práticas que garantam o desenvolvimento das crianças. Monteiro e Silva (2015, p. 23) afirmam que “a estrutura da sala de aula também era um fator limitante ao desenvolvimento de uma boa metodologia da parte do professor”, ou seja, as atividades que muitas das vezes são pensadas no planejamento das professoras não podem ser aplicados pela falta de espaço.

Miranda et al (2016, p. 2) enfatiza que todas essas questões podem contribuir negativamente “pois, além da questão visual, da aparência da sala de aula, há a questão de disponibilização de recursos didáticos”, que muitas vezes as escolas não têm, e quando tem, não há espaço adequado para utilização. Quando as professoras organizavam essas atividades lúdicas era necessário a retirada de mesas e cadeiras da sala e isso demandava tempo que muitas das vezes não tínhamos, e o recursos para as atividades eram disponibilizadas por elas.

Nesse sentido, quando planejamos a regência buscamos atividades que não limitasse tanto o espaço, por isso aplicávamos mais atividades que os alunos pudessem ir ao quadro. Quando precisávamos de espaço afastávamos algumas cadeiras e mesas para realizar as atividades e todos participarem como nos jogos e brincadeiras, mas também íamos para salas maiores e mais

espaçosas, como foi o caso do momento da contação de uma história, chamada de: “Era uma vez, um gato xadrez”.

Apesar dos desafios, conseguimos concretizar as atividades que planejamos com a ajuda das professoras titulares, e isso foi importante para a construção de conhecimento e reflexão sobre nossa prática no contexto da sala de aula. O planejamento, nesse sentido, como eixo estruturador das ações para o desenvolvimento da prática docente, deve ser realizado de forma reflexiva, considerando a realidade cotidiana da escola e com a contribuição de professores experientes sob a supervisão do orientador de estágio no sentido de transpor mais segurança e autonomia para o exercício da regência.

REGÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PRÁTICA EM FOCO

O Estágio Supervisionado se desenvolveu em momentos, iniciando com a observação de todo contexto da escola, como a estrutura física, pedagógica, administrativa e socioeducativa. Além disso, observamos as ações pedagógicas que a escola desenvolve e quem eram os sujeitos envolvidos nesse processo. Realizamos a regência em sala de aula, na qual planejamos as atividades de acordo com a observação das professoras titulares e com as vivências.

A regência é o momento que os professores em formação mostram seus conhecimentos teóricos adquiridos na formação acadêmica, e que serão avaliados na sua prática como professor na Educação Infantil. Sendo, neste momento que o aluno possui todo o domínio e controle do processo, desde o planejamento até a avaliação (Pimenta, 1997). Ela, é fundamental para construção da nossa identidade como profissional e para nos aproximar da nossa futura profissão, é a partir da regência que planejamos as atividades e executamos na sala de aula, refletimos sobre nossa prática e construímos saberes que são essenciais para nossa vida profissional.

Nesse sentido, vivenciamos a regência na turma do 2º período da Educação Infantil, orientado e acompanhados pelo professor da disciplina de estágio que supervisionou todo o processo. A sala de aula, onde ocorreu essa experiência é composta por 28 crianças com faixa etária de 5 anos. Eles eram muito participativos em todas as atividades que promovíamos na sala de aula.

Na regência tivemos a colaboração das professoras titulares nas atividades que eram aplicadas para os alunos, o que facilitava o processo. As atividades foram planejadas seguindo o cronograma das professoras orientadas pelo sistema municipal de educação. As atividades que eram realizadas buscavam desenvolver os aspectos físico, psicológico, intelectual e social, ou seja, o desenvolvimento integral. Além disso, se baseiam nos cinco campos de experiências que consta na BNCC: O eu, outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações. O Movimento pela Base (2019) aponta que os campos de experiência estão inter-relacionados e são indissociáveis, ou seja, podem estar presentes em uma mesma proposta pedagógica; cada um possui objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que discorrem sobre o que se deseja desenvolver nas crianças ao longo da Educação Infantil.

Na regência, em uma das aulas na Educação Infantil, aplicamos o Ditado Silábico da letra S, que tem como objetivo completar com a família da letra S as respectivas imagens no quadro. Para a realização dessa atividade chamamos alguns alunos para preencher com a sílaba que faltava no traço. Após isso, buscávamos estimular o aluno em seu aspecto cognitivo perguntando sobre o nome do desenho e qual a sílaba a imagem iniciava.

Essa atividade é fundamental para o desenvolvimento da imaginação, autonomia e concentração. Outra atividade que utilizamos foi a contação de história que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno. Para Abramovich (1989), a importância de se contar histórias para crianças reside no fato de que escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor. A história que contamos se chamava “Era uma vez um gato xadrez”, Villela (2006) nessa atividade reunimos os alunos em colchonetes para que eles pudessem sentir-se a vontade para escutar a história.

A narração de histórias é o acesso para que as crianças obtenham práticas da fala, aperfeiçoando a oralidade e redefinindo suas histórias desenvolvidas através da reescrita, também, é por meio desses procedimentos que a criança consegue o entendimento do mundo, tão quanto do fabuloso como do real (Silva, Feitosa, Mota, 2020). Durante a contação das cores dos gatos, interpretar-

mos cada uma delas, o que facilitava a imaginação da criança sobre a história. Para a fixação do conto, pedimos que cada aluno pintasse nas folhas que disponibilizamos a cor de cada gatinho. Isso foi muito importante, pois os alunos mostraram o que tinham imaginado dos gatos e as suas características contadas na história.

A outra atividade que foi importante para o desenvolvimento da escrita das crianças, foi a chamadinha, que tem como objetivo o reconhecimento do nome em letra de forma ou cursiva. Para a realização dessa atividade os alunos identificaram os seus nomes no tapete na qual constava a lista de todos que escolhiam a cor do pincel e escreviam seu nome com letra de forma ou cursiva no papel P-40 e após isso colocaram o seu nome no painel da chamadinha.

Todos os alunos participaram da atividade, mas nem todos conseguiram escrever seu nome com uma das formas de escrita. A aula foi importante para os alunos exercitarem a escrita de forma lúdica, intencional e para sair do tradicionalismo da escrita do nome. Diante disso, das 12 aulas (48h/a) que foram planejadas para a regência na Educação Infantil, apresentamos três delas para relatar a experiência vivenciada. São atividades como estas que as crianças têm a possibilidade de desenvolver a sua formação integral, ou seja, aprendem a socializar, refletem sobre si, e os outros, em como desenvolvem a autonomia de forma lúdica e significativa.

DA OBSERVAÇÃO A INTERVENÇÃO NA PRÁTICA

O projeto de intervenção é um plano de ação estratégica voltado para a resolver ou solucionar um problema identificado no contexto inserido. De acordo com Xavier et al (2018, p.287) “ o Projeto de Intervenção (PI) visa orientar uma mudança ou transformação em uma dada realidade, seja na estrutura, seja no processo”. No processo educacional esse projeto é planejado e executado pelos professores com o objetivo de transformar o processo de ensino aprendizagem, buscando promover o desenvolvimento dos alunos e vencer as dificuldades do ambiente escolar. Nesse sentido, é fundamental que no final do estágio supervisionado os professores em formação identifiquem problemas no contexto da sala de aula ou na escola e realizem a intervenção

deste problema, até porque o estágio é campo de pesquisa e não apenas uma atuação da prática de ensino.

Elaboramos um projeto de intervenção conforme a identificação de um problema que encontramos na sala de aula. Verificamos que em todas as atividades do contexto da sala, a maioria delas era voltadas para as atividades impressas e poucas vezes trabalhavam jogos e brincadeiras. Nesse sentido, ao reconhecermos “o jogo e a brincadeira como importantes recursos educacionais que pode facilitar o desenvolvimento de novas habilidades motoras e acadêmicas, sem que sejam impostos à criança” (Peres, 2004, p.39), buscamos realizar um projeto para auxiliar nesse processo.

A prática com a utilização de jogos e brincadeira são recursos essenciais para a formação, socialização e desenvolvimento integral das crianças. Conforme identificamos essa necessidade, partimos para a elaboração do projeto e dos recursos para a sua aplicação. O mesmo foi realizado em 2 dias, totalizando uma carga horária de 8h/a. As atividades escolhidas foram refletidas no contexto da sala e na idade das crianças.

O projeto de intervenção, teve como tema: A importância da Psicomotricidade em Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil. Seu objetivo foi o de promover jogos e brincadeiras de coordenação motora fina e ampla, esquema corporal, orientação espacial e o equilíbrio no 2º período da Educação Infantil.

No primeiro dia de intervenção, realizamos duas brincadeiras de psicomotricidade sendo a primeira, a “lata musical”. Nessa atividade, os alunos sortearam dentro da lata musical uma ficha, na qual apresentava a imagem da música sorteada. Os alunos deveriam cantar as músicas e reproduzir os movimentos, sendo para frente, para trás, esquerda e direita, além de esquematizar as partes do corpo como cabeça, ombro, joelho e pé. Essa primeira atividade oportunizou o desenvolvimento da oralidade, expressão corporal e facial das crianças através da música.

A corrida de saco é uma atividade divertida que exige movimento e pode ser adaptada para crianças bem pequenas, promovendo a coordenação motora e a interação social. Desta forma, a segunda atividade foi a “corrida do saco das cores”, na qual os alunos foram escolhidos de três em três para participar da

brincadeira. Eles se posicionavam dentro do saco que tinha como as cores azul, amarelo e vermelho. Para efetivar a brincadeira, os alunos seguravam com uma mão na sacola preta para evitar que caísse abaixo do joelho, na outra eles deveriam equilibrar para pegar os balões das respectivas cores do saco. De acordo com a BNCC (Brasil, 2018), essa brincadeira é uma forma de explorar formas de deslocamento no espaço (pular, saltar, dançar), combinando movimentos e seguindo orientações. Essas brincadeiras estimularam as habilidades motoras, a cooperação entre os participantes e a autoestima.

No segundo dia desenvolvemos um jogo, onde primeiro organizamos a sala em dois times, o lado direito e esquerdo para ter o espaço do meio para a realizar a atividade. Posicionamos as mesas com os cilindros, e o cesto com as bolinhas e logo colocamos os 3 bambolês no chão. O jogo que aplicamos se chama “circuito motor”, na qual os alunos pulavam em cada bambolê até chegarem a mesa, pegavam quatro bolinhas no cesto, montavam no cilindro e para a continuação da brincadeira os alunos batiam na mão colega. Essa atividade lúdica trabalhou a psicomotricidade de forma divertida e significativa para a criança, pois eles tinham que ter a concentração, atenção e equilíbrio no jogo.

Portanto, as atividades de psicomotricidades possibilitaram com que as crianças melhorassem o movimento do corpo, a noção de espaço, as coordenações motoras finas e o equilíbrio, além disso desenvolvem aspectos fundamentais que são importantes para a sua vida adulta. A partir dos jogos e brincadeiras que escolhemos para o projeto de intervenção no estágio supervisionado, identificamos que os alunos tinham dificuldades nos aspectos da psicomotricidade, mas que podem ser melhorados se a escola começar a promover essas atividades na sala de aula.

REFLEXÕES FINAIS

O estágio é um componente fundamental para a formação dos futuros professores, é a partir das vivências no contexto escolar que conseguimos refletir sobre os múltiplos aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. É nesse período também que temos oportunidade de nos autoconhecer e refletir sobre a nossa própria prática. É um importante alicerce para a constru-

ção de conhecimentos relacionados a prática, até porque ter esse contato com a escola por tempo prologando nos faz refletir como a docência é uma prática dinâmica e cheia de desafios, mas que também é um processo rico em aprendizagens que são levados para a vida pessoal e profissional.

Assim, é importante dizermos que durante a realização do Estágio Supervisionado, tivemos alguns desafios que impactaram nas práticas de estágio. O primeiro desafio foi em relação ao espaço para aplicar as atividades lúdicas, segundo os parâmetros básicos “[...] a área mínima para todas as salas para crianças de 0 a 5 anos, contemple a 1,50 m² por criança atendida considerando a importância da organização dos ambientes educativos e a qualidade do trabalho” (Brasil, 2006, p.27). A sala na qual estagiamos era muito pequena, não tínhamos espaço para se movimentar entre nós, as atividades lúdicas só fazíamos quando tinham poucos alunos, pois não tinha espaço para todos na sala de aula.

O segundo desafio, foram os recursos para a realização das atividades. Nos primeiros dias de regência, aplicamos atividades bem lúdicas para os alunos, mas na finalização tivemos que recorrer as atividades impressas, pois como os recursos eram confeccionados pelas estagiárias não tínhamos mais condições de manter. A escola não disponibilizava recursos, pois a única sala que possuía jogos e brincadeiras era a sala multifuncional, destinado as crianças com necessidades educativas especiais. E o terceiro desafio, estava relacionado ao tempo das atividades, quando desenvolvemos o plano de aula, colocamos de duas a três atividades para aplicar na sala, mas quando fomos para a prática algumas dessas atividades não foram realizadas, pois o tempo que contávamos que teríamos, não tínhamos e a noção dentro da sala de aula é outra, o tempo passa muito rápido e quando vemos as atividades planejadas ficam apenas no papel.

Ao longo do estágio, tivemos a oportunidade de fazer interligação dos conhecimentos adquiridos na universidade, com a prática na sala de aula, estas se tornaram dinâmicas e recíprocas para o nosso processo de aprendizagem. O estágio nos proporcionou momentos de observação no contexto escolar e na atuação direta com crianças no seu processo de desenvolvimento, sendo pontos importantes para entendermos o papel como educadores neste contexto, além

disso, nos fez refletir sobre a atuação do professor no processo de aprendizagem, na qual somos mediadores, então é essencial escolhermos atividades que estimulem os alunos a se desenvolver integralmente.

Portanto, a construção da identidade nesses momentos de estágio se constituiu como importantes para pensarmos que professores seremos futuramente e quais práticas iremos adotar para que aluno tenha um aprendizado lúdico e significativo, além do mais o campo de estágio não é apenas uma atuação da prática, mas é um campo de pesquisa e reconhecimento que são essenciais para o desenvolvimento de uma prática reflexiva e eficaz na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: Gostosuras e bobices. 4. ed., São Paulo:

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 dez. 2024.

_____. Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm. 431-440. Acesso em: 5 dez. 2024.

_____. **Emenda Constitucional nº 53**, de 19 de dezembro de 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc53.htm#art. Acesso em 5 de dez. 2024

_____. Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em 04. Dez.2024

_____. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017

_____. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018

_____. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil: Encarte 1. Brasília: MEC, SEB, 2006. 31 p. : il

BUSS, Rosinete Bloemer Pickler. **Gestão Escolar: cadernos de estudos**. In: daial: Ed. ASSELVI, 2008

CHECHIA, V. A.; Andrade, A. D. S. (2005). **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar**. Estudos de Psicologia, 10(3),431-440.

GARCIA, Carlos Marcelo. **A identidade docente: constantes e desafios**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009.

GIL, A.C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP:Atlas. 1999.

LIBÂNEO, J.C. **Organização e gestão escolar: Teoria e prática**. 4.ed. Goiânia: Alternativa, 1992.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARQUES, Mário Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendizado e da docência**. 3 ed. rev. Editora Unijuí, 2006. (Coleção Mario Osorio Marques; v. 4)

MIRANDA, P. V; PEREIRA, A. dos R; RISSETTI, G. A influência do ambiente no processo de aprendizagem de escolas técnicas. **In: II Fórum Internacional de Educação**. Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, 2016

MONTEIRO, G de S; SILVA, D. P. da. A influência da estrutura escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma análise baseada nas experiências do estágio supervisionado em Geografia. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 19, n.3, set./dez. 2015.

MOVIMENTO PELA BASE. **Campos de experiência: efetivando direitos e aprendizagens na Educação Infantil**. Brasília: Movimento pela Base, 2019. Disponível em: <http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Campos-de-Experi%C3%Aancias-PDF-interativo-2.pdf>. Acesso: 13 dez.2024.

OLIVEIRA, Z. R. de. Educação Infantil: **Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

PERES, Regina Cristiane N. C. O lúdico no desenvolvimento da criança com paralisia cerebral espástica. **Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.** S. Paulo, 14(3), 2004.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na formação do professor:** unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíseis**, Volume 3, Número 3 e 4, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004

_____. **O estágio na formação dos professores:** unidade teoria e prática? - 3ª. Ed.-São Paulo: Cortez,1997.

SANT'ANNA, F. M. et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1995. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCK, H. **Escola participativa:** o trabalho do gestor escolar. RJ: Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica, **quadragésimo ano:** novas aproximações. Campinas: Autores Associados, 2019.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unismos, 2000.Scipione, 1989.

SILVA, Maria de Lourdes Soares da; FEITOSA, Francisca da Silva; MOTA, Janine da Silva. **Contação de história: benefícios e contribuições na educação infantil**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.1 - 2020.

VILLELA, Bia. **Era uma vez um gato xadrez** --/ Bia Villela. – 2.ed— São Paulo: Escala Educacional, 2006. --(Coleção sim)

XAVIER, S. S; SAMPAIO, C. T; GOMES, A. L. V; NASCIMENTO, R. C. Sousa; ESPERIDIÃO, M. A. **Projetos de Intervenção em Saúde:** construindo um pensamento crítico. Divulgação em Saúde para Debate, Rio de Janeiro, n. 58, p. 285-295, jul. 2018.

CAPÍTULO 5

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: (ENTRE)OLHARES DA TEORIA NA PRÁTICA COTIDIANA DE UMA ESCOLA NO INTERIOR DO AMAZONAS (AM)

Marilena Amorim Cunha

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-5

DIÁLOGOS INTRODUTÓRIOS

Ao possibilitar a interação com o campo de atuação, o Estágio Supervisionado na Educação Infantil caracteriza-se como um momento indispensável na formação do discente (Pimenta; Lima, 2008) pois, destaca-se como um componente curricular obrigatório da matriz do curso de pedagogia, pelo qual os alunos são levados a conhecer os espaços escolares, vivenciando a realidade educacional e sociocultural do contexto escolar. Esse momento formativo, proporciona experiências e aprendizados que ajudam ao futuro professor a compreender e refletir sobre a prática docente, além de aprofundar os processos de ensinar e aprender (Pimenta; Lima, 2008). É um componente curricular obrigatório e previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, Lei n. 9.394/96.

Apresentamos, as experiências vivenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, especificamente no 2º período em uma instituição de ensino municipal do interior do Amazonas no segundo semestre de 2024. Trazemos o espaço/tempo em que este ocorreu, mobilizados pelas orientações legais da disciplina vinculado ao curso de Pedagogia do Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia-ICET da Universidade Federal do Amazonas- UFAM na cidade de Itacoatiara-AM.

É importante, esclarecermos que o acesso à escola foi realizado mediante prévia autorização, por parte da gestão e da Secretaria Municipal de Educação- SEMED, após apresentação da carta e do Termo de compromisso

de estágio obrigatório externo, em conformidade com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROEG. Reflexões em relação a teoria e prática no Estágio Supervisionado e sua contribuição para a formação do professor na Educação Infantil, permearam discussões aqui empreendidas, bem como os desafios, as potencialidades e as aprendizagens proporcionadas pelo estágio na formação de futuros professores.

É um estudo de abordagem qualitativa, do tipo descritiva-exploratório, realizada em uma escola pública do município de Itacoatiara, Amazonas e utilizou como procedimentos de produção de dados a observação, entrevista semiestruturada com a gestora da escola e com as professoras de Educação Infantil, seguido de uma pesquisa bibliográfica acerca da legislação, em especial, a LDB 9.394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

Esses momentos formativos, representaram uma oportunidade para entender a prática educacional e também para refletir sobre a conexão entre teoria e prática. Apresentamos uma análise sobre as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, evidenciando como esse processo contribui para a formação profissional e para o desenvolvimento de uma prática docente. Além disso, buscamos discutir a relevância do estágio como espaço de mediação entre teoria e prática, apontando os impactos dessa vivência para o desenvolvimento das competências necessárias ao trabalho pedagógico com crianças pequenas.

Abordarmos as diretrizes norteadoras da Educação Infantil na legislação educacional brasileira, bem como a experiência no Estágio Supervisionado em Educação infantil, e como a teoria se conecta com a prática, destacando as bases legais, entre elas a BNCC que influenciam o trabalho diário dos educadores. A partir dessas reflexões, destacamos, ainda a importância da unidade teoria-prática no desenvolvimento do exercício profissional docente mediado pelo diálogo mútuo entre professores iniciantes e experientes.

Assim, reafirmamos sobre a importância dessas vivências no campo de estágio, consolidando um processo de formação sólida, pois permitiu experienciarmos de forma contínua e aprofundada aspectos essenciais dos pressupostos teóricos da pedagogia, entre eles: o cuidado e a educação, o planejamento, a cultura escolar, os espaços e ambientes, os recursos didáticos e as estratégias de ensino, bem com a avaliação como processo.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS LEGAIS

O Estágio Supervisionado na Educação Infantil é concebido como uma etapa essencial na formação inicial de professores, permitindo a articulação entre teoria e prática no contexto educacional. Todavia, observa-se que, para alguns alunos, o estágio é encarado apenas como um período prático, em que se busca estabelecer uma relação entre a teoria adquirida na universidade e a realidade escolar, especialmente no contexto da sala de aula. Muitas vezes, essa experiência é resumida a um relatório final, no qual não há espaço para uma reflexão crítica sobre o percurso formativo, o que restringe a compreensão plena do estágio como uma oportunidade de aprendizado.

Nessa perspectiva, Pimenta e Lima (2011) afirmam que há um reducionismo quando se fala em estágio supervisionado, pois muitos o veem apenas como uma prática instrumental. Elas destacam que essa visão pode ser prejudicial à formação profissional docente, pois limita o estágio a uma experiência prática sem espaço para uma reflexão crítica. Nesse sentido, vemos que um dos aspectos mais importantes do estágio supervisionado é justamente evitar essa visão restrita, já que ele nos proporciona a oportunidade de perceber a unidade entre teoria e prática, algo essencial para a nossa formação. As autoras enfatizam que:

A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de se explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). Para tanto, necessário se faz explicitar o conceito que temos de teoria e prática. (Pimenta e Lima, 2006 p. 11).

Na análise das autoras, são apontados pontos que faz a gente refletir sobre relação da teoria e a prática como ação indissociável, especialmente quando se trata da formação de professores. Quando falam sobre o empobrecimento da prática escolar, fica claro que, no estágio, os futuros docentes têm a chance de entender a complexidade das ações profissionais, da sua identidade e da sua prática. Isso é importante, porque ajuda na formação deles, permitindo que possam analisar, refletir e investigar diferentes maneiras de fazer educação

O estágio constitui um espaço de aprendizado no qual o estudante vivencia, observa e reflete sobre o cotidiano escolar. Para Pimenta (2012), o estágio supervisionado é reconhecido como uma fase formativa que propicia a criação, análise, compreensão e intervenção na realidade escolar, educacional e social. Esse processo contribui para que o estagiário adquira saberes fundamentais à sua formação e prática docente. Dentro do ambiente escolar, o estagiário pode se deparar com temas que despertam reflexões e oferecem base para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à sua atuação como futuro professor.

O Estágio Supervisionado constitui uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura, cumprindo as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDBEN, que a partir do ano de 2006 coloca como exigência essa proposta de estágio supervisionado com o objetivo de oportunizar ao aluno a observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas, a partir de uma aproximação da teoria acadêmica com a prática em sala de aula.

A Educação Infantil passou a ganhar mais espaço, por força de lei, a partir da Constituição Federal de 1988. O atendimento em creches e pré-escolas como direito social das crianças é afirmado na referida Constituição com o reconhecimento da Educação Infantil como dever do Estado (BRASIL, 1988). Ainda no que concerne a legislação, o texto do parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB n.20/2009) que tratou da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL/ MEC/CNE, 2009), relata que o campo deste nível de ensino, “vive um intenso processo de revisão de concepções acerca da educação de crianças em espaços coletivos, e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças” (CNE/CEB n. 20/2009).

O entendimento apresentado, aponta a relevância de fortalecer as estratégias metodológicas do ensinar e aprender, coadunando com as palavras de Mororó (2017) que realça a importância de possibilitar aos professores a relação entre teoria e prática, bem como a organização de sua ação educativa, visando à compreensão de sua própria prática docente. Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de

idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E, a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender crianças de zero a cinco anos.

No que concerne as modalidades de ensino a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 no Capítulo I do título V em seu Art. 21 dispõe que a educação escolar se constitui de: I - Educação básica: formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e II - Educação Superior. Diante disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais, conceituaram a Educação Infantil como sendo a:

primeira etapa da Educação Básica, oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. (Brasil, 2010).

O estágio é muito importante porque ajuda a colocar em prática o que aprendemos na teoria. Permite desenvolver conhecimentos, competências e habilidades, com o apoio de professores experientes, conectando o conteúdo dos livros ao dia a dia profissional. Esse encontro entre teoria e prática pode ser um desafio para quem está cursando uma licenciatura e, se isso não for feito durante o curso, pode acabar gerando dificuldades quando o aluno se tornar professor.

Assim, toda essa circunstância de relacionar teoria e prática se torna possível durante a vida acadêmica do aluno por meio do Estágio Supervisionado. Este é ancorado no Decreto de n. 87.497, de 18 de agosto de 1982, regulamentado pela Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977, na qual dispõe que o estágio de estudantes de estabelecimentos de Ensino Superior e de Ensino Médio regular (antigo 2º grau) e supletivo, deve considerar segundo esse decreto, no art. 2º:

[...] as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizadas na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.

O estágio supervisionado é um momento essencial na vida acadêmica, começando pela observação e passando por atividades complementares e práticas pedagógicas. Essas etapas aumentam as chances de sucesso, tanto no estágio quanto na formação profissional. É uma prática que traz muitos benefícios para o aprendiz, contribuindo para a melhoria do ensino e ajudando na construção de uma atitude reflexiva desde o início da trajetória como futuro professor. É nesse espaço que o estudante tem a oportunidade de vivenciar, na prática, aquilo que aprendeu na universidade.

Além disso, o estágio supervisionado é uma etapa formativa para quem está iniciando na área de educação, proporcionando a oportunidade de fazer mudanças e enfrentar a realidade da educação brasileira, que ainda está longe do ideal. É essencial na formação de professores porque permite que os alunos sejam expostos diretamente ao cotidiano dos professores.

A partir desta experiência, os futuros professores passam a se reconhecer como profissionais da educação, enfrentando pela primeira vez o desafio de interagir com linguagens, saberes e realidades diferentes das suas, mais que são próximas e fáceis de serem abordadas pelas crianças, conforme explicita Pimenta (1997), quando diz que os estágios supervisionados criam as condições necessárias para que os acadêmicos desenvolvam habilidades e competências essenciais à sua atuação como professores.

A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O que é ser professora na Educação Infantil? Como os estágios ajudam na formação dos professores dessa área? Quais os desafios que os professores enfrentam no dia a dia? Essas são questões que estão sempre presentes nas escolas de Educação Infantil e também nos cursos de formação de professores, sendo discutidas e refletidas por muitos estudiosos (Olivei-

ra-Formosinho, 2002; Pimenta, 1997, Pimenta e Lima, 2006; Silva e Guimarães, 2011, entre outros) que buscam entender melhor como é a prática docente nesse campo.

Nesse contexto, a carreira docente na Educação Infantil exige conhecimentos e métodos pedagógicos específicos, voltados para as necessidades e o desenvolvimento das crianças nessa fase inicial. Os professores dessa etapa precisam de uma formação distinta, que os prepare para lidar com as singularidades do processo de aprendizagem infantil, abordando questões emocionais, sociais e cognitivas que são próprias dessa faixa etária “[...] evidentemente o papel dos professores das crianças pequenas é, em muitos aspectos, similar ao papel dos outros professores, mas é diferente em muitos outros” (Oliveira-Formosinho, 2002, p. 135). Isso porque exige uma atenção especial às características da infância, considerando não apenas o aspecto pedagógico, mas também o cuidado integral das crianças. A prática docente na Educação Infantil precisa ser capaz de articular o educar e o cuidar.

Neste sentido, a “formação docente não pode ser vista apenas como um processo de acumulação de conhecimentos de forma estática, como cursos, teorias, leituras e técnicas, mas sim como a contínua reconstrução da identidade pessoal e profissional do professor” (Silva e Guimarães, 2011, p. 14). Assim, a identidade profissional do professor não aparece de forma espontânea; ela se constrói enquanto prática social, moldando a profissão docente por meio da reflexão crítica sobre as realidades sociais. Esse processo busca atender às necessidades e exigências das demandas que fazem parte do contexto educacional, atendendo também às expectativas da comunidade escolar.

As diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil- DCNEI, coloca que o projeto pedagógico da escola deve garantir como eixos orientadores de suas ações pedagógicas, as interações e brincadeiras, elementos essenciais para o desenvolvimento de suas potencialidades (Brasil, 2009). As interações permitem a construção de novos saberes, além de novas formas de conexão e envolvimento que favorecem a todos, trazendo inovação e ampliando a prática docente, ou seja: “se a criança é o centro do planejamento curricular, as interações e brincadeiras estão presentes, pois interagir e brincar é quase tudo o que

a criança precisa para o seu desenvolvimento integral, em especial, na faixa etária de zero a cinco anos” Bezerra, Santos e Pacífico (2017,p.145). Portanto, o ambiente de brincadeira, as atividades lúdicas, os brinquedos e a compreensão sobre eles são de grande relevância para os futuros professores, momento em que constroem saberes sobre a prática vivenciada com docentes experientes da Educação Infantil.

Os docentes da Educação Infantil devem ser mediadores entre a criança e o conhecimento, mas é importante entender que a infância é uma fase que precisa ser vivida de forma a permitir que a criança interaja e se aproprie de conceitos, dos códigos sociais e de diferentes formas de linguagem. Nesse processo é preciso considerar que as crianças necessitam envolver-se com diferentes linguagens e valorizar o lúdico, as brincadeiras, as culturas infantis.

Não se trata assim de transmitir à criança uma cultura considerada pronta, mas de oferecer condições para ela se apropriar de determinadas aprendizagens que lhe promovem o desenvolvimento de formas de agir, sentir e pensar que são marcantes em um momento histórico (Oliveira, 2010, p. 5).

Portanto, as práticas desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil têm se consolidado como uma fonte importante para repensar o que já existe e criar novas abordagens nas salas de aulas. Representa uma oportunidade valiosa para que os futuros professores compreendam e transformem as atividades de ensino e aprendizagem, a partir dos conhecimentos adquiridos na universidade quanto na escola de Educação Infantil.

DESCRIÇÃO DA ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO

O estágio foi realizado com uma turma do 2º período de Educação Infantil, na Escola Municipal Centro Educacional Jamel Amed, situada a Avenida Parque, 999, Centro – CEP: 69.100-003, na cidade de Itacoatiara – Amazonas. Essa instituição é no perímetro urbano, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Itacoatiara sob a administração da Secretaria Municipal de Educação – SEMED.

Seu espaço escolar é de grande porte, medindo 1.745,44 m² de área, salas de aula com capacidade para atender até 30 alunos bem distribuídas. Situada no centro, a oeste da cidade, com capacidade de atender toda clientela das comunidades adjacentes. O prédio é constituído de 16 salas de aulas, 01 biblioteca, 01 sala de mídia, 01 sala de Recurso Multifuncional, 01 sala de Gestão/Supervisão, 01 Secretaria, 01 Sala de Planejamento/professores, 01 Cozinha, 01 depósito de Merenda, 14 banheiros, 01 sala da APMC (Associação de Pais, Mestres e Comunitários), 01 Auditório, 01 Área coberta/refeitório e 01 Quadra de Esporte.

Atualmente, atende uma clientela de 816 (dados referentes ao ano de 2024) estudantes regularmente matriculados nos dois turnos: matutino, que funciona das 07h10min às 11h30min e vespertino das 13h10min às 17h30min, respectivamente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nos dois turnos. As turmas estão distribuídas da seguinte maneira: no turno matutino com Educação Infantil, tendo 154 alunos com turmas de 1º e 2º períodos e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com 261 alunos de 1º ao 5º ano. No turno vespertino, atende 174 alunos da Educação Infantil de 1º e 2º Períodos e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: 227 alunos de 1º ao 5º ano.

A maioria dos alunos, matriculados nos dois turnos, são originários de bairros periféricos da cidade e da zona rural, oriundos da estrada AM-010. A comunidade escolar tem uma participação ativa, onde a maioria dos pais e responsáveis participam das reuniões, discussões, atividades comemorativas promovidas pela escola, bem como, opinam e dão sugestões para a resolução de problemas, melhoria do ensino, bem estar dos alunos, fortalecendo o vínculo de parceria.

Os pais ou responsáveis são fundamentais para a formação da criança, sendo os principais modelos aos quais ela se apegar. Antigamente, valores como respeito e obediência, especialmente aos mais velhos, eram transmitidos de geração em geração de forma rígida, quase como um aprendizado formal. Hoje, é importante que os valores familiares estejam em sintonia com os

da escola, para que as crianças possam aprender e se orientar com os exemplos e atitudes tanto da família quanto da escola.

A educação, por si só, não tem o poder de transformar a sociedade, mas também não haverá mudança na sociedade sem ela. Quando a escolha é progressista, a opção é pela vida, pela equidade, pelo direito, pela convivência com o diferente, e não pela morte, pela injustiça, pelo arbítrio ou pela negação do outro. Não há outro caminho senão viver conforme a opção que se faz. Essa escolha precisa ser incorporada na prática, diminuindo a distância entre o que se fala e o que se realiza (Freire, 2004).

É essencial que família e escola estejam unidas, com uma comunicação harmoniosa. Assim, as crianças estarão bem preparadas para o futuro, que rapidamente se transforma no presente, capacitando-as a se tornarem profissionais qualificados e, principalmente, pessoas realizadas. Nessa perspectiva, a família é a base de tudo, por isso, é importante valorizar os pais que se envolvem e acompanham o desenvolvimento dos filhos, reforçando a importância dessa parceria para o crescimento da criança.

A escola é administrada de forma democrática, contando com a participação de instâncias como: Conselho Escolar e APMC, buscando desta forma garantir o envolvimento destes membros nas decisões que se referem às questões pedagógicas e administrativas. Tem uma direção, secretaria, setor administrativo, equipe pedagógica e serviços gerais. Os membros do Conselho Escolar e APM Associação de Pais, Mestres e Comunitarios, têm maior participação nas questões financeiras da Escola. O calendário escola é dividido em distribuição das aulas, estudos de recuperação, reuniões pedagógicas e administrativas, atividade extraclasse. A matrícula é realizada manual (sem sistema) pelo secretário da escola.

A gestão democrática é um princípio fundamental na educação, pois promove uma abordagem colaborativa e participativa, onde todos os membros da comunidade escolar têm voz ativa nas decisões sobre o processo educativo. Essa perspectiva parte da ideia de que a educação deve ser um espaço de transformação social, onde educadores, alunos, pais e a comunidade em geral se envolvem de maneira conjunta na construção do saber. o marco legal, a ges-

ção democrática está estabelecida na Constituição Federal do Brasil, de 1988, como um dos princípios que deve nortear o ensino público. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394, de 1996), no mesmo sentido, indica que o ensino será ministrado com base, entre outros princípios, no da “gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino” (BRASIL, 1996, art. 3º).

A instituição, segue as competências gerais de acordo com que está previsto na BNCC para Educação Infantil tendo em vista os eixos estruturantes e as competências gerais da Educação Básica proposta nela, e os direitos de aprendizagem e desenvolvimento assegurados para este nível de ensino, que é: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instituída pela Lei nº 13.415/2017, representa um marco fundamental para a educação básica brasileira, visando garantir a equidade e a qualidade no processo de ensino-aprendizagem em todo o território nacional. Para a Educação Infantil, a BNCC se apresenta como um instrumento normativo que orienta a prática pedagógica.

Durante o estágio realizado na Educação Infantil, a BNCC se mostrou um guia fundamental para promover o desenvolvimento integral das crianças. Os eixos estruturantes como conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, foram essenciais para a prática docente, ajudando a organizar as atividades de forma a contemplar os aspectos cognitivos, afetivos, sociais e físicos das crianças. A escola propõe a organização do currículo em diferentes campos de experiências, e esses campos são componentes essenciais para a formação integral dos alunos, tendo como objetivo promover o desenvolvimento de competências e habilidades em diversas áreas do conhecimento como: eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; escuta, fala, pensamentos e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

PLANEJAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE

O planejamento da regência na Educação Infantil representa uma oportunidade para que o professor identifique estratégias que promovam o progresso cognitivo, emocional e social dos alunos. Deve ser um trabalho

permanente, no qual o docente não se limita a selecionar os temas a serem abordados, mas também realizar um acompanhamento integral para avaliar as conquistas e os desafios enfrentados de forma individual e por toda a classe. É imprescindível que o professor reconheça e respeite as singularidades de cada criança, compreendendo que cada uma possui formas próprias de se expressar, compreender o mundo e se relacionar com os outros.

A estruturação e a organização das tarefas cotidianas permitem ao docente pensar sobre suas práticas e métodos, avaliando os resultados de seu trabalho. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 196) cabe: “[...] ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los”. Nesse sentido, a rotina, de forma geral, pode ser entendida como a repetição de ações que já estão estabelecidas e se tornam naturais no dia a dia com intencionalidade pedagógica.

No contexto da Educação Infantil, a rotina envolve o tempo dedicado ao aprendizado das crianças, e deve incluir cuidados, brincadeiras e atividades que ajudem no desenvolvimento delas, sempre com a orientação de um educador. Para Barbosa (2006), a rotina educativa é fundamental no trabalho com as crianças, pois é a partir dela que se organiza as ações para elas nas escolas. A autora destaca que a rotina pode ser chamada de várias formas, como horário, uso do tempo, sequência de ações, entre outras. O importante é que ela traz à criança uma sensação de estabilidade e segurança, o que é essencial para o seu desenvolvimento.

Ao abordar o tema do planejamento, torna-se fundamental reconhecer que, em projetos de ação, especialmente na prática educativa, o ponto de partida reside em uma etapa preparatória crucial: o planejamento. Em outras palavras, antes de iniciar, é essencial planejar com certeza os objetivos almejados pela ação, seguidos pela elaboração das estratégias, ou seja, os procedimentos a serem usados para atingir tais objetivos. Por último, é fundamental estabelecer o critério de qualidade que servirá de referência para a avaliação dos resultados.

É fundamental reconhecer que, para que ela seja efetiva, é fundamental

estabelecer, em primeiro lugar: o que será avaliado (planejamento da ação) e qual padrão de qualidade os resultados devem atingir para serem considerados aceitáveis. Quando o professor organiza e planeja as atividades do dia a dia, ele consegue pensar melhor sobre o que está fazendo em sala e avaliar se suas estratégias estão dando certo. Já o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 196) destaca que é responsabilidade do professor preparar atividades em sequência que ajudem as crianças a aprender de verdade, dando a elas a chance de perceber até onde sabem, aprender mais e repensar o que já conhecem.

O planejamento do ensino é a base da avaliação, pois reúne todas as decisões que o professor toma antes de realizar suas ações na sala de aula. Essas decisões são fundamentadas em diferentes áreas de conhecimento: a psicologia que nos ajuda a entender o aluno conforme sua idade e estágio de desenvolvimento; a sociologia fornece os *insights* sobre o aluno em seu contexto socio-cultural e econômico; a história da educação ajuda a perceber os avanços do ensino e se o professor está utilizando recursos atuais ou ainda recursos ultrapassados e a didática que orienta a escolha das estratégias mais adequadas para os conteúdos que serão ensinados.

Conforme Corsino (2009, p. 119), “o planejamento é o momento de reflexão do professor, que, a partir das suas observações e registros, prevê ações, encaminhamentos e sequências de atividades, organiza o tempo e espaço [da criança na Educação Infantil]”. É esse planejamento que define os passos a serem seguidos para atingir os resultados desejados, deve estar claro, guiando as ações dos professores, inclusive na avaliação. O planejamento precisa ser colocado em prática para alcançar os resultados que se espera.

Na Educação Infantil, é crucial que o plano de aula, seja estruturado em conformidade com as bases legais curriculares e que estabeleça as intervenções mais adequadas para a faixa etária em questão. Essas diretrizes servem como uma norma para as atividades a serem executadas. Durante a fase de planejamento em que estávamos refletindo sobre como desenvolver as atividades e considerar todos os fatores relevantes para a regência, surgiram algumas indagações, tais como: As crianças irão gostar das atividades? Será

se elas conseguirão se concentrar na realização da mesma? Seria possível manter seu interesse? O maior desafio, entretanto, seria em evitar atividades extensas e tediosas, uma vez que este tipo de abordagem tende a acabar a atenção e o foco dos pequenos, comprometendo, assim, a eficácia do processo educativo.

Com isso, as regências foram pensadas com base na proposta de sequências didáticas, proporcionando às crianças diversas experiências dinâmicas, que favorecessem uma aprendizagem mais envolvente e significativa. A sequência de atividades foi planejada de forma que fosse produtiva e contextualizada. Através de jogos e brincadeiras cooperativas, como orientado no artigo 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

Art. 9º As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança [...] (Brasil, 2009)

Nessa perspectiva, o planejamento das professoras na escola é realizado quinzenalmente, sob a orientação da SEMED, e elas se reúnem nas sextas-feiras para definir as atividades. Antes de começar a regência, tive a oportunidade de participar das ações de um curso, voltado para os professores, denominado de Projeto de Leitura e Escrita na Educação Infantil-LEEI. Esses momentos foram significativos, inicialmente por proporcionar saberes sobre essa etapa de ensino, e de ter a oportunidade de dialogar com professores experientes e assim aprender sobre o cotidiano da prática.

Para a regência do estágio, seguimos o planejamento da SEMED do município e também dos professores, buscando criar recursos metodológicos que tornassem a aula mais interativa e envolvente para os alunos de forma lúdica. Entre os materiais que preparamos, estavam a caixa musical, a chaminada, livros de historinhas, a caixa do bingo e cartazes ilustrativos. Esses recursos foram escolhidos para que as atividades fossem dinâmicas e as crianças se sentissem mais motivadas a participar, tornando o aprendizado mais prazeroso e eficaz.

A PRÁTICA NO ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS DO INÍCIO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática do Estágio Supervisionado foi dividida em duas fases. A primeira consistiu em conhecer o campo de estágio por meio de observação, realizada no turno da manhã, das 7h às 11h. Durante essa etapa, conhecemos a escola e as informações necessárias para o preenchimento das fichas de observação fornecidas pelo orientador, que permitiram uma análise das áreas internas da instituição, como salas de aula, secretarias, sala da gestora, auditórios, biblioteca, quadra de esportes, cantina e sala multifuncional. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (doravante RCNEI),

[...] a observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles, o professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagens das crianças; a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor e acompanhar os processos de desenvolvimento obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição. Essa observação e seu registro fornecem aos professores uma visão integral das crianças ao mesmo tempo em que revelam suas particularidades (Brasil, 1998, p. 58-59).

A organização das observações no estágio é um dos passos fundamentais para a formação do educador, pois permite que o futuro professor registre e reflita sobre as práticas observadas, criando um espaço de aprendizagem constante e aprimoramento. As fichas de observação são instrumentos essenciais para sistematizar as percepções, possibilitando uma análise crítica a partir do acompanhamento da prática gestora e docente.

A primeira semana foi dedicada a esse levantamento, buscando dados sobre a caracterização socioeconômica e cultural da escola, que mantém tradições como festas juninas, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Natal, Consciência Negra e o Dia do Índio, entre outras. O relacionamento com a comunidade escolar é participativo, envolvendo tanto alunos quanto professores, profissionais do transporte escolar e famílias, estas

últimas através do programa “Educação Família” e da participação na feira literária anual da escola.

Na segunda semana, observamos as salas de Educação Infantil, especificamente o 1º e o 2º períodos. Essa observação foi fundamental para a escolha da turma para a realização da regência. A experiência permitiu uma compreensão detalhada das rotinas dos alunos, como o uso do bebedouro, banheiros, recreios, e entradas e saídas da escola, sempre respeitando o horário das 7h às 11h.

A turma escolhida para a regência foi a do 2º período da Educação Infantil, composta por 19 alunos, sendo 10 meninas e 9 meninos, com a supervisão de duas professoras e uma auxiliar de vida. O espaço da sala era razoável, com ambiente climatizado, mesas redondas divididas em quatro partes, além de recursos pedagógicos como painéis de chamadinha, recados, músicas, alfabeto, obrigações, e um cantinho da leitura.

O planejamento das aulas seguiu a proposta das professoras, focando no desenvolvimento motor, tanto fino quanto grosso. Antes de iniciar as aulas práticas, tivemos 20h (vinte horas) de observação para conhecer a turma e estabelecer uma relação de confiança com os alunos, facilitando a participação deles nas atividades propostas. Observar as aulas ajuda muito a melhorar o ensino e a forma como os alunos aprendem. Além disso, inspira, motiva e pode até ser o começo de mudanças importantes na escola. Reis, (2011) apresenta algumas finalidades da observação de aulas:

Adequar o processo de supervisão às características e necessidades específicas de cada professor. Estabelecer as bases para uma tomada de decisão fundamentada sobre o processo de ensino e aprendizagem. Avaliar a adequação das decisões curriculares efectuadas pelos professores e, eventualmente, suscitar abordagens ou percursos alternativos. Proporcionar o contacto e a reflexão sobre as potencialidades e limitações de diferentes abordagens, estratégias, metodologias e actividades. Desenvolver diferentes dimensões do conhecimento profissional dos professores (Reis, 2011, p.12).

O ensino na sala de aula seguiu uma abordagem tradicional e ao mesmo tempo construtivista considerando a intencionalidade pedagógica da ação das

professores em conformidade com o planejamento. A maior parte das atividades desenvolvidas estava centrada na rotina pedagógica convencional, com foco na escrita de números e palavras, além de atividades que envolviam o preenchimento de exercícios. Porém, com o objetivo de diversificar a criatividade das crianças, também são realizadas atividades educativas e lúdicas no plano de ensino.

O primeiro dia de regência teve como foco a revisão das famílias silábicas, articulando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por meio de atividades lúdicas e interativas. A proposta pedagógica foi estruturada no eixo de *Interações e Brincadeiras* e nos campos de experiências: *Eu, o outro e o nós*; *Corpo, gestos e movimentos*; *Traços, sons, cores e formas*; *Escuta, fala, pensamento e imaginação*; e *Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações*. Os direitos de aprendizagem contemplados incluíram: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Entre os objetivos, destacam-se: o desenvolvimento da empatia (EI03EO01), o fortalecimento das relações interpessoais (EI03CG03), a exploração de sons e instrumentos musicais em brincadeiras (EI03TS01), a formulação de hipóteses sobre a linguagem escrita (EI03EF09) e a percepção de espaço e tempo em atividades corporais (EI03ET01).

As atividades iniciaram com a acolhida das crianças — incluindo oração, chamada e músicas infantis — seguida da introdução da “caixa musical”, que estimulava a musicalidade, a coordenação motora e a expressividade corporal. As crianças participaram de jogos e dinâmicas como a “cruzadinha” e o “bingo silábico”, que reforçaram a aprendizagem das sílabas de forma colaborativa. No início do processo, foi observada certa agitação na turma, além de dificuldades motoras e de socialização por parte de algumas crianças. Contudo, ao longo das 12 aulas realizadas (com carga horária de 4h/a cada), as atividades lúdicas promoveram avanços significativos na interação e cooperação entre os alunos.

Durante o estágio, foi possível perceber como o brincar é essencial para o desenvolvimento infantil. De acordo com Brougère (2001), o brincar é um

processo social e cultural, onde as crianças exploram o mundo e suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas de maneira espontânea e divertida. Trabalhar com o lúdico é, portanto, fundamental para estimular a criatividade e o aprendizado das crianças.

A música é uma linguagem universal que conecta as crianças com o mundo ao seu redor, promovendo o aprendizado de forma divertida e dinâmica. Ao integrar músicas, jogos e atividades motoras, o estágio permitiu compreender a importância do brincar no processo de ensino-aprendizagem, reforçando a ideia de que as crianças aprendem enquanto brincam, descobrem, se arriscam e exploram suas próprias capacidades.

A supervisão do estágio proporcionou uma reflexão crítica acerca da função do professor na Educação Infantil. Trabalhar com crianças demanda uma combinação de paciência, afeto, criatividade e a aptidão para compreender o universo infantil, respeitando suas necessidades e promovendo o desenvolvimento de suas habilidades. A ludicidade, a atividade física e a musicalidade constituem recursos de grande relevância no aprimoramento das habilidades motoras, cognitivas e emocionais; por conseguinte, devem ser permanentes no contexto educacional.

PROJETO DE INTERVENÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O projeto de intervenção com o tema “A importância da alimentação saudável na Educação Infantil” teve como objetivo principal conscientizar as crianças do 2º período da Educação Infantil sobre os benefícios de uma alimentação equilibrada para o crescimento e o bem-estar. A iniciativa surgiu a partir da observação, durante o estágio, de que muitas crianças consumiam com frequência alimentos industrializados, como refrigerantes e doces, o que pode comprometer sua saúde e desenvolvimento.

A proposta pedagógica foi desenvolvida com base em atividades lúdicas e interativas, promovendo a reflexão sobre os tipos de alimentos consumidos. Entre as estratégias utilizadas, destacaram-se a dinâmica das “caixas de alimentos saudáveis e não saudáveis”, a construção de “pratos saudáveis” com

figuras, e a realização de um piquenique das frutas, momento de socialização e experimentação coletiva na Escola Municipal Jamel Amed.

Sabemos que, a alimentação desempenha um papel essencial na saúde física e no crescimento infantil, sendo um fator crucial no combate a doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs), como diabetes, obesidade e doenças cardiovasculares, frequentemente associadas a hábitos alimentares inadequados (Azevedo et al., 2014). Assim, a escola, como espaço formativo, tem o papel de colaborar com as famílias na educação alimentar, ajudando a criar hábitos saudáveis desde a infância.

A educação alimentar deve ser abordada de maneira lúdica e prática, utilizando o ambiente escolar para desenvolver conhecimentos sobre nutrição e promover o consumo de alimentos saudáveis. De acordo com Cavalcanti (2017), a alimentação é fundamental para o desenvolvimento físico e psicomotor das crianças, especialmente na fase escolar, que é um período de intensa maturação.

A escola oferece um espaço privilegiado para intervenções educativas que não apenas incentivem escolhas alimentares mais saudáveis, mas também fomentem o desenvolvimento de hábitos alimentares duradouros. Gomes (2016) reforça que o ambiente escolar é adequado para este tipo de intervenção, proporcionando um desenvolvimento cognitivo e experiências significativas para a formação humana. Além disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) recomenda práticas que conectem as crianças ao meio ambiente, incentivando o cultivo e consumo de alimentos naturais.

O projeto foi dividido em duas aulas, contabilizando 8h, na qual trabalhamos de maneira prática e divertida com as crianças, para que elas entendessem a importância de uma alimentação saudável de forma mais leve. No primeiro dia, começamos com a caixa dos alimentos saudáveis e não saudáveis. A dinâmica foi super legal, as crianças tinham que colocar as frutas e outros alimentos na caixa certa: “saudável” ou “não saudável”. Depois, fizemos a atividade “Monte seu prato saudável”, onde elas puderam escolher alimentos saudáveis para montar um prato equilibrado, o que gerou bastante curiosidade e aprendizado.

No segundo dia, a atividade foi ainda mais divertida com o piquenique. Preparamos frutas, sucos naturais e até bolos saudáveis, e as crianças se caracterizaram com aventais e toucas, como se estivessem ajudando na cozinha. Tivemos músicas sobre alimentação saudável e brincadeiras que envolviam todos, o que deixou o ambiente ainda mais alegre e descontraído.

Os resultados do projeto foram positivos, principalmente no aspecto de conscientizar as crianças, desde essa fase da vida, sobre a importância da alimentação saudável. As atividades lúdicas e a participação ativa das crianças ajudaram no conhecimento adquirido, criando uma base para o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis que certamente contribuirão para a saúde e o bem-estar das crianças no futuro.

DIÁLOGOS FINAIS

Durante o Estágio Supervisionado, um dos maiores desafios foi a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da formação acadêmica na prática docente na Educação Infantil. Para que os conceitos aprendidos durante o curso se transformassem em ações concretas na sala de aula, foi necessário observar atentamente as características dos alunos, adaptar as metodologias de ensino e considerar as condições do ambiente escolar.

As crianças da Educação Infantil estão em fases diferentes de desenvolvimento cognitivo, motor e emocional, o que exige que as atividades sejam planejadas de forma cuidadosa, respeitando o ritmo e as necessidades individuais de cada aluno. Com base nas teorias de desenvolvimento infantil que estudamos, como as de Piaget e Vygotsky, procuramos planejar atividades lúdicas e interativas que estimulassem a curiosidade e o aprendizado de forma ativa.

Outro desafio, foi aplicar as metodologias de ensino que aprendemos na universidade como o ensino baseado em projetos e a aprendizagem ativa, de forma que se conectassem com as necessidades e interesses das crianças. A Educação Infantil demanda uma abordagem que vai além da simples transmissão de conteúdo, focando na exploração e na experimentação. Buscamos integrar as metodologias construtivistas, que defendem o aprendizado através

de experiências concretas e o brincar, com atividades práticas na regência em sala de aula.

As condições do ambiente escolar também foram um fator importante que influenciou a aplicação das teorias na prática. A sala de aula tinha recursos limitados, e isso exigiu a criatividade para adaptar as atividades. É importante dizer que talvez o maior desafio tenha sido perceber que, embora a teoria seja uma base importante, a prática escolar exige uma constante adaptação por conta da realidade da escola e de cada aluno inserido no espaço escolar. A cada aula, era necessário ajustar a abordagem, avaliar o desempenho dos alunos e refletir sobre o que estava funcionando ou não. Isso proporcionou entendermos que a aplicação dos conteúdos teóricos não é uma ação rígida, mas sim um processo contínuo de adaptação às necessidades da turma.

Durante o estágio de regência, a experiência foi tranquila, principalmente por conta do apoio constante das professoras auxiliares, que ajudaram bastante no dia a dia das atividades. A turma, composta por 19 alunos, estava bem avançada em escrita e oralidade, mas ainda assim surgiram algumas dificuldades que exigiram adaptações. Outro ponto a destacar, foi o tempo disponível para realizar todas as atividades do plano de aula. Em algumas situações, houve a preocupação de que não seria possível terminar tudo no tempo determinado. Isso fez com que fosse necessário ajustar o ritmo da aula, priorizando as atividades mais importantes para que os alunos conseguissem aprender.

Outro desafio que apareceu foi o índice de faltas entre os alunos. A turma tinha 19 alunos, mas, muitas vezes, apenas 15 estavam presentes. As faltas ocorreram por motivos como doenças e problemas pessoais, o que dificultou a continuidade de algumas atividades. Isso exigiu uma adaptação, para que os alunos que estavam presentes pudessem acompanhar o conteúdo da melhor maneira possível, mesmo com a frequência irregular de alguns colegas. Em relação ao processo de aprendizagem dos alunos, muitos demonstraram aptidão as atividades desenvolvidas, mas alguns tinham dificuldades em tarefas que exigiam coordenação motora. Isso acabou impactando o desempenho em atividades que envolviam movimentos mais complexos. Para ajudar, foram fei-

tas atividades motoras adaptadas, que ajudaram as crianças a desenvolverem melhor essas habilidades de maneira divertida.

Apesar desses desafios, o estágio foi fundamental para o crescimento profissional do futuro professor. Essas experiências ajudaram a aprimorar habilidades como planejamento, adaptação e comunicação, além de mostrar como é importante ser flexível e saber lidar com diferentes situações na sala de aula. Nessa direção, reafirmamos que o estágio constitui um componente fundamental na formação de futuros educadores, pois é através das experiências obtidas no contexto escolar que se torna possível analisar os múltiplos fatores que impactam o processo de ensino e aprendizagem. Neste período, temos a oportunidade de aprofundar nosso autoconhecimento e realizar uma análise crítica de nossa prática pedagógica e docente.

Durante o estágio, foi possível observar, no ambiente escolar, uma rotina distinta da abordagem teórica/prática, evidenciada pelo impacto que a experiência prática proporciona. Nesse contexto, as análises realizadas mostraram-se fundamentais para a formação docente, uma vez que é por meio desse contato com a instituição e seus integrantes que se efetiva a verificação das teorias estudadas, permitindo que teoria e prática se cruzem efetivamente.

Esse período também é importante para que o estagiário desenvolva uma visão crítica sobre sua própria prática, compreendendo como as teorias aprendidas se aplicam na realidade da Educação Infantil. Com essa reflexão, é possível melhorar as formas de ensinar, ajustar os planos de aula e criar atividades mais interessantes e criativas, sempre com o objetivo de promover o desenvolvimento integral das crianças.

Nesse processo formativo, destaco ainda a significativa contribuição do orientador de estágio que esteve presente em todas as etapas desde a construção do cronograma, as fichas de observação até os momentos de regência. Sua atuação foi fundamental na revisão dos planejamentos e planos de aula, sempre antes da execução das atividades em sala. Com sua escuta atenta, orientações cuidadosas e olhar crítico, colaborou de forma direta para que cada etapa do estágio ocorresse com maior segurança, coerência e intencionalidade pedagógica.

Essa parceria docente possibilitou um amadurecimento maior na elaboração das atividades e reforçou a importância do trabalho colaborativo na formação inicial de professores, fortalecendo a compreensão sobre a prática educativa de maneira reflexiva e contextualizada.

Dessa forma, o estágio supervisionado configura-se como um componente essencial da formação docente, extrapolando a função de aplicar conhecimentos teóricos e assumindo um papel decisivo no processo de construção de saberes da docência para o desenvolvimento profissional. Ao vivenciar os desafios da prática educativa, o licenciando tem a oportunidade de aprofundar sua compreensão acerca das demandas da sala de aula, exercitar a capacidade de adaptação e fortalecer sua identidade profissional.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Edynara Cristiane de Castro et al. Consumo alimentar de risco e proteção para as doenças crônicas não transmissíveis e sua associação com a gordura corporal: um estudo com funcionários da área de saúde de uma universidade pública de Recife (PE), Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], v. 19, n. 05 [Acessado 23 abr. 2025], pp. 1613-1622. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014195.06562013>. ISSN 1678-4561.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEZERRA, Ezenice Costa de Freitas; SANTOS, Telma Cristina Martins dos; PACÍFICO, Juracy Machado. Oralidade e a linguagem musical: encontros e desencontros na educação infantil. *EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação*, v. 4, n. 9, p. 159-176, dez. 2017. ISSN-2359-2087. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/2959/2149>. Acesso em: 2 abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.26568/2359-2087.2017.2959>.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 23 abr. 2025.

_____. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil.** Brasília: MEC, 2017.

_____. **Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf.

_____. **Ministério do Trabalho e Previdência Social. Decreto 6494/77:** dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º grau e supletivo e dá outras providências.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:** introdução. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Brasília, SEF, 1, 101 p.

_____. **Resolução 05, de 17 de dezembro de 2009:** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009.

_____. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,** Brasília, 2009.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CAVALCANTI, L. A. et al. Efeitos de uma intervenção em escolares do ensino fundamental I, para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 20, n. 2, p. 5-13, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/2408/2247>. Acesso em: 23 abr. 2025.

CORSINO, P (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas: Autores Associados, 2009.

GOMES, W. S. T. **Alimentação escolar saudável.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016. Disponível em: http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/16720/1/2016_WednaTeixeiraGomes_tcc.pdf.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MORORÓ, Leila Pio. **A influência da formação continuada na prática docente.** *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 36-51, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/122>. Acesso em: 23 abr. 2025.

OLIVEIRA, Z. M. R. **O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes Nacionais?** In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: . Acesso em 23 abr. 2025.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. O desenvolvimento profissional das educadoras de Infância: entre os saberes e os afetos, entre a sala e o mundo. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 133-167.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

REIS, F. A. G. **Avaliação do Desempenho e Identidade Profissional Docente.** Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação. Universidade do Porto, 1999.

REIS, Pedro. **Observação de aulas e avaliação do desempenho docente.** 2011.

SILVA, Fernanda Costa Fagundes; GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. **O professor de Educação Infantil: cuidar ou ensinar? Um novo olhar.** 2011. Disponível em: [http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/CO%20461-1150-1%20SM\[1\].pdf](http://www.ceped.ueg.br/anais/ivedipe/pdfs/didatica/co/CO%20461-1150-1%20SM[1].pdf). Acesso em: 23 abr. 2025.

CAPÍTULO 6

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FOCO

Luana Almeida Cavalcante da Costa

Tiago Pereira Gomes

Doi: 10.48209/978-65-5417-562-6

REFLEXÕES INICIAIS

O presente capítulo apresenta as vivências e experiências que possibilitaram a reflexão e a ação da teoria na prática do Estágio Supervisionado I na Educação Infantil dos alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia-ICET da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, conforme o Convênio de n. 141/2022 com carga horária de 150 h/a, assim distribuídas: 30h/a teóricas e 120 h/a práticas. Esse componente curricular, teve como objetivo desenvolver a articulação do processo de orientação teórico-metodológica com o eixo da prática pedagógica e sua intervenção crítica e criadora no sistema público de ensino na Educação Infantil. As discussões empreendidas foram ancoradas na ação docente numa perspectiva crítico-reflexiva, a partir do diagnóstico, observação, acompanhamento e prática pedagógica, seguido da elaboração e desenvolvimento de planos de estágio na escola e relatório.

A Constituição Federal de 1988 e a LDBEN n. 9.394/1996 asseguram os direitos das crianças brasileiras à educação, consolidando a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, sendo um período importante do desenvolvimento humano na qual o cuidar, educar e socializar são os elementos essenciais nesse processo. De acordo com Pimenta e Libâneo (2002), o estágio é o momento em que a teoria e a prática se unem, contribuindo para que o futuro professor construa os conhecimentos essenciais para o desenvolvimento de sua profissionalidade. Isso quer dizer que a prática profissional é vista como uma

etapa fundamental e contínua na formação docente, servindo como base para a organização do currículo. Adentrar o campo de estágio é mergulhar nas ações práticas estabelecidas por professores experientes numa relação dialógica com quem está em processo de formação é perceber que a reflexão sobre o que é experienciado nessa relação promove uma conexão entre o que se aprende na universidade com o contexto da prática vivenciada na escola, especificamente na Educação Infantil, *lócus* do estágio.

A partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos, sendo “obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos”. Por ser uma etapa obrigatória, os direitos de aprendizagens deve ser assegurado considerando a formação de professores e os investimentos necessários a garantia de políticas educacionais que atendam as necessidades das crianças desde a estrutura física adequada, recursos didáticos pedagógicos entre outros. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, definem a criança como:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

A criança não é uma folha em branco, como um receptor de informações. Ela é alguém que participa ativamente da construção da sua própria história; ou seja, é a protagonista. Suas vivências, interações e aprendizados moldam quem ela é e como ela se relaciona com a sociedade. A criança é construída pelo seu tempo e contexto social, que ao mesmo tempo, age sobre elas, que também possui uma série de direitos que devem ser garantidos. Não são apenas necessidades básicas, mas direitos fundamentais como o direito à educação, ao brincar, à proteção, à participação, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Essa perspectiva a tira de uma posição de vulnerabilidade e a coloca como cidadã.

A DCNEI, em seu Artigo 9º, aponta como eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica as interações e a brincadeiras. Define ainda, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, que é conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhece-se. Sua organização curricular, está estruturada na BNCC (Brasil, 2018) em cinco campos de experiências, sendo eles: o eu, o outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Corpo, gestos e movimentos; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Nesse sentido, apresentamos a seguir, as vivências experienciadas no campo de estágio, mobilizado pelas observações da gestão escolar, pedagógica, administrativa, bem como da prática docente na Educação Infantil, seguido da regência e do projeto de intervenção, ancorados nos pressupostos teóricos e epistemológicos que reverberam o contexto da formação de professores e sua práticas nesta etapa de ensino.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DA PRÁXIS DOCENTE

A Educação Infantil representa a etapa inicial da educação básica, desempenhando um papel importante no desenvolvimento integral da criança em suas dimensões física, psicológica, intelectual e social. Neste período fundamental são estabelecidas as bases para a aprendizagem futura, promovendo-se a aquisição de conhecimentos por meio de interações lúdicas e atividades que estimulam a curiosidade.

A compreensão aprofundada desse ambiente é indispensável para a formação de profissionais na área, particularmente no contexto dos estágios. Conforme salientam Momo e Paiva (2018), a fase preliminar do estágio é dedicada à assimilação das diretrizes essenciais, precedendo a articulação direta com a instituição de ensino. Essa preparação é imperativa para que o futuro educador, ao se integrar como membro afiliado ao campo de estágio, possa apreender efetivamente a realidade cotidiana, por meio dos ricos diálogos e das diversas experiências que emergem das observações.

De acordo com Pimenta (2002), o estágio, quando realizado com pesquisa, contribui para a formação de professores e pedagogos de melhor qualidade. Sendo assim, o estágio com pesquisa, se torna uma ferramenta para compreender a realidade escolar. Não apenas observar, mas investiga os fenômenos que acontecem na escola, por meio da coleta de dados, da análise crítica das práticas pedagógicas existentes, bem como do levantamento de problemas e desafios enfrentados por alunos, professores e pela busca por soluções baseadas em evidências.

Agora o estágio como pesquisa, coloca essa prática como objeto de estudo e reflexão, ou seja, esse processo de estágio é norteador para gerar no estagiário e com orientação do professor, o conhecimento sobre a formação docente em si, enfatizando analisar as próprias aprendizagens e dificuldades durante o estágio e a reflexão sobre a teoria apreendida na universidade e a prática na escola, contribuindo para a construção de um corpo de conhecimento sobre a prática pedagógica e a formação de profissionais da educação.

Como professoras em formação, já idealizamos desde as discussões em sala de aula o estágio, pensando nas metodologias, estratégias e nos autores que podem embasar nossa prática. Para dar início ao estágio, alguns documentos essenciais foram preparados, entre eles, destacam-se o termo de estágio obrigatório e o ofício de encaminhamento que garante nosso acesso às escolas selecionadas. Esse procedimento alinha-se à orientação de Momo e Paiva (2018), que afirmam que “a partir da segunda aula você já fará a escolha da escola campo de estágio e o contato inicial com a instituição escolhida”. Com isso em mente, um ofício foi enviado à Secretaria de Educação Municipal de Itacoatiara (SEMED) para oficializar a participação das estagiárias nas instituições escolares.

Entre setembro e o início de outubro do ano de 2024, iniciamos a fase de observação do contexto educacional, abrangendo a gestão pedagógica e o ambiente de sala de aula. Essa etapa é crucial, pois, como Momo e Paiva (2018) diz que “durante a terceira e a quarta aula, você já estará presente na escola campo de estágio”. Essa presença inicial é fundamental para a disciplina de Estágio Supervisionado I, pois nos proporciona uma visão abrangente

da relação teoria/prática, essencial para nortear a reflexão e a construção do professor em formação.

Conforme Momo e Paiva (2018) afirmam “a aula cinco e a aula seis contribuirão para o seu processo de planejamento junto com o professor colaborador para a posterior execução das regências”, com isso, as aulas precisam ser elaboradas, desenvolvidas e estudadas, e mediante a pesquisa conseguiremos realizar um bom planejamento. O planejamento não é uma tarefa isolada do estagiário, mas um processo colaborativo. Essa etapa é vista como fundamental para que o estagiário possa, com segurança e competência, assumir o desafio de reger aulas, aplicando o que aprendeu e desenvolvendo sua identidade profissional. É o momento de transformar a teoria e a observação em um plano de ação concreto.

A ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: CARACTERIZAÇÕES GERAIS

A escola campo de estágio é a instituição pública de ensino, localizada em Itacoatiara-AM, com 72 funcionários. A sua administração é composta por gestão, supervisão, professores, pessoal administrativo, colaboradores e dirigentes. A participação coletiva da supervisão é perceptível quando nos questionários direcionados pelas pesquisas do estágio se entrelaçam com as ações realizadas no cotidiano da escola, revelando que se encontram ativos sobre a direção. Os problemas mais frequentes na escola campo de estágio, está relacionado a frequência das crianças, onde a gestão escolar tem como ação interventiva a busca ativa aos responsáveis para saber os motivos e colocam a importância do acompanhamento das atividades escolares e da frequência semanal.

Essas ações acontecem de forma democrática, sendo discutidas inclusive nos momentos pedagógicos e administrativos. Para Luck (2009, p. 69) “a escola democrática é aquela em que os seus participantes estão coletivamente organizados e comprometidos com a promoção de educação de qualidade para todos”, o professor precisa estar atento para verificar como as crianças estão agindo em sala de aula, quando está presente e isso ajuda a gestão ter o controle da situação, pois, a presença do professor é diária, porque é necessário que

profissionais da educação conheçam o seu aluno, o contexto que esta inserido, as dificuldades e sua potencialidades.

Os planos anuais da escola incluem planos pedagógicos e administrativos. O plano pedagógico é elaborado pelo pedagogo e envolve a equipe de professores, enquanto o plano administrativo é gerido pela administração escolar. Não há participação dos alunos, devido a faixa etária. O plano pedagógico é flexível e adaptável, e o relacionamento entre administração, corpo docente e corpo discente é considerado bom. A comunicação entre o pedagogo e a gestão é essencial para o funcionamento eficiente da escola. A administração e o pedagogo colaboram para implementar projetos e programas, como o Programa Escolar e Comunidade (PROEC). A escola trabalha com avaliação externa, como Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), Sistema de Avaliação do Desempenho Educacional do Amazonas (SADEAM) para medir os resultados educacionais. A gestão têm uma comunicação aberta e integrada, garantindo que todos estejam informados sobre o que acontece na escola.

A escola conta com 10 turmas distribuídas nos turnos da manhã e tarde. No período matutino, há duas salas para a Educação Infantil e oito para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Já no turno vespertino, são três salas para a Educação Infantil e sete para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No total, a escola atende 624 alunos, mantendo uma média de 30 a 35 estudantes por turma. O calendário escolar é elaborado pela Coordenação de Educação Municipal. Ela, organiza os dias letivos, garantindo um mínimo de 200 dias, e envia o calendário para o Conselho Escolar do município para avaliação e aprovação. Após confirmação, o calendário é encaminhado de volta para a coordenação, que o distribui às escolas. Uma vez aprovado, o calendário é seguido pela instituição e fica disponível na sala dos professores para fácil consulta.

O currículo seguido pela escola baseia-se na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas diretrizes oficiais. O professor, no entanto, pode adaptar os planos de aula conforme as necessidades da turma, diagnosticando o que cada aluno precisa aprender naquele momento e ajustando as atividades de acordo com os níveis de aprendizado. O planejamento dos professores

segue um cronograma estabelecido. No início do ano letivo, cada professor elabora um planejamento anual. Semanalmente, cada docente tem um dia específico para elaborar seu planejamento, denominado HTT (Horário de Trabalho Técnico). Por exemplo, os professores do primeiro ano planejam às segundas-feiras, os do segundo ano às terças, e assim sucessivamente. Às sextas-feiras, os professores volantes também se dedicam ao planejamento. Na Educação Infantil, o planejamento ocorre quinzenalmente, em reuniões de 4 horas, onde as professoras titulares e as auxiliares de vida planejam os conteúdos. Estes são enviados pela SEMED para orientação das aulas e são norteados pela BNCC.

O PLANEJAMENTO DA PRÁTICA DOCENTE: ORGANIZAÇÃO PARA O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

O planejamento da prática docente é norteador para o professor em formação, por ser uma das etapas essenciais para o processo de ensino-aprendizagem, na qual o docente organiza e estrutura as ações dentro de sala de aula. De acordo com Vasconcelos (2000, p.16), planejar é “antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas, é agir de acordo como o previsto”. Ele afirma ainda que “planejar não é apenas algo que se faz antes de agir, é também agir em função daquilo que se pensa” (Vasconcelos, 2000, p.16). O ato de planejar vai além de termos técnicos e mecânicos, o mesmo possui intencionalidade, e se torna flexível a realidade das crianças, considerando o desenvolvimento integral dos pequenos em todas as suas dimensões: física, emocional, social e cognitiva. Conforme Libâneo (1994), o planejamento atua como uma ferramenta para programar as ações do professor. No entanto, é também um processo de pesquisa e reflexão, estando intrinsecamente conectado à avaliação.

De acordo com a BNCC (2018) existem dois eixos estruturantes na Educação Infantil são as interações e brincadeiras, pilares que orientam o planejamento. É através das interações com os alunos e o professor que as crianças aprendem sobre si e o mundo que estão inseridas, e o professor busca planejar estratégias para que as interações ocorra de forma eficaz. A brin-

cadeira, nesse sentido, é a principal forma de expressão e aprendizagem na infância, pois, aprender brincando é mais prazeroso, dando a possibilidade de desenvolver criatividade, resolver problemas e explorar o seu entorno. O planejamento precisa garantir tempo e espaço para a realização das atividades tanto de brincadeiras leves e para as direcionadas com fins específicos.

Durante o estágio supervisionado, iniciamos com uma fase de observação e diagnóstico a partir da realização de entrevistas com a pedagoga da instituição, a análise da carga horária docente e o diálogo com os profissionais da educação, o que foi essencial para compreender a dinâmica escolar, a rotina pedagógica e o contexto socioeducacional das crianças. Participamos do processo formativo desenvolvido pelas propostas pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que durante o processo do estágio fomos convidados a fazer parte com foco especial na articulação da literatura infantil e as concepções dos professores a respeito do tema.

Logo após, iniciamos a etapa do planejamento pedagógico. Os planos de aula foram elaborados com o objetivo de respeitar o contexto escolar e as especificidades das crianças, buscando promover o desenvolvimento integral por meio de atividades criativas e alinhadas aos objetivos pedagógicos e às diretrizes da SEMED. Houve a observação da turma do 2º período da Educação Infantil em que realizaríamos a regência para poder dar o andamento no planejamento. Esse processo permitiu uma visão ampla e reflexiva sobre a maneira mais adequada de planejar, considerando as condições e o nível de desenvolvimento das crianças.

O planejamento partiu com base no plano de aula elaborado pelas professoras titulares, que trabalhavam em dupla. Elas discutiam e estruturavam o plano quinzenalmente, de acordo com as necessidades da turma e as orientações pedagógicas. Como estagiárias, acompanhávamos esse processo, observando a organização e a construção do plano, embora a nossa participação se limitasse a diálogos para compreensão da estrutura e da dinâmica.

Após a elaboração, o plano de aula era submetido à análise da pedagoga, que verificava seu alinhamento com as propostas da SEMED e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Somente depois de aprovado, o plano era

repassado às estagiárias. Sendo assim, cada estagiária era responsável por elaborar seu próprio planejamento individual, levando em conta as particularidades da turma de Educação Infantil sob sua responsabilidade. Portanto, mesmo partindo de um plano enviado pela SEMED, o planejamento de cada estagiária precisava ser contextualizado e adaptado às especificidades de sua turma, sob a supervisão do professor orientador de estágio.

Santana (1995), colabora nesta discussão, quando menciona que o planejamento educacional é um processo contínuo que visa orientar a educação. Ele considera a situação atual para definir aonde se quer chegar e, a partir disso, estabelece os caminhos para alcançar os objetivos. O foco principal é garantir que a educação atenda às necessidades da sociedade, projetando um futuro que melhore a realidade presente. Dessa forma, o planejamento educacional não é um evento isolado, mas sim uma ferramenta dinâmica que se adapta e se atualiza constantemente.

A REGÊNCIA: A HORA DA PRÁTICA

A experiência de estágio supervisionado foi fundamental para nosso aprimoramento das habilidades e competências como professores em formação. O estágio foi organizado da seguinte forma: Observação da escola e da prática gestora (20h/a), Observação da prática docente (20h/a), Planejamento das Aulas para Regência (16h/a), Regência (48h/a), Planejamento do Projeto de intervenção (8h) e desenvolvimento das ações do projeto (8h). Iniciamos o estágio em 16 de setembro de 2024, no turno matutino, com a observação, entrevistas, registro de fotos e análise de documentos na escola. Em 23 de setembro, a observação foi estendida para a sala de aula. Já em 25 de setembro, participamos do evento LEEI – Leitura e Escrita na Educação Infantil na Escola JAMEL.

A regência foi realizada na turma do 2º período matutino, sendo articulando com os cinco campos de experiências da BNCC (2018): Eu, o Outro, O Nós; Corpo, Gestos e Movimento; Traços, sons, cores e forma; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Escuta, tempo, quantidade, relações e transforma-

ções, dando ênfase aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

A partir do dia, 8 de outubro dedicamos 4 horas/aula à regência em sala com foco no alfabeto. Iniciamos com a rotina da sala, que incluiu acolhimento com a chamada, músicas infantis, oração, exploração dos cartazes e orientação para guardar garrafas e copos. Em seguida, fizemos uma roda de conversa utilizando a música “Natureza sempre se transforma Mundo Bitá”. Posteriormente, apresentamos o alfabeto móvel através da atividade lúdica “O jardim encantado” que favoreceu a visualização e o reconhecimento das vogais e consoantes pelas crianças. Para finalizar a aula, propusemos uma atividade de cobrir os traçados da ordem alfabética no caderno. Os recursos didáticos e tecnológicos utilizados foram: televisão, caixa de som, alfabeto móvel, lápis de cor, lápis de escrever e borracha.

A aula do dia, 9 de outubro com duração de 4 horas/aula, começou com a rotina diária da sala. As crianças foram acolhidas, a chamada foi feita, músicas infantis foram cantadas, houve um momento de oração, e os cartazes da sala foram explorados. Também foram dadas orientações sobre a organização de garrafas e copos, um aspecto importante para a autonomia e organização do ambiente. Dando início às atividades principais, três figuras foram estrategicamente expostas na entrada da sala: um coração, mãos e notas musicais. Cada criança escolhia uma delas para ser recepcionada, optando por um abraço, um aperto de mãos ou uma dança, respectivamente, promovendo uma interação lúdica e afetiva.

Em um segundo momento, a professora introduziu o numeral 17 escrevendo-o na lousa. Em seguida, as crianças participaram ativamente de um labirinto numérico formado no chão da sala, percorrendo os números de 0 a 17. Essa atividade prática ajudou na consolidação do reconhecimento numérico. Após o percurso, para reforçar a aprendizagem, as crianças utilizaram fósforos espalhados na mesa para representar o numeral 17 com os palitos, trabalhando a associação quantidade-símbolo de forma concreta.

No dia, 10 de outubro em uma aula de 4 horas, a rotina diária da sala foi cumprida: as crianças foram acolhidas com a chamada, cantaram músicas in-

fantis, fizeram a oração, exploraram os cartazes e receberam orientações sobre a organização de garrafas e copos. Em seguida, para estimular a participação e a alegria, as crianças cantaram e dançaram ao som do musical “Três Palavrinhas”. Posteriormente, formou-se uma roda de conversa para introduzir a letra C e seu fonema. Dando continuidade, foram revisados objetos que continham a letra C, e as sílabas CA, CO, CU, CÃO, CE e CI foram apresentadas. Para finalizar a aula, aplicou-se uma atividade impressa focada nessas mesmas sílabas (CA, CO, CU, CÃO, CE e CI), com o objetivo de estimular a leitura e a escrita. Os recursos didáticos utilizados incluíram folha A4, cola, lápis de cor e lápis de escrever, demonstrando uma abordagem prática e interativa.

No dia, 11 de outubro durante as 4 horas/aula, foi realizada a rotina diária da sala: acolhimento com a chamada, músicas infantis, oração e exploração dos cartazes. Parte da rotina também incluiu a orientação sobre o evento ‘Festa das Crianças’. A aula principal teve início com a contação da história. Durante a leitura, foram feitas perguntas com o objetivo de identificar os personagens e a lição que o livro transmitia. Após a finalização dessa atividade, a turma participou de um desfile em sala de aula. Os recursos didáticos e tecnológicos utilizados foram: Livro, Caixa de som, Fantasia e Balões. Para encerrar o dia de celebração houve a degustação de guloseimas preparadas pelos professores, pais ou responsáveis dos alunos, seguida da distribuição de brinquedos e bombons.

No dia, 16 de outubro a aula de 4 horas/aula iniciou-se com a rotina usual da sala: acolhimento com a chamada, músicas infantis, oração, exploração dos cartazes e a organização de garrafas e copos. Em seguida, foi realizada uma roda da história com a leitura do livro “O Jabuti Não Tá Nem Aí”, escolhida por suas rimas e imagens que encantam o universo infantil por meio dos animais, a história aborda o respeito à natureza e o desejo de paz. Após a contação, as professoras facilitaram um momento de compartilhamento e discussão em grupo sobre a história com os relatos dos alunos, baseados no que entenderam da narrativa que foram registrados no quadro branco. Essa atividade divertida, estimulou a criatividade e a imaginação das crianças permitindo que cada uma participasse ativamente da construção do sentido da leitura. Os recursos didá-

ticos e tecnológicos utilizados foram: o livro ‘O Jabuti não tá nem aí’, lápis de cor, lápis de escrever, quadro branco e marcadores, além de um espaço confortável para a leitura.

No dia 17 de outubro, durante as 4 horas/aula, a rotina diária da sala foi realizada com acolhimento com a chamada, músicas infantis, oração, exploração dos cartazes e organização de garrafas e copos. Em seguida, apresentamos vídeos sobre as profissões, explicando cada uma delas. Em seguida, cantamos a música das profissões e, para fixar o tema, desenhemos os nomes das profissões nas mãos dos alunos. Em um segundo momento, contamos a história do livro ‘Carona’, com o objetivo de trabalhar a interpretação infantil e iniciar a abordagem da letra C, incluindo a revisão do seu fonema e sílabas. Na sequência, foi montada uma dinâmica no chão da sala: as sílabas ‘Ca, Co e Cu’ e ‘Ce e Ci’ que foram dispostas embaralhadas em linhas e colunas. Uma imagem representava a primeira sílaba de uma palavra, e as crianças deveriam identificá-la. Ao pegar a sílaba correta, davam um passo à frente. Após passar por todas as etapas, a criança colava a figura na lousa, onde estavam escritas as sílabas iniciais das palavras para que ela as identificasse. Para finalizar as atividades, a aula foi encerrada com uma oração. Os recursos didáticos e tecnológicos utilizados incluíram: A4, televisão, notebook, lápis de cor, lápis de escrever, pincel, tesoura e fita.

No dia 18 de outubro, a aula de 4 horas/aula teve início com a rotina da sala: acolhimento com a chamada, músicas infantis, oração, exploração dos cartazes e orientação para guardar garrafas e copos. Em seguida, apresentamos vídeos e músicas sobre os números de 0 a 20. Em um segundo momento, iniciamos uma atividade pedagógica: o ‘labirinto dos numerais’. As crianças pisavam em cada numeral disposto no chão e colocavam a quantidade correspondente de blocos indicada. Para finalizar, foi realizada uma atividade no caderno focada no numeral 20. Os recursos didáticos e tecnológicos utilizados incluíram: A4, televisão, notebook, lápis de cor, lápis de escrever, pincel, tesoura, fita e blocos de montar.

No dia 21 de outubro, durante as 4 horas/aula, a rotina da sala foi realizada: acolhimento com a chamadinha, músicas infantis, oração, exploração dos

cartazes e orientação para guardar garrafas e copos. Em seguida, as crianças aprenderam músicas relacionadas aos numerais de 0 a 20 e assistiram a um vídeo sobre o numeral 20. Em um segundo momento, foi realizada uma contação de história. Após a narrativa, as crianças tiveram a liberdade de relatar seus pontos de vista sobre a história. Posteriormente, uma atividade de pintura foi proposta, na qual elas deveriam desenhar as características do rosto dos colegas. Para finalizar a aula, houve uma conversa sobre a importância de se conhecer e de reconhecer o outro. Os recursos didáticos e tecnológicos utilizados incluíram: A4, televisão, notebook, lápis de cor, lápis de escrever, pincel, tesoura e fita.

No dia 22 de outubro, a aula de 4 horas/aula iniciou-se com a rotina da sala: acolhimento e organização das garrafas e copos. Em seguida, as crianças participaram da oração e cantaram a música ‘Caranguejo’. Logo após, revisaram o fonema da letra C e jogaram um ‘Jogo da Memória’ com a família silábica. Para o encerramento, foi realizada e colada no caderno uma atividade escrita sobre os números de 0 a 20.

No dia, 24 de outubro durante as 4 horas/aula, a rotina da sala foi realizada: acolhimento com a chamadinha, músicas infantis, oração, exploração dos cartazes e orientação para guardar garrafas e copos. Em seguida, foram trabalhadas músicas para coordenação motora ampla. Após retornarem aos seus assentos, as crianças foram estimuladas a usar a criatividade com os blocos pedagógicos. Para finalizar a aula, foi realizada uma roda de conversa sobre as experiências vivenciadas no dia.

Com o detalhamento da regência, é possível compreender experiência do estágio supervisionado que se revelou um pilar fundamental para o aprimoramento da nossa formação como futuros professores. A estrutura organizada do estágio, compreendendo observação da escola e prática gestora (20h/a), observação da prática docente (20h/a), planejamento das aulas para regência (16h/a) e regência propriamente dita (48h/a), proporcionou uma imersão gradual e consistente no ambiente educacional.

Iniciado em 16 de setembro de 2024, o período de observação, entrevistas, registros fotográficos e análise documental na instituição de ensino permi-

tiu uma compreensão inicial da dinâmica escolar. A extensão dessa observação para o contexto da sala de aula, a partir de 23 de setembro, aprofundou nossa percepção sobre a rotina e as interações pedagógicas. A participação no evento LEEI – Leitura e Escrita na Educação Infantil, em 25 de setembro, na Escola JAMEL, agregou conhecimentos valiosos sobre as práticas de alfabetização.

A fase de regência, conduzida com a turma do 2º período matutino, foi estrategicamente articulada com os cinco Campos de Experiências da BNCC (2018): “Eu, o Outro e o Nós”; “Corpo, Gestos e Movimento”; “Traços, Sons, Cores e Formas”; “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”; e “Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações”. Essa integração visou atender plenamente aos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

As aulas de regência, iniciadas em 8 de outubro, evidenciaram a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, desde o trabalho com o alfabeto, utilizando a ludicidade do “jardim encantado”, até a exploração do numeral 17 em um labirinto numérico, e a introdução da letra C e suas sílabas com o musical “Três Palavrinhas”. As metodologias buscaram engajar as crianças de forma ativa. A utilização de recursos variados, como televisão, caixa de som, alfabeto móvel e materiais concretos (fósforos, blocos pedagógicos), demonstrou a versatilidade necessária para atender às diversas demandas de aprendizagem.

As atividades desenvolvidas abordaram diferentes eixos, como a contação de histórias com foco em valores (“O Jabuti Não Tá Nem Aí”), a exploração de profissões e a interpretação textual (“Carona”), além da constante revisão de conceitos matemáticos e linguísticos. A preocupação com a rotina diária, incluindo acolhimento e momentos de reflexão, reforçou a importância de um ambiente seguro e acolhedor. A Festa das Crianças e a valorização das experiências dos alunos (“desfile em sala”, “conversas sobre a história”, “pintura das características do rosto dos colegas”) ressaltaram o papel do lúdico e da interação social.

Em suma, o estágio supervisionado proporcionou um panorama abrangente da complexidade e riqueza da Educação Infantil. Ao vivenciar a rotina escolar, planejar e executar aulas alinhadas às diretrizes curriculares e refletir so-

bre as práticas pedagógicas e docentes, consolidamos nossa compreensão sobre o desenvolvimento infantil e os desafios inerentes à profissão. Essa experiência prática foi crucial para fortalecer a conexão entre a teoria e a prática realizada na sala de aula, preparando-nos para os futuros desafios da docência com maior segurança e criatividade. Assim, mesmo atuando como mediador no processo de aprendizagem infantil, o professor em formação inevitavelmente enfrentará desafios. Um dos principais reside na transposição do conhecimento adquirido em sua formação acadêmica para a prática. A teoria, nesse contexto, é essencial para que o futuro educador consiga desenvolver metodologias adequadas às especificidades da aprendizagem na Educação Infantil.

Nesse sentido, Oliveira (2004), citado por Colares, Fonseca e Costa (2019, p. 96), argumenta que “a formação desse novo educador deve incluir o conhecimento técnico e o desenvolvimento de habilidades para realizar atividades variadas, particularmente expressivas, e para interagir com crianças pequenas”. Isso sublinha a necessidade de que a teoria não seja apenas absorvida, mas também internalizada e transformada em ferramentas práticas que permitam ao professor construir um ambiente de aprendizagem dinâmico e eficaz, capaz de lidar com a diversidade e as demandas das crianças. Elas estão em constante evolução e, para que alcancem um conhecimento sólido, a mediação do professor é indispensável.

Contudo, é fundamental que essa mediação leve em consideração o conhecimento prévio que a criança já traz de seus contextos: familiar, social e cultural. Ignorar essa bagagem seria desconsiderar parte essencial de sua formação. Conforme Piaget (2016), o desenvolvimento mental da criança e do adolescente é um processo contínuo de construção e equilíbrio. A evolução da mente é comparável à construção de um edifício ou de um mecanismo delicado, onde cada nova etapa adicionada fortalece a estrutura, resultando em maior estabilidade e flexibilidade mental.

A criança, em sua constante jornada de construir conhecimento sobre o mundo, é portadora de uma rica bagagem de curiosidades, pensamentos e imaginações. Diante dessa riqueza de informações, o desafio para o educador é saber como aproveitá-la. O professor precisa estar plenamente ciente dos conte-

údos adquiridos em sua formação acadêmica, pois é a partir dessa base teórica que ele poderá transformar o conhecimento prévio da criança no principal ali-cerce para a construção de seu desenvolvimento cognitivo e social no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Kuhlmann Júnior (1998, p. 65) corrobora ao afirmar que “[...] não é a criança que precisaria dominar conteúdos disciplinares, mas as pessoas que as educam”. Essa citação ressalta que a responsabilidade pela condução e organização do aprendizado recai sobre o adulto. Ou seja, o papel do professor é justamente mediar e direcionar essa bagagem de informações que a criança já possui, articulando-a com os conhecimentos formais para promover uma aprendizagem significativa e contextualizada.

Precisamos estar cientes de que a criança é um ser completo, um todo indissociável em seus aspectos afetivos, cognitivos, sociais e biológicos. Sendo assim, não podemos ignorar, por exemplo, o fato de uma criança estar doente e continuar a aula como se não houvesse relevância. O professor precisa estar atento à turma por completo, o que é um grande desafio, pois exige o dobro de atenção e estratégia. Nessa mesma linha de raciocínio, a questão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta outro desafio significativo. Se o docente não tiver conhecimento sobre o TEA e como trabalhar a inclusão dessa criança, será inevitável que o processo de ensino-aprendizagem seja comprometido, tornando difícil para a criança aprender.

Outro desafio encontrado na regência são os recursos materiais para trabalhar na Educação Infantil. Embora a escola ceda alguns materiais, muitas vezes não são suficientes. Sabemos que para trabalhar com crianças pequenas, é necessária muita criatividade, e isso, por sua vez, requer recursos financeiros para adquirir materiais, atividades lúdicas e brincadeiras. Para professores em formação que muitas vezes não têm emprego, essa situação se torna ainda mais complicada, pois os materiais são caros e tudo o que é levado para a sala de aula precisa ser feito com qualidade. Imaginemos planejar uma aula que necessite de bambolês, E.V.A, cola, bolas, cones, cartolina, tapetes, entre outros materiais essenciais. Se pensarmos em distribuir para todos os alunos em sala,

o custo triplica, e muitas vezes o planejamento é feito pensando no coletivo e não no individual.

Portanto, são muitos os desafios encontrados na Educação Infantil, mas é esperado que, no decorrer da nossa formação, possamos encontrar meios e estratégias para superá-los. Durante a escolarização, percebe-se que as gerações mudam; as crianças do século passado não são as mesmas do século atual. Assim, os métodos de ensino-aprendizagem devem ser constantemente repensados e adaptados. Nesse sentido, durante o planejamento das aulas e elaboração dos planos de aula, houve uma reflexão acerca da ação, ocasião em que levou a pesquisa, ao estudo, análise e reflexão da realidade da escola e da turma de estágio.

Então, Momo; Paiva (2018, p. 121) afirmam que é no processo de intervenção pedagógica que “novas reflexões precisarão acontecer a partir das ações realizadas. Essa tríade pode ser entendida como uma prática pedagógica que se organiza a partir da reflexão-ação-reflexão ou poderia ser da ação-reflexão-ação”. Nessa perspectiva, a reflexão-ação-reflexão é um ciclo pedagógico contínuo. Inicialmente, o professor reflete sobre as necessidades dos alunos e planeja estratégias. Em seguida, ele coloca esse plano em ação por meio de intervenções pedagógicas. Finalmente, após a execução, o professor reflete novamente sobre os resultados, avaliando o que funcionou e o que precisa ser ajustado, aprimorando assim suas futuras práticas.

No ciclo ação-reflexão-ação, o professor inicia com uma ação pedagógica, que pode ser intuitiva ou baseada em práticas comuns. Em seguida, ele reflete sobre os resultados e impactos dessa ação, analisando o que ocorreu. Com base nessa análise, o professor planeja e executa novas ações, agora mais informadas e ajustadas para otimizar o aprendizado. As intervenções pedagógicas são momentos específicos em que o professor age para corrigir ou aprimorar o aprendizado dos alunos. Momo e Paiva (2018) destacam que a prática pedagógica, especialmente durante as intervenções, não é estática. Ela exige que o professor esteja constantemente pensando sobre o que faz, avaliando os resultados de suas ações e usando essas percepções para planejar e executar futuras ações de forma mais consciente e eficaz.

PROJETO DE INTERVENÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS DO 1º E 2º PERÍODO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O projeto de intervenção, realizado na Escola Municipal Prof. Olga de Moraes Rêgo Figueiredo, teve como objetivo possibilitar com que as crianças desenvolvessem as habilidades fundamentais da psicomotricidade, incluindo: coordenação motora fina e ampla, orientação espacial e equilíbrio. Para garantir os resultados significativos, contamos com a parceria dos professores titulares da Educação Infantil do turno matutino com atividades específicas para atender às necessidades dos alunos, promovendo seu desenvolvimento integral neste nível de ensino.

A Educação Infantil é um período fundamental para o desenvolvimento motor das crianças, pois a permanência nesses ambientes estimulam a participação em atividades motoras promovendo a construção de habilidades e competências psicomotoras, criando oportunidades para maior exploração e interação (Kambas, Fatouros, Christoforidis, Venetsanou, Papageorgiou, & Aggeloussis, 2010). Nesse contexto, a psicomotricidade é relevante, pois abrange o aperfeiçoamento das capacidades motoras integradas ao funcionamento mental, auxiliando no entendimento e no controle do próprio corpo.

A psicomotricidade é vista como importante, especialmente na infância, fase em que as funções motoras e cognitivas começam a se estabelecer e a se coordenar, e tem como base a ideia de que aprender a controlar o corpo é o primeiro passo para desenvolver o autocontrole e o comportamento (Fonseca, 2012). Isso significa que o domínio das habilidades motoras está intimamente ligado ao desenvolvimento psicológico e comportamental das crianças. A educação psicomotora, como definida por Barreto (2000), representa uma abordagem que valoriza o aprendizado por meio do corpo e do movimento, considerando a idade, a cultura corporal e as necessidades específicas de cada criança. Essa prática tem uma função preventiva, ou seja, pode ajudar a evitar problemas como dificuldade de concentração, confusão de letras e sílabas, além de problemas no reconhecimento de palavras, que podem surgir durante o aprendizado da leitura e da escrita. Assim, a educação psicomotora contribui

para o desenvolvimento das habilidades intelectuais das crianças, preparando-as para os desafios acadêmicos e sociais futuros (Fonseca, 2005).

A escola é o cenário ideal para promover e melhorar as habilidades motoras das crianças, contribuindo para a otimização do seu desenvolvimento integral. Nesse sentido, Harms, Clifford e Cryer (2013) destacam que um ambiente escolar bem estruturado é fundamental para o desenvolvimento infantil, sendo importante que a organização física, a rotina, os materiais disponíveis e as interações favoreçam uma educação de qualidade. No entanto, muitas instituições de Educação Infantil enfrentam limitações, como áreas de lazer reduzidas, espaços físicos estreitos, grandes números de alunos por turma e falta de recursos para atividades práticas voltadas ao desenvolvimento motor.

Durante o estágio na Educação Infantil, observamos a presença desses desafios, além disso, percebemos dificuldades específicas em algumas crianças em relação ao desenvolvimento psicomotor, especialmente no que diz respeito à coordenação motora fina e ampla, orientação espacial e equilíbrio. Esses fatores evidenciam a necessidade de ambientes educativos mais preparados e recursos apropriados para que as crianças possam desenvolver suas habilidades motoras e psicomotoras de forma plena. Quando o espaço, os materiais e a estrutura estão alinhados às necessidades infantis, a escola pode fortalecer seu papel no apoio ao desenvolvimento integral, proporcionando experiências de aprendizado que enriquecem o processo e incentivam um crescimento equilibrado e harmonioso.

Desta maneira, o projeto de intervenção buscou proporcionar atividades práticas que permitam a criança explorar e desenvolver essas habilidades de maneira lúdica e estruturada, nas atividades que estimulam a coordenação motora fina e ampla, além de favorecer a orientação espacial e o equilíbrio, aspectos muito importantes no desenvolvimento psicomotor infantil. A proposta da intervenção iniciou por meio das atividades pedagógicas focadas na psicomotricidade da criança, tendo como aspectos fundamentais: a coordenação motora fina e ampla, orientação espacial e o equilíbrio.

No primeiro momento da atividade foi realizado um exercício atendendo as especificidades infantil, incentivando-as a se movimentarem para alongar

o corpo e desenvolver a percepção corporal. Durante essa etapa, trabalhamos com movimentos simples, como levantar os braços, abaixar-se, girar o corpo e saltar, estimulando-as a perceber as direções e preparar o corpo para as atividades principais. Após o exercício, apresentamos a “Lata Musical”, em que dentro dela, fichas foram adicionadas contendo diferentes músicas infantis que envolvem movimentos variados e noções de orientação espacial. Explicamos às crianças que, a cada ficha retirada da lata, uma nova música será apresentada com movimentos específicos que irão praticar conceitos como “frente”, “atrás”, “direita” e “esquerda” de forma lúdica e interativa. Essa dinâmica permite que as crianças ao cantar e se movimentar com as músicas, aprendam e se familiarizem com noções espaciais de maneira divertida e educativa. A coordenação motora fina e ampla foi desenvolvida por meio da atividade lúdica do bambolê, bolinhas e as duplas.

As crianças formaram duplas com o objetivo de estimular a interação entre elas e o trabalho em equipe, coadunando com as palavras de Berger (2016, p. 149) “enquanto uma criança tem a possibilidade de brincar em um espaço adequado e ter os colegas e estruturas apropriadas para brincar, as habilidades motoras grossas desenvolve-se tão rapidamente quanto ao permitem o amadurecimento, o tamanho do corpo e a capacidade inata”. A palavra da autora nos direciona para o momento da brincadeira em sala, no entanto com o auxílio das professoras regentes as duplas utilizaram apenas um bambolê envolta do corpo, e quatro deles ficaram no chão da sala, na distância de um metro e meio da caixa de bolinhas, as crianças fizeram o percurso até esvaziar caixa.

O último momento foi trabalhado o equilíbrio que para desenvolvê-lo foi necessário adaptar o local para permitir que as crianças sintam-se à vontade para participar, e para um bom aproveitamento da dinâmica, os minutos são regrados. Com as cadeiras organizadas nas laterais, fizemos uma abertura para realizar a atividade, colocando uma fita no chão formando um caminho, cada criança teve sua vez que com um suporte nas duas mãos tiveram que equilibrar as bolas do lado direito e esquerdo, até finalizar o percurso. Essa intervenção pedagógica foi planejada para promover o desenvolvimento integral das crianças, focando em habilidades motoras e de orientação espacial de forma lúdica e interativa.

REFLEXÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado I como disciplina obrigatória, assume um papel central na formação de futuros docentes. Para tanto, a leitura e compreensão dos documentos legais que norteiam a Educação Infantil são imprescindíveis. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e a Constituição Federal de 1988 constituem os pilares legislativos que amparam essa primeira etapa da Educação Básica, fornecendo o arcabouço para a prática docente.

A relevância do estágio é amplamente discutida por autores como Pimenta (2002), que enfatiza que o professor em formação não se limita à execução de atividades, pelo contrário, ele é instigado a analisar criticamente a realidade escolar, aprofundando-se nos processos de ensino-aprendizagem e avaliando os resultados alcançados. Pimenta (2002) ressalta que “o estágio realizado com pesquisa e como pesquisa contribui para uma formação de melhor qualidade de professores e de pedagogos”. Essa perspectiva evidencia que o estágio é um espaço privilegiado para a integração entre teoria e prática, possibilitando a proposição de transformações e articulando os conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas ao longo da graduação.

A importância do planejamento prévio se destaca como elemento fundamental para uma atuação organizada e eficaz, mesmo diante de imprevistos. A articulação com as diretrizes da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e as orientações da BNCC são essenciais para a estruturação das aulas. O detalhamento da regência, por sua vez, proporciona uma visão abrangente das experiências de campo, que devem ser encaradas não apenas como desafios, mas como oportunidades estratégicas para o aprimoramento da formação docente. Cada aspecto, desde as metodologias aplicadas até a seleção do conteúdo, contribui significativamente para o desenvolvimento profissional.

No contexto da intervenção pedagógica, a “tríade” descrita por Momo e Paiva (2018) — reflexão-ação-reflexão ou ação-reflexão-ação — torna-se um princípio orientador. Durante a regência, a constante reflexão sobre as ações,

métodos, estratégias e recursos empregados permite avaliar a efetividade da aprendizagem e identificar os pontos que demandam intervenção. Esse ciclo contínuo de análise e ajuste assegura que as práticas da docência estejam sempre voltadas para o efetivo auxílio no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

REFERÊNCIAS

BARRETO, S. J. (2000). **Psicomotricidade: Educação e reeducação**. Blumenau: Acadêmica.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016. 570 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

DA FONSECA, Vitor. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. Art-med Editora, 2009.

FONSECA, V. **Psychomotor Observation Manual: psiconeurológica meaning of psychomotor factors**. 2. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.

HARMS, T.; CLIFFORD, R. M.; CRYER, D. ECERS-R: **Escala de avaliação do ambiente em educação de infância**. [S.l.]: [s.n.], 2013. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/70979/2/91681.pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIBANEO, José Carlos. O planejamento escolar. In: **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜCK, Heloísa et al. Dimensões da gestão escolar e suas competências. **Curitiba: Editora Positivo**, v. 1, p. 18, 2009.

MOMO, Mariangela; PAIVA, Maria Cristina Leandro. **Estágio supervisionado na educação infantil II**. Natal: EDUFRN, 2018.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim, Paulo Sergio Lima Silva. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016. 139 p. v. 1. ISBN 978-85-309-6777-2.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

SANT'ANNA, F. M. et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 2ª ed. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo – elementos metodológicos para a elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, 1995.

SOBRE O ORGANIZADOR

Tiago Pereira Gomes

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2018). Especialista em Língua Brasileira de Sinais com Habilitação em Docência e Interpretação pela UNIFSA (2012). Especialista em Gestão e Supervisão Escolar com Docência do Ensino Superior-IESM (2013). Graduado em Pedagogia pela UNIFSA (2010). Pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Formação, Avaliação, Gestão e Currículo-NUFAGEC/UFPI e do Grupo de Pesquisa em Educação, Formação e Ensino para a diversidade- GPEFED/ICET/UFAM. Foi professor da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Teresina-PI (2011-2019). Coordenador Local do PARFOR/UESPI- núcleo de José de Freitas-PI (2017-2019). Tem experiências como técnico em Educação na Rede Municipal e Privada de Ensino de José de Freitas-PI. Trabalhou como consultor e assessor pedagógico na Educação Básica. Atualmente é Professor Adjunto do Instituto de Ciências e Tecnologias -ICET da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, no curso de pedagogia nas disciplinas de Estágios (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental), Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, Gestão em espaços escolares e não escolares, entre outras. Pesquisador permanente do Programa de Pós Graduação em Ciências, Tecnologia e Saúde-PPGCTS-ICET/UFAM (Mestrado). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Básica e Superior. Formação de professores. Práticas: educativa, pedagógica e docente. Saberes e fazeres docentes. Estágio, avaliação, Gestão e Currículo.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8324-3723>

Email: tiagopg@ufam.edu.br

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Geovanna Dias Mota

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, campus Itacoatiara(ICET). Formada em técnico em administração no Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Atuou em duas monitorias acadêmicas, sendo a Monitoria do núcleo de Inclusão e Acessibilidade (2022-2024), com acompanhamento de alunos com Esquizofrenia, Discalculia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a monitoria de Educação Inclusiva, com apoio pedagógico e auxílio nas atividades da disciplina. Participou de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) como bolsista da FAPEAM. Atualmente, participa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID) como bolsista, desenvolvendo atividades nos anos iniciais do Ensino Fundamental com o título Letramento étnico racial. Além de participar da comissão organizadora do Portas Abertas do Curso de Pedagogia e da comissão organizadora do ciclo de palestras em uma escola de Itacoatiara. Possui experiência na área da educação, com ênfase em inclusão de pessoas com deficiência, na elaboração de materiais pedagógicos e na aplicação de metodologias voltadas para diversidade e inclusão escolar. Participou de congressos na área de educação, com publicações e apresentações de trabalhos acadêmicos.

E-mail: geovannadias2709@gmail.com

Luana Almeida Cavalcante da Costa

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador(a) em formação na área da Educação com experiência prática que envolveu o suporte direto a um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), atuando como Auxiliar de Vida em ambiente escolar (2022). Esta vivência é complementada por um forte embasamento teórico-prático, que inclui a participação na Jornada de Práticas Inclusivas da Criança com Autismo (Faculdade Rhema) e a condução de palestras sobre TDAH e Deficiência Auditiva. Possui experiência em

pesquisa acadêmica, tendo integrado a equipe de um projeto de mestrado dedicado à identificação de transtornos do desenvolvimento da coordenação em escolares (2022). Além disso, atuei como monitor(a) da disciplina História da Educação I (ICET) e participei do XXII SEINPE (Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), reforçando meu compromisso com a pesquisa e o ensino. Participei ativamente do Projeto Atlas: Mapeando dificuldades e integrando a comunidade com a pesquisa aplicada e o engajamento comunitário, realizado na Universidade Federal do Amazonas. Na Delegacia Civil de Itacoatiara (AM), atuei como auxiliar da Escrivã(o), acompanhando procedimentos com crianças vítimas de violência. Era responsável pela elaboração de relatórios, encaminhamentos ao serviço social do município e acompanhamento pedagógico das famílias. Possuo qualificações em Informática Básica (Windows) e domínio avançado em Word e Excel. E-mail: luaalmeida317@gmail.com

Marilena Amorim Cunha

Licencianda em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), campus Itacoatiara. Atuou em três monitorias acadêmicas, sendo uma no Núcleo de Acessibilidade, com acompanhamento de estudante com discalculia, outra na disciplina de Didática, com apoio pedagógico e orientação de atividades acadêmicas, e uma na disciplina de Planejamento, auxiliando na elaboração de planos e estratégias de ensino. Participou de dois projetos de Iniciação Científica (PIBIC) bolsista e voluntária. Atualmente participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como bolsista desenvolvendo atividades pedagógicas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com título Letramento étnico-racial. Também participou como voluntária em uma dissertação de mestrado, colaborando em atividades de pesquisa. Possui experiência em elaboração de sequências didáticas, planejamento de aulas, produção de materiais pedagógicos e aplicação de metodologias voltadas para a diversidade cultural e inclusão escolar. Participou de congressos e seminários na área da educação, com apresentação e publicação de trabalhos acadêmicos.

E-mail: amorim.marilena28@gmail.com

Mirian Monteiro Torres

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Exatas e Tecnologia (ICET) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Durante minha formação, participei de projetos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), incluindo o projeto Análise de conteúdo de livros didáticos para a alfabetização de jovens e adultos em Itacoatiara e região do Médio Amazonas em 2018, e posteriormente o projeto Itinerários formativos e projetos de vida no novo Ensino Médio: propostas e processos de implantação na rede estadual em Itacoatiara-AM. Nesses projetos, desenvolvi habilidades em estudo qualitativo de análise documental, incluindo codificação e categorização, e mapeamento de políticas públicas e suas implicações para a educação local, com enfoque crítico e dialético. Além disso, fui monitora da disciplina ITP005 História da Educação I no ICET. Atualmente, participo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvendo trabalho sobre letramento étnico-racial e afro-brasileiro em uma escola pública de 1º ao 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

E-mail: mirian.torres2001@gmail.com

Silvania Victória Leal Batista

Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tenho experiência em diversos eventos e projetos acadêmicos. Participei da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e do Programa de Aperfeiçoamento de Professores Olímpicos PROLÍMPICO Nível A - Fundamental 1 (3 ao 5 ano), promovido pelo IMPA. Atuei como membro do Comitê Organizador do evento “Puxirum Acadêmico IV na Semana de Ensino em Ciências: Matemática e Física: Perspectivas e desafios no pós-pandemia para o Ensino e Aprendizagem da Matemática e da Física em Itacoatiara e ministrei uma palestra sobre tipos de deficiência. Fui integrante do projeto de pesquisa de mestrado “Identificação de escolares com provável transtorno do desenvolvimento da coordenação: um olhar para uma cidade da região do Médio Amazonas”, desempenhando a função de equipe de pesquisa. Também participei da Exposição

de Jogos Didáticos de Língua Portuguesa e Matemática para o Ensino Fundamental Anos Iniciais (UFAM) e atuei como monitora na disciplina de Alfabetização e Letramento. Apresentei no XXII SEINPE Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, em Manaus-AM, a temática “Bonecas negras para crianças: fortalecimento da autoestima e aceitação racial”. Fiz estágio na Delegacia de Itacoatiara-AM, onde atuei no acompanhamento pedagógico de crianças vítimas de violência, na elaboração de relatórios e encaminhamentos ao serviço social do município, além de realizar atendimento ao público e oferecer suporte às famílias. Atualmente, sou bolsista PIBIC, desenvolvendo a pesquisa intitulada “Os processos de construção do conhecimento matemático na Educação Infantil”, e também sou bolsista do PIBID.
E-mail:silvania15leal@gmail.com

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

EXPERIÊNCIAS DA PRÁTICA EM ESCOLAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

